

ROSANA CLÁUDIA DA SILVA

A EMOÇÃO “MAQUIADA” DE RAZÃO: ASPECTOS PROSÓDICOS E ARGUMENTATIVOS DE UMA PALESTRA ESPÍRITA KARDECISTA

Dissertação apresentada á Universidade de Franca, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Flávia de Figueiredo Pereira Bollela.

FRANCA
2008

Catálogo na fonte – Biblioteca Central da Universidade de Franca

S583e

Silva, Rosana Cláudia da

A emoção “maquiada” de razão : aspectos prosódicos e argumentativos de uma palestra espírita kardecista / Rosana Cláudia da Silva ; orientador: Maria Flávia de Figueiredo Pereira Bollela. – 2008

102 f. : 30 cm.

Dissertação de Mestrado – Universidade de Franca

Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestre em Linguística

1. Linguística – Discurso – Espiritismo. 2. Espiritismo (kardecismo) – Palestra. 3. Palestra espírita kardecista – Aspectos prosódicos. 4. Palestra espírita kardecista – Aspectos argumentativos. I. Universidade de Franca. II. Título.

CDU – 801:82.085:133.7

ROSANA CLÁUDIA DA SILVA

A EMOÇÃO “MAQUIADA” DE RAZÃO: ASPECTOS PROSÓDICOS E ARGUMENTATIVOS DE UMA PALESTRA ESPÍRITA KARDECISTA

Presidente: Profa. Dra. Maria Flávia de Figueiredo Pereira Bollela
Universidade de Franca

Titular 1 Prof. Dr. Juscelino Pernambuco
Universidade de Franca

Titular 2 Profa. Dr. Antônio Suárez Abreu
Universidade estadual Paulista - Araraquara

Franca, 10/03/08

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares pelo apoio e incentivo ao longo de toda esta jornada e, sobretudo pela crença depositada;

à minha orientadora, Profa. Dra. Maria Flávia de Figueiredo Pereira Bollela, por ter me mostrado o caminho a percorrer com ensinamentos que ultrapassaram o aspecto acadêmico;

aos meus amigos pela força e, em especial, à Maíra uma alma magnânima, que muito contribuiu para a realização deste trabalho;

aos meus sobrinhos, meu tudo na vida.

A enunciação da palavra ganha em si mesma valor de ato simbólico: graças à voz ela é exibição e dom, agressão, conquista e esperança de consumação do outro; interioridade manifesta, livre da necessidade de invadir fisicamente o objeto de seu desejo: o som vocalizado vai de interior a interior e liga sem outra mediação, duas existências.

Paul Zunthor

RESUMO

SILVA, Rosana Cláudia da. A Emoção “Maquiada” de Razão: Aspectos Prosódicos e Argumentativos de uma Palestra Espírita Kardecista. 2008. 102 f. Dissertação (em Lingüística) – Universidade de Franca, Franca.

Esta dissertação estuda a atuação dos elementos prosódicos na palestra espírita kardecista, um discurso religioso de ordem doutrinária, procurando conhecer como a velocidade da fala e o volume, elementos prosódicos, operam argumentativamente corroborando para que se efetue a persuasão. O *corpus* deste trabalho é composto pela gravação em áudio de uma palestra realizada por Divaldo Franco: *Provas Científicas da Existência de Deus*. São analisados os aspectos orais do discurso religioso que toma forma de palestra em sua constituição argumentativa, para verificar a relação entre a prosódia e a argumentação com objetivo de persuadir. A pesquisa levou em conta os elementos verbais do discurso para a produção dos efeitos de sentido em um discurso cuja pretensão é induzir a crença com base em raciocínios que se pautam pela razão, mas que, no entanto, apresenta uma gama de elementos do plano da emoção. Para realizar a ação proposta, a análise fundamentou-se na Fonética e na Fonologia, na Nova Retórica e Argumentação e na Análise da Conversação. O estudo permitiu verificar que a morosidade e a entoação monocórdica são traços constitutivos da palestra analisada. Comprovou também que, os elementos prosódicos, em especial, volume e velocidade, agregam a palestra uma maior dinamicidade. Fato que se mostra com mais evidência nos momentos em que o orador manifesta construções discursivas ligadas mais ao *ethos* e ao *pathos* do que ao *logos*. A análise revelou ainda, que os elementos prosódicos e argumentativos articulados conjuntamente no discurso proferido pelo orador emprestam à palestra um aspecto mais emocional do que racional em oposição ao que defende no plano semântico. Deste modo, espera-se que a pesquisa contribua com os estudos já realizados sobre o assunto, despertando o interesse por novas pesquisas.

Palavras Chave: Prosódia; oralidade; argumentação; palestra espírita.

ABSTRACT

SILVA, Rosana Cláudia da. Elementos Prosódicos e Argumentativos na Palestra Espírita Kardecista com Função Persuasiva. 2008. 102 f. Dissertação (em Linguística) – Universidade de Franca, Franca.

This dissertation studies the performance of prosodic elements, speech speed and volume, in a kardecist spiritist lecture, a religious doctrinal discourse, in order to learn about their argumentative working towards persuasion. The audio recording of the lecture *Provas Científicas da Existência de Deus* by Divaldo Franco constitutes the *corpus*. The oral aspects of this religious discourse are analyzed to verify how the relationship between prosody and argumentation leads to the act of persuading. The research has considered the verbal elements which produce meaning in a discourse which, on the one hand, has the aim of inducing belief based on reasoning, and on the other hand, has a series of elements connected to the emotions. The analysis has as its fundamentals the principles of Phonetics and Phonology, of the New Rhetoric and Theory of Argumentation and of Conversation Analysis. This study made it possible to verify that moroseness and monochordic intonation are constitutive traits of the analyzed lecture. It is also important to note that the prosodic elements, especially volume and speed, give more dynamicity to the lecture, what is most noticeable when the lecturer uses discursive constructions more related to *ethos* and *pathos* than to *logos*. In addition, it can be stated that the prosodic elements together with the argumentative ones lead the text to a more emotional side in contrast with the rational one expressed in semantic terms. Finally, this investigation may contribute to the studies already done in this area and also raise the interest for new researches.

Keywords: Prosody; orality; argumentation; spiritist lecture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 —	Saudação Espírita	42
Figura 2 —	Aconselhamento	44
Figura 3 —	Máxima Espírita	46
Figura 4 —	Hipotipose	50
Figura 5 —	Deus Morreu	51
Figura 6A —	Casal Stanford	52
Figura 6B —	Digressão	54
Figura 7 —	Sermão	56
Figura 8A —	O pescador	60
Figura 8B —	Leland	62
Figura 9 —	Morte de Leland	64
Figura 10A —	Exemplo de pseudodiscurso	67
Figura 10B —	Creio	68
Figura 11 —	Submissão	70
Figura 12 —	Ironia	72
Figura 13 —	O Feminino	74
Figura 14 —	Onomatopéia	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O DISCURSO RELIGIOSO	15
1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO RELIGIOSO	15
1.1.2 A palestra espírita kardecista: uma breve caracterização	16
1.1.3 A palestra de Divaldo Franco.....	20
2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS	22
2.1 A PROSÓDIA.....	22
2.1.1 Uma breve caracterização do termo.....	22
2.1.2 Funções dos elementos supra-segmentais prosódicos	24
2.1.3 As diferentes funções dos elementos prosódicos no discurso	26
2.2. A ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO	29
2.3 TEORIAS RETÓRICO-ARGUMENTATIVAS	31
2.3.1 A retórica	31
2.3.2 A concepção de auditório	34
2.3.3 O acordo na argumentação	35
2.3.4 As figuras	36
2.3.5 Tipos de argumento	37
3. ANÁLISE	38
CONCLUSÃO	78
REFERÊNCIAS	81
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	84
ANEXOS	85

INTRODUÇÃO

A presente dissertação estuda a atuação dos elementos prosódicos na palestra espírita kardecista, um discurso religioso de ordem doutrinária, procurando conhecer como a velocidade da fala e o volume, elementos prosódicos, operam argumentativamente corroborando para que se efetue a persuasão. O *corpus* deste trabalho é composto pela gravação em áudio de uma palestra realizada por Divaldo Franco: *Provas Científicas da Existência de Deus*. São analisados os aspectos orais do discurso religioso que toma forma de palestra em sua constituição argumentativa para verificar a relação entre a prosódia e a argumentação com objetivo de persuadir.

A escolha pelo estudo do discurso religioso é fruto de observações pessoais, a partir de vivência de mudanças históricas e sociais. Além disso, foi na posição de participante de um grupo de pesquisa, que tem o texto religioso como objeto de análise, que surgiram questionamentos acerca do significativo número de trabalhos sobre o discurso religioso católico e evangélico e, conseqüentemente, o interesse pelas manifestações lingüístico-discursivas presentes em outras configurações religiosas.

A partir de um levantamento de pesquisas, observou-se que um dos seguimentos religiosos que apresenta significativa relevância numérica na conjuntura brasileira é o espiritismo. Nos dados do último censo (de 2000), os kardecistas são mensurados em cerca de 2,2 milhões de adeptos (Lewgoy, 2006). Esse fato gerou o interesse em conhecer o indivíduo partícipe do espiritismo em sua constituição discursiva e também como e quais elementos lingüísticos e argumentativos são usados na palestra, além das estratégias de convencimento que podem corroborar o êxito na recepção de novos adeptos.

A escolha por analisar os aspectos da discursividade deve-se ao fato de ser a palestra um meio de manifestação do kardecismo pouco conhecido fora das hostes do espiritismo, além de ser uma das formas de doutrinação coletiva de um segmento que não apresenta um conjunto de atos ritualísticos para a pregação. A partir da observação, surgiu uma característica marcante do grupo dos kardecistas em relação a seus textos orais: um público silencioso, a ausência de pregação em volume alto e bastante lentas em relação á

velocidade de fala. Tal ocorrência lingüística levou a questionamentos sobre a função desses elementos lingüísticos na palestra, sua contribuição para o aspecto argumentativo e persuasivo. Assim, surgiu o interesse em investigar a palestra, um texto religioso espírita oral, sob o escopo das teorias fonológicas, mais precisamente da Prosódica, e da teoria da argumentação com enfoque nas figuras retóricas buscando, assim, compreender os valores semânticos que o uso da figuras argumentativas agregam ao processo da persuasão.

Elegeu-se a oralidade por esta ser um dos poucos elementos que se assemelha aos ritos religiosos coletivos tradicionais. Portanto, a escolha se deu pelo estudo das incidências contidas na fala. Assim, os elementos prosódicos se revelaram um ponto interessante para o estudo do texto como instrumento que contribui para persuadir. Scarpa (apud BOLLELA, 2006, p. 2) evidencia os estudos prosódicos como um campo bastante profícuo, pois estaria “na encruzilhada entre prosa e poesia, lingüística e engenharia do som, entre sintaxe e semântica, entre fonética e fonologia entre língua e discurso”.

A pesquisa busca desenrolar-se na “intersecção entre a língua e o discurso”. Para tanto, optou-se por dar maior ênfase ao elemento prosódico da variação da duração, a velocidade da fala, e ao elemento prosódico da intensidade sonora, o volume que, aliados aos conceitos da Nova Retórica e da argumentação, procuram refletir sobre os efeitos de sentido que as modulações vocais empregadas podem trazer ao enunciado. Os demais elementos prosódicos serão mostrados no decorrer da análise quando sua presença for significativa para análise.

O objetivo desta pesquisa é verificar de quais formas os elementos prosódicos da velocidade da fala e da intensidade sonora, aliados a recursos argumentativos, concorrem para que ocorra a persuasão na palestra espírita kardecista.

Para o presente estudo, será utilizada como *corpus* uma palestra em áudio, com tempo total de 73 minutos e 18 segundos, do orador Divaldo Franco cujo título é *Provas Científicas da Existência de Deus*. Para a análise acústica dos elementos prosódicos utilizou-se o programa computacional de engenharia de som: *Praat* (versão 4.1).

O referido orador foi escolhido por ser um dos mais tradicionais e conhecidos divulgadores da doutrina kardecista e gozar de significativa notoriedade no meio espírita. Com 80 anos de idade, 50 deles dedicados à doutrina, Divaldo Franco é também autor de diversos livros de psicografia e tem ministrado palestras no Brasil e no mundo nesses 50 anos. É um orador que já realizou mais de 11.000 palestras em mais de 2.000 cidades em todo Brasil e em 62 países. Possui ainda um programa semanal na TV Mundo Maior que se chama: *Conversando Com Divaldo Franco*. Além destas atividades, o orador realiza obras sociais na

Bahia que são conhecidas em todo o meio religioso. Ele é, na atualidade, uma referência para os espíritas kardecistas brasileiros.

Este trabalho poderá contribuir para entender como os elementos supra-segmentais da velocidade e volume atuam argumentativamente no texto oral religioso espírita. Entendimento este que poderá suscitar questionamentos que levem em consideração a argumentação e a prosódia. Ademais, uma análise de elementos argumentativos e elementos supra-segmentais em consonância pode suscitar novos olhares teóricos em estudos lingüísticos futuros. Apesar da existência de muitos trabalhos sobre o discurso religioso e a prosódia, notou-se que ainda não há estudos voltados para a relação entre prosódia e argumentação dentro do texto religioso espírita nas ciências lingüísticas e um olhar aprofundado sobre o assunto pode contribuir com dados e reflexões em estudos futuros.

O discurso religioso vem sendo focado sob diferentes perspectivas, entretanto, estas seriam basicamente a partir do aparato teórico da Análise do Discurso e muito pouco sobre o aspecto da oralidade. Os estudos geralmente são sobre os textos evangélicos ou católicos. Esta pesquisa se utilizará de outras vertentes metodológicas buscando promover novos avanços enfocando os aspectos orais do texto e, mais precisamente, a função argumentativa dos elementos prosódicos na palestra espírita que, na atualidade, não é uma vertente muito explorada pelas ciências lingüísticas.

O espiritismo brasileiro tem sido pesquisado por diferentes áreas das ciências humanas. São encontradas pesquisas nas áreas das ciências médicas, como é o caso da pesquisa intitulada: *Apoio social e religião*: uma forma de enfrentamento dos problemas de saúde, apresentada como dissertação de mestrado por Márcia Cristina. L. C. Pietrukowicz na Fundação Oswaldo Cruz em 2001. Nesse trabalho, a autora se propõe a investigar a relação entre a prática religiosa e as ações relacionadas à saúde procurando entender o papel das entidades religiosas como apoio social. Na área de promoção de saúde existem muitas pesquisas que fazem da religiosidade espírita seu objeto de estudo. Há um grande interesse também na área da psicologia, psicanálise e psiquiatria.

O Direito também tem realizado estudos nesse campo. Algumas dissertações que enfocam diretamente o espiritismo como: O Direito Autoral na Obra Psicografada, dissertação de mestrado realizada na UNESP (1999) por Eliseu F. da Mota Jr, na qual discute a questão da autoria da obra psicografada procurando responder a indagação sobre quem seria o titular dos direitos autorais. O autor analisa outras explicações para o fenômeno da Psicografia recordando como tais textos foram utilizados como prova judicial em processos e cita o “caso Humberto de Campos” no qual os herdeiros do escritor, detentores dos direitos

autorais, moveram uma ação na justiça contra o médium Chico Xavier e a FEB (Federação Espírita Brasileira). Pois, após a morte do escritor, surgiram na literatura mediúnica, obras psicografadas por Chico Xavier cuja autoria foi atribuída ao escritor maranhense. A família pedia que a justiça decidisse se as obras eram ou não do “Espírito de Humberto de Campos”. Em caso negativo pleiteavam a apreensão das obras e punição para os responsáveis pela circulação das mesmas. Em caso afirmativo, pediam uma decisão sobre quem seriam os destinatários legais dos direitos autorais da obra mediúnica: a família ou a FEB. O juiz não aceitou a ação afirmando que ao morrer, o indivíduo perde seus direitos civis, portanto, Humberto de Campos não poderia retomá-los.

Este é um campo das ciências humanas que tem se dedicado a pesquisas que mostram o inusitado de algumas decisões judiciais que tomaram como prova dos autos, textos psicografados. Fatos indicativos de mudanças na área das Ciências Jurídicas, Sociais e Aplicadas, como é o caso da obra de M. Timponi de (1959) *A Psicografia Ante os Tribunais* que relata como pela primeira vez em um tribunal brasileiro os textos psicografados têm assegurada sua autenticidade.

Outro segmento que produz estudos sob este tema é a antropologia. As pesquisas antropológicas são as que mais têm se dedicado à questão do espiritismo na área científica no Brasil. Destacam-se também as investigações que se voltam para a história do movimento, como é o caso da tese de doutorado de Sandra J. Stoll (1999): *Entre Dois Mundos: o Espiritismo da França e do Brasil*. Outros trabalhos traçam o perfil da doutrina através de seu maior representante, Chico Xavier. E, ainda, outros estudos se voltam para a questão da instrução acadêmica dos espíritas como a tese de doutorado de B. Lewgoy (2000), *Os Espíritas e as Letras - Um Estudo Antropológico Sobre a Cultura Escrita e Oralidade no Espiritismo Kardecista*, na qual investiga a questão do letramento dos espíritas no Brasil.

Nas ciências linguísticas foi encontrado apenas um trabalho que enfoca ao texto kardecista sob o ponto de vista do discurso: a dissertação de mestrado de A. C. Damazo – *Análise de Assunto de Conto Espírita por Meio de Percurso Figurativo e do Percurso Temático* defendida em 2006, na Universidade Estadual Paulista de Marília. Convém ressaltar que esta é uma pesquisa realizada na área da Ciência de Informação e o aparato metodológico da Semântica Discursiva foi utilizado no processo de interação entre as duas ciências. O discurso espírita, focado sob o aspecto da oralidade ou da fala em seus elementos constitutivos, tem recebido pouco ou nenhum destaque nos estudos linguísticos atuais. Assim, percebê-lo sob a ótica de sua prosódia constitui-se em uma possibilidade de conhecimento

muito promissora para os estudos do texto em seus aspectos orais, uma vez que pode revelar alguns aspectos da persuasão que ainda não foram contemplados ou evidenciados.

O trabalho se divide em três capítulos. O primeiro capítulo trata da constituição do discurso religioso de modo geral e descreve as características da palestra espírita conceituando-a como um discurso religioso e procurando apontar no *corpus* as incidências apresentadas. O segundo versa sobre a fundamentação teórica utilizada: a Prosódia, que se prestou para lançar um olhar sobre o aspecto oral do discurso e a Análise da Conversação que se revelou mais profícua no estudo das narrativas da palestra e, por fim, a Nova Retórica com a concepção de argumentação e figuras retóricas que forneceu bases para a investigação dos aspectos argumentativos do *corpus*. O terceiro capítulo constitui-se da análise propriamente dita, que foi realizada com o auxílio do programa computacional *Praat*.

A cultura brasileira se mostra permeada por práticas espíritas e, como esse segmento religioso se mostra cada vez mais presente no cotidiano da sociedade, são interessantes estudos que busquem conhecer o indivíduo que participa desse segmento, conhecer as práticas sociais do homem por meio do seu discurso.

1. O DISCURSO RELIGIOSO

1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO RELIGIOSO

Orlandi (1987) define o discurso religioso como aquele em que “fala a voz de Deus: do padre, do pregador ou de qualquer representante seu”. Ainda faz uma distinção entre discurso teológico e religioso. O primeiro seria aquele em que a mediação entre a alma religiosa e o sagrado seria feita por uma sistematização dogmática das verdades religiosas, conseqüentemente mais formal, e o último seria aquele em que há uma relação espontânea com o sagrado, mais informal.

A palestra espírita kardecista¹ é uma atividade discursiva que se manifesta via explanações orais e que possui uma intenção clara em sua tessitura: instruir os adeptos. Esta finalidade específica a inclui na categoria de discurso religioso autoritário-persuasivo porque põe, diante do ouvinte, a forma mais visível de persuasão e, concomitantemente, o mais invisível e persuasivo (CITELLI 2005, p. 61). A partir dessas observações, procura-se verificar como é construída a relação do homem com Deus - que se presentifica na conferência oral apresentada por Divaldo Franco.

As reflexões que seguem se baseiam nas teorias de Nascimento (1993) sobre o discurso religioso católico. Conforme o autor, homem e religião se refletiriam *na e pela* linguagem que oferece possibilidades de compreender o mundo, sendo ela também produtora de discurso, um modo de o homem expressar como vive em relação a este. Assim, a palavra objetiva constituiria um universo discursivo em que a relação homem e religião estariam em íntima comunhão em um discurso coeso e coerente. O discurso religioso se estabeleceria na relação simétrica e, o ato de crer, a fé, ajudaria o homem a transpor a noção do sagrado para todas as coisas, uma vez que a concepção de religião manifestada evidenciaria com isso, a existência de um ser que se diz na palavra.

Para o autor, o discurso religioso se estabelece simetricamente, ou seja, ambos, Deus e homem, podem pertencer a ordens de mundos correspondentes. Ainda para Nascimento (1993), o homem no mundo atual, na intenção de se ligar à divindade, supera a

¹ O termo palestra espírita kardecista será empregado para se referir especificamente a pregação dos seguidores de Kardec, uma vez que no Brasil, o termo espírita é também designativo das religiões afro como a umbanda e outras.

dependência e ocupa o lugar dos deuses com a repetição de falas e gestos em uma construção de mundo pautada no racional em oposição ao mundo mítico. O ritual é o espaço em que o homem constrói racionalmente a dicotomia dos planos temporal e espiritual e todo dualismo proveniente desta relação. O ser humano, através do sagrado, ocuparia o lugar dos deuses que se recolheriam discursiva e dialeticamente na linguagem e nos gestos do primeiro de forma que, a palavra de Deus e a palavra do homem ritualizado se tornariam inseparáveis no ato de produção de sentido.

Outro aspecto considerado seria a questão da argumentação como um ato lingüístico decorrente de uma ideologia subjacente na qual a persuasão apresentaria um caráter ideológico, subjetivo e temporal que objetivaria alcançar o sentimento e a vontade do ouvinte via argumentações verossímeis que o conduzissem à adesão. E a verdade, sendo um produto cultural, não deve ser regulada, o que lhe garantiria novas e sucessivas interpretações. Dessa forma, o discurso religioso não seria monossêmico porque sendo ele tecido, a ordem de tessitura seria polissemia, ou de outra forma não seria inteligível. Ainda segundo Nascimento (1993), as palavras que o constituiriam se abrem em diferentes épocas a diferentes leituras produzidas no processo sociodiscursivo que é cultural.

Outro fator que adquire importância é a intertextualidade que, para o autor, adquire valor de persuasão por decorrer de interpretação institucionalizada respaldada nas teorias exegético-hermenêuticas. No discurso religioso, a intertextualidade funciona como elemento que agrega credibilidade à relação locutor-ouvinte e ao discurso que é gerado no processo de comunicação.

1.1.2 A palestra espírita kardecista: uma breve caracterização

Em todos os segmentos religiosos os ensinamentos se propõem a sedimentar as relações entre o fiel e a religião. A forma oral como tais ensinamentos podem ser ministrados variam, mas são fundamentais para a dinâmica homem/religião devido ao cunho de proximidade que empresta à relação. Os kardecistas possuem uma interação bastante estreita com a escrita como elemento didático de doutrinação. A leitura e o estudo das obras que buscam instruir é um forte ponto que concerne a esse grupo. No tocante a oralidade, a forma para doutrinar, externamente manifestada, é a palestra.

Como não há ainda estudos detalhados na área da lingüística sobre o assunto, as definições e descrições aqui apresentadas advêm de alguns trabalhos realizados, principalmente na área da Antropologia bem como de observações da pesquisadora.

A forma mais corrente que os espíritas kardecistas têm para divulgar as suas crenças e realizar os ensinamentos coletivamente é por meio das palestras - que são consideradas conversas informais, reuniões que acontecem nas próprias casas espíritas. Nestas, há um orador, geralmente um adepto da doutrina, que pode ser da casa espírita em questão ou convidado de outra instituição espírita, que conduz a explanação. Essas reuniões abertas ao público têm uma curta duração, 30 minutos ou pouco mais que isso.

Essas conferências informais pretendem mostrar a mensagem espírita estruturada de forma clara, simples e à luz dos ensinamentos da doutrina de Kardec, da maneira mais didática possível, além de refletir o tríplice aspecto da doutrina: ética, filosofia e ciência. Afigura-se como uma atividade comunicacional, que adota um estilo “íntimo”, estabelecendo uma postura de familiaridade, nos ideais de amor e caridade ancorada na crença da fraternidade universal.

Os assuntos enfocam temas atuais filtrados ou interpretados pelos ensinamentos doutrinários. As relações interpessoais também são informais e, aparentemente, não se estabelece uma organização hierarquizada - o que confere uma feição de informalidade nas atividades religiosas dos espíritas.

Ainda se pensando sobre a questão da informalidade é interessante tecer algumas considerações sobre a forma de rezar que aparece nas palestras. As preces espíritas são “concebidas como uma relação direta de elevação e contato com a espiritualidade superior” (CAVALCANTI apud LEWGOY, 2004, p. 271), geralmente abrem todos os “trabalhos”² que acontecem nas casas espíritas. Não há um padrão rígido a ser seguido, as palestras podem se dar antes ou depois dos passes³. As preces curtas e sem um formato lingüístico pré-definido estabelecido iniciam as palestras. Podem ser compostas por um pai nosso, com algumas alterações, ou uma recitação livre, isto é, uma forma improvisada de entonação rítmica e pausada em voz alta. A oração pode ser individual ou coletiva, realizada por algum membro da casa espírita ou pelo próprio palestrante, e é acompanhada pelos participantes/adeptos de três maneiras: através da recitação grupal de uma prece decorada (só no caso do Pai Nosso

² Todas as atividades realizadas em uma casa espírita, sejam estas de doutrinação ou de assistência social recebem o nome de trabalhos em referência direta com a concepção de serviço que a doutrina possui.

³ Passe é a projeção das mãos na troca de fluidos magnetizados, doados pelo operador, e fluidos espirituais trazidos pelos Espíritos com poderes curativos que são absorvidos pela pessoa necessitada por meio dos centros vitais os chacras, acumuladores e distribuidores de energias localizados no perispírito.

tida como oração universal e primeira pelos kardecistas), ou mentalmente sem nenhuma expressão sonora ou em voz sussurrante, quase inaudível. As duas últimas formas são as mais empregadas.

Durante a palestra, o auditório fica sentado e não se levanta, nem mesmo na hora da prece. É necessário o conforto físico porque o corpo não deve interferir nas atividades do espírito neste momento considerado como importante “instante de elevação espiritual, de comunhão com o alto, atitude interior” (LEWGOY, 2004, p. 272).

Após a prece, inicia-se a palestra cuja temática pode ser sobre uma passagem selecionada do *Evangelho Segundo o Espiritismo*⁴ ou um tema livre. Este é um dado importante, pois difere das religiões cristãs que se baseiam na Bíblia. A obra de Kardec adquire valor de escritura sagrada. Verifica-se uma organização discursiva que obedece a uma rigorosa observância de tempo, o orador apresenta um *timing* discursivo preciso para organizar a sua fala no tempo adequado. A maioria dos oradores exibe um comportamento retórico e lingüístico semelhante. Também a atitude corporal é bastante comedida não fazendo uso de gestos bruscos ou largos. Há, evidentemente, diferenças de acordo com as faixas etárias e é perceptível que esta característica de maior comedimento é mais acentuada em oradores com mais tempo de doutrina, como é o caso do orador em questão neste estudo.

A palestra é geralmente uma apresentação oral, que pode vir acompanhada de fundo musical ou não. Ela é feita sem tom acusatório e o que parece prevalecer é a feição de aconselhamento. Esse discurso doutrinário tem uma roupagem persuasiva, pois o tom empregado pelo orador é de aconselhamento, de conversa e procura levar o adepto a refletir sobre falhas ou sobre os temas em questão nos ensinamentos que levem a *reforma íntima*⁵. O orador usa um padrão vocal que não produz grandes oscilações de volume, observa-se que há poucos momentos de elevação da voz.

As palestras possuem uma função pedagógica, uma vez que os ensinamentos devem propiciar elementos que levem o adepto a refletir e fazer a “reforma íntima”. Consoante Lewgoy (2004), as palestras espíritas são um momento de revelação por parte do orador, de controle de técnicas retóricas e corporais em que predominam as máximas

⁴ O *Evangelho Segundo o Espiritismo* é uma das cinco obras fundamentais para o estudo na doutrina chamadas de Pentateuco Kardequiano. Elas são em ordem de publicação: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*. Os livros de Kardec trazem concepções doutrinárias que buscam explicar e interligar concepções diversas como: origem da vida, as criaturas humanas e seus destinos, conduta moral nos diferentes graus de evolução e sua conexão com a trajetória espiritual em processos de reencarnação e formas de comunicação entre mortos e vivos.

⁵ O conceito de reforma íntima concerne a mudanças comportamentais que se realiza lentamente por intermédio da prece, meditação, prática de boas obras (no conceito do Espiritismo) e da prática do amor fraterno.

doutrinárias. Além disso, as explanações devem possuir mensagens acessíveis e úteis embasadas pela razão, o cunho lógico é essencial na doutrina que busca articular os elementos fé e razão.

É bastante comum que as palestras se pautem por um trecho determinado do evangelho. O orador, após uma breve leitura, discorre sobre o texto da escritura que é explicado. Pode ser também um tema livre escolhido de um fato da atualidade e comentado à luz dos ensinamentos da doutrina kardecista.

Se a palestra é planejada, o orador poderá lançar mão dos ensinamentos e máximas de modo generalizado, procurando encadear as partes para atuarem como elementos de progressão do discurso e nas transposições dos assuntos abordados. No final, o orador retoma os tópicos mais relevantes que foram abordados durante a palestra, a qual pode ser finalizada com uma oração, citação, convocação ou ilustração.

Já uma apresentação improvisada apresenta uma maior descontinuidade, uma fragmentação que faz com que

as máximas e generalizações sejam continuamente costuradas e dissertadas no decorrer do tempo, alimentando o fluxo discursivo constituído não apenas da estrutura tradicional de um “começo-meio-e-fim” em que as fórmulas verbais fazem o papel de partículas aditivas entre os segmentos da fala. (LEWGOY, 2004, p. 277)

As máximas vão se encadeando e alimentando o fluxo discursivo em constantes idas e vindas na mensagem.

Uma palestra pode ser lida, esboçada ou decorada. No entanto, é essencial que essa processe uma fácil transição entre o tema e as máximas que Lewgoy (2004, p. 277) define como “uma espécie de ensinamento condensado, que permite a fixação mnemotécnica da doutrina num *corpus* de frases curtas – por exemplo ‘viemos ao mundo para ser testados’ ou ‘orai e vigiai’, etc. – cumprindo um papel didático, como num sermão”. E, ainda, para o autor, essas formações lingüísticas dão uma compreensão dos preceitos doutrinários nos diversos níveis de aprofundamento em que o adepto se encontre.

Pode-se dizer que o uso das máximas é uma forma de codificação para os adeptos do espiritismo e, ao mesmo tempo, um elemento coesivo que trabalha na construção da argumentação do orador, evitando que este se perca no momento da ação da palestra. Devido a sua estrutura composicional curta e de fácil memorização, as máximas atuam também como operadores discursivos que preenchem brancos da fala e elementos que se prestam ao efeito conclusivo no discurso. Os efeitos semânticos das máximas vão muito mais além que a sua composição estrutural. São estratégias, que “costuram fragmentos discursivos

em pequenas totalidades que condensam em clichês os princípios da doutrina espírita” (LEWGOY, 2004, p. 277).

Outra característica da palestra é a forma como os oradores procuram fundir-se em simpatia com o auditório de um modo que pareça que compartilham suas idéias, ao mesmo tempo em que afastam a noção de importância pessoal, vaidade e orgulho, através de um procedimento simples, o uso do plural de modéstia ou plural majestático conjugando os verbos na primeira pessoa do plural o “nós”, fato que também aumenta a sensação de proximidade.

Além de todos os recursos utilizados nas palestras, as generalizações são fundamentais para sua eficácia por permitirem uma grande mobilidade discursiva e possibilidades variadas de adaptação aos diversos assuntos. Isto facilita a identificação do auditório com os diversos assuntos abordados e a conseguinte incorporação da idéia, pois a palestra busca causar uma forte impressão que leve o ouvinte a querer crer ou agir.

A palestra espírita é um momento de aprendizado coletivo para os kardecistas e, por isso, constrói-se com o apoio das máximas que atuam como pequenos sermões cujo efeito semântico envolve uma reflexão mais aprofundada acerca do que deve ser feito no processo de reforma íntima.

1. 1. 3 A palestra de Divaldo Franco

O *corpus*, uma palestra em áudio de 73 minutos e 18 segundos proferida pelo orador Divaldo Franco com o título de *Provas Científicas da Existência de Deus*, inicia-se com uma saudação que ao mesmo tempo vale como uma prece. Há o uso quase constante do plural majestático na forma de “nós” e parece ser uma palestra decorada.

Em seguida, o orador inicia uma narrativa bastante minuciosa que se projeta no passado, mais precisamente na França pós-revolução para relatar como a figura da divindade (Deus) foi banida em 1793 pelo discurso de Gaspard Chaumétte. Em seu lugar foi eleita a razão como fonte de todas as crenças e a narrativa segue para 1804 quando Napoleão re-introduz Deus de volta ao solo francês em meio a manobras políticas. As relações do homem com Deus são traçadas na história até os anos 60, quando um professor de história natural, Cressey Morisson, publica uma obra que traz sete razões científicas para crer em Deus.

A palestra é planejada e o orador vai lançando mão dos ensinamentos e das máximas para fazer a progressão dos assuntos e a transposição para novos tópicos.

Nesse ponto da palestra, o orador vai gradativamente expondo os argumentos, as sete razões que devem levar a confirmação da existência da Deus e, durante essa parte, fornece também dados numéricos. Como o assunto é árido e longo, o orador introduz alguns comentários jocosos. Após ter exposto todas as razões, insere uma máxima curta (Deus é amor) - a qual dá mobilidade discursiva à palestra e opera como elemento de transição para outra narrativa, trazendo ensinamentos de forma generalizada.

Na segunda parte da palestra, o orador conta a história do casal Stanford e seu filho Leland e o fato que culminou na construção da Universidade de mesmo nome.

Ao final da narrativa, o orador retoma a máxima (Deus é amor) para recapitular a primeira parte da palestra e conectá-la a um novo tópico discursivo. Além dessa, inclui uma outra máxima (Fora da caridade não há salvação) para o encadeamento discursivo. Procede a um breve aconselhamento ao qual empresta tom de consolo e ensinamento. Para finalizar, recita um poema que serve como convocação, o poema da gratidão.

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Este capítulo objetiva a apresentar as principais teorias que fornecerão subsídios para a análise do *corpus* apresentado.

2.1 A PROSÓDIA

Nos textos falados, pode-se reconhecer a presença de dados que têm a intenção de persuadir. O discurso religioso, por exemplo, é revestido de autoridade cuja intenção é convencer de um modo mais aprofundado, levando a um agir: crer. A Prosódia é uma área das ciências lingüísticas que permite que se lance um olhar a esse discurso, possibilitando uma investigação do valor dos sons em uma língua, melhor dizendo, as nuances semânticas empregadas pela voz do orador no momento da pronúncia do discurso que podem reforçar ou induzir à adesão.

2.1.1 Prosódia: uma breve caracterização do termo

O termo prosódia em sua acepção de dicionário é tido como:

1. parte da gramática tradicional que se dedica às características da emissão dos sons da fala, como acento, entonação; **2.** boa pronúncia, ortoépia; **3.** estudo da acentuação vocabular; **4.** conjunto de características que acompanham o som, mas não é um elemento segmental, como a acentuação tônica, a duração, os tons; adaptação da métrica de um texto de música (Dicionário Houaiss Eletrônico, 2001).

Essa é uma definição que não parece ser suficiente para uma análise lingüística. Consoante Scarpa (apud BOLLELA, 2006, p.113-114), em sua acepção histórica, o termo remonta da época grega antiga como um **designativo dos traços melódicos que não eram representados ortograficamente**, ou seja, acentos de tom ou melódicos que futuramente foram introduzidos na escrita sob a forma de símbolos ortográficos. Etimologicamente, o termo prosódia vem do grego *Pros e Odos*, para João Nunes de Andrade (1841, apud

MATEUS, 1996, p. 4), *Pros* vale o mesmo que a palavra latina *Ad* e *Odos*, equivalente a palavra latina *Cantus* e ambas trazem *Accentus*. Isabel Pereira (apud MATEUS, 1996, p. 4) faz referência à mesma origem grega: *Pros*, junto e *Ode*, canto, “atribuindo uma significação de melodia que acompanha o discurso e, na língua grega, mais precisamente, o acento melódico que a caracteriza”. E, ainda, de acordo com Bollela (2006), os acentos tonais e melódicos do grego clássico sofreram mudanças e o termo prosódia foi se reduzindo passando, então, a designar diferenças de duração e acento e, por volta do século XV, foi concebido como versificação.

No decorrer dos séculos, várias definições se colocaram para o termo prosódia. Muitos gramáticos tinham-no como um campo que se ocupava da pronúncia dos diferentes sons das palavras. Ou, então, apresentavam-no como algo relacionado às regras ortográficas e como constitutivo do falar com correção, sinônimo de erudição. Em 1970, Cunha e Cintra em sua *Gramática do Português Contemporâneo* trazem o verbete prosódia como sinônimo de pronúncia correta. Para os gramáticos normativos, os aspectos prosódicos eram vistos apenas como características fônicas de um padrão culto que envolvia a boa pronúncia de uma variante de prestígio da língua. Também podia ser designado como o sotaque, incidência sonora de natureza regional, social, etc.

O termo prosódia durante muito tempo se ligou às características da poesia (ritmo, verso, tipo de rima), depois passou a se referir a diferentes aspectos do som e das relações estabelecidas na cadeia sonora e, em outros domínios da língua, é um estudo fundamental hoje para o conhecimento da língua principalmente no que tange à oralidade. Scarpa (apud BOLLELA, 2006, p. 114) oferece uma definição que responde à difícil questão, o que é prosódia?

O termo recobre, nos estudos lingüísticos, uma gama variada de fenômenos que abarcam os parâmetros de altura, intensidade, duração, pausa, velocidade de fala, bem como o estudo dos sistemas de tom, entoação, acento e ritmo das línguas naturais.

A Lingüística veio se ocupar deste aspecto da língua e, na atualidade, o termo *prosódia* refere-se ao conjunto de fenômenos fônicos que se localizam além ou "acima" (hierarquicamente) da representação segmental linear dos fonemas (cf.. BOLLELA, 2006, p.114) Disso decorre o fato de poder utilizar, indiscriminadamente, a expressão *elementos prosódicos* ou *elementos supra-segmentais*. “Porém, uma vez que os fatos fônicos segmentais e os prosódicos são interdependentes, tem-se privilegiado o uso do termo *prosódia* em detrimento de *supra-segmento*” (BOLLELA, 2006, p. 115).

2.1.2 Funções dos elementos supra-segmentais prosódicos

Os supra-segmentos prosódicos desempenham funções que, de modo geral, podem ser tomadas como funções de significado estrutural (sintáticas) e funções de significado interpretativo (semânticas). No entanto, é preciso salientar que os “supra-segmentos dependem “do significado a que eles estão servindo” (CAGLIARI, 1992, p. 38).

Pretende-se, nesse estudo, proceder a uma descrição bastante sucinta de cada um desses elementos quanto às funções desempenhadas e dar especial ênfase aos elementos volume e velocidade, buscando investigar sua atuação dentro da palestra espírita.

Os elementos prosódicos se apresentam na fala juntamente com as vogais e consoantes e produzem variações no “modo de dizer”, as quais transmitem uma informação. Informação esta que corrobora o sentido atribuído ao texto verbalizado.

A fala possui um perfil sonoro básico: *ársis* e *tésis*. Os picos ou modulações agudas, Cagliari (1992) classificou como *ársis* e a expressão *tésis* passou a ser a designação para vales, ou seja, decréscimo de volume. Essa classificação constitui-se um importante recurso no estudo dos elementos supra-segmentais concernentes ao texto oral religioso espírita, na forma de palestra.

Cagliari (1992) explica que tais elementos variam com frequência e de muitas maneiras, resultando em uma fala que pode ser tomada sob a perspectiva de uma cadeia de montanhas com vales e picos. Ainda para o autor, tais dados possuem uma função prosódica própria que independe das funções dos elementos constitutivos. *Ársis* e *tésis* ao serem decompostos promovem um melhor entendimento e visualização do perfil sonoro. Tal divisão se faz em três grandes grupos: elementos prosódicos da variação da altura melódica, elementos prosódicos da variação da duração e elementos prosódicos da intensidade sonora (cf. CAGLIARI, 1999, p. 9).

O primeiro grupo, elementos da variação da altura melódica, traz: a Tessitura, que são as variações que deslocam a escala melódica da fala; a Entoação que corresponde a variação melódica que ascende ou descende; o Tom, a variação melódica que nas línguas tonais se dá no espaço de sílabas e servem para caracterizar os itens lexicais. Há também, o Acento Frasal (ou sílaba tônica saliente), que provém da mudança significativa da direção do

nível melódico em determinada sílaba, e, devido a esta tonicidade, comporta em si o acento frasal⁶.

O segundo grupo, dos elementos prosódicos da variação da duração, compõe-se do Ritmo (sílabas, pé, grupo tonal, etc.), que é a expectativa de uma repetição de saliências fônicas que são marcadas por durações estabelecidas; da Duração, ou seja, a articulação alongada dos segmentos da fala que se apresenta de duas maneiras: uma é com a função de determinar o ritmo através das durações das sílabas e outra função é a de destacar unidades sintáticas e semânticas pela articulação alongada. Ainda, no segundo grupo, podem-se apontar os seguintes elementos: o Acento, que se ocupa em revelar as ondulações rítmicas da fala; O acento tem sido motivo de variadas interpretações⁷. A Pausa, caracterizada pelo silêncio em meio a enunciados cuja função de segmentar a fala e também como ausência de sonorização é um dado que contribui de maneira significativa para os movimentos de *ársis* e *tésis*; a Concatenação, ou seja, a junção de palavras que define a maneira como as pausas ocorrem em um enunciado e, por fim, a Velocidade de fala, que indica a rapidez ou lentidão na articulação de um enunciado.

Dentre os elementos do segundo grupo, há interesse mais acentuado pelo último elemento listado: a velocidade da fala, que será um dos aspectos estudados neste trabalho de pesquisa. Mais precisamente, os efeitos de sentidos que a velocidade pode agregar à fala do orador na palestra espírita.

E por fim, no terceiro grupo, há o elemento prosódico da intensidade sonora, o volume que se refere à intensidade da voz (alta ou baixa). Esse também é um tópico de interesse do estudo presente.

Os elementos também podem exercer no discurso funções estruturais e interpretativas que servem para caracterizar itens lexicais e acrescentar significados sem que haja a necessidade de manifestá-los por meio de palavras. De acordo com o emprego dos elementos prosódicos, valores semânticos e pragmáticos emergem do enunciado e se prestam, basicamente, a caracterizar o falante ou suas interpretações pessoais (CAGLIARI, 1992, p. 149).

⁶ “O acento frasal apresenta coincidência com uma sílaba que tem acento primário ou com monossílabo isolado” (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 2006, p.115)

⁷ A fonêmica (Pike, 1947) o vê como fonema ou unidade supra-segmental. É uma unidade abstrata que se assemelha a qualquer fonema, servindo para distinguir palavras de significados lexicais. Já a Fonologia Gerativa (Chomsky e Halle, 1968) interpreta o acento como traço distintivo, um dos elementos que podem integrar a formação de uma vogal. E por fim a Fonologia Métrica (Libermann & Prince, 1977) que concebem o acento como um fato pertencente à sílaba. (cf. BOLLELA, 2006, p.117).

Há, ainda o fato de que elementos prosódicos, como é o caso dos padrões entoacionais e das pausas, têm funções estruturais que revelam a sistematização empregada pelos falantes. As estruturas da língua, embora sejam geradas por regras da sintaxe, são destacadas via elementos prosódicos como uma forma de evitar interpretações diferentes das pretendidas pelo falante. Assim, para o autor, “a fala não pode prescindir dos elementos supra-segmentais prosódicos, do mesmo modo que não pode prescindir dos fonemas” (CAGLIARI, 1992, p. 149).

Os elementos prosódicos podem exercer, ainda, no discurso, onze funções distintas. As seis primeiras, da listagem abaixo, possuem função estrutural e as cinco últimas exprimem funções ligadas ao aspecto semântico-pragmático e são:

- 1) fonológica (fonêmica)
- 2) fonológica (geradora de processos)
- 3) morfológica (lexicalização);
- 4) sintática (categorias e funções);
- 5) discursiva (coesiva);
- 6) dialógica (turnos conversacionais);
- 7) semântica (conotações, subentendidos);
- 8) pragmática (atitudes do falante);
- 9) identificação do falante ou da língua;
- 10) reestruturação da produção da fala;
- 11) fonética (fatos físicos).

Das funções lingüísticas elencadas acima, serão estudadas apenas aquelas que têm relação direta com a pesquisa. Insere-se no propósito deste trabalho um enfoque mais estreito da função pragmática exercida, principalmente, pelo elemento prosódico da variação da duração – a velocidade – e também o volume que é elemento intensidade sonora, devido à presença significativa dos mesmos no *corpus*.

2.1.3 As diferentes funções dos elementos prosódicos no discurso

Com base nos elementos prosódicos apresentados, segue-se uma apresentação pormenorizada dos elementos que serão objeto de análise no *corpus*. O embasamento se dá conforme os estudos de Cagliari (1992) e Bollela (2006). Os elementos abaixo elencados serão conceituados de acordo com as funções dentro do discurso, considerando que nesta pesquisa as funções estudadas serão apenas as que mantêm uma relação direta com a persuasão dentro do discurso religioso espírita.

Os elementos prosódicos desempenham as funções abaixo:

- Sintática, que determina as relações dos constituintes na estrutura de uma sentença;
- Discursiva, ao atuar como elemento de coesão;
- Dialógica, que organiza a fala nos turnos conversacionais;
- Pragmática, que se presta a revelar a atitude do falante, as intenções expressas pelos enunciados;
- Semântica, que dá conta dos sentidos que o falante procura expressar.

O primeiro elemento apresentado é a tessitura que desempenha as seguintes funções: sintática (categorias ou funções): destaca ou marca elementos que estão “deslocados” (tessitura geralmente mais baixa) como no exemplo⁸: *A professora, **porém**, ignorou o acontecido*; discursiva (atua como elemento coesivo): usa-se tessitura baixa para digressões e tessitura alta ao retornar ao assunto principal; também tem função dialógica (usada nos turnos conversacionais): a tessitura alta indica pedido de turno durante a fala do outro, já a tessitura baixa é reservada para o final de turno; e, por fim, a função pragmática na qual os níveis mais graves indicam mais razão, autoridade, enquanto que os níveis mais agudos indicam contestação, exaltação, além disso, o emprego de uma tessitura bem baixa ou bem alta indica estratégia do falante para não ser interrompido.

Na entoação, a função semântica dá a conhecer as conotações e subentendidos nos quais o acento frasal corrobora para marcar foneticamente o foco de frases. A forma como são entoadas as palavras revelam as atitudes do falante (função pragmática), uma vez que o emprego de um tom descendente em nível alto, passando a baixo (no componente tônico) significa uma frase afirmativa acrescida de um significado de “pedido” por parte do falante: *Fique aqui*.

⁸ Todos os exemplos aqui mencionados foram extraídos de Bollela (2006).

O acento frasal traz para o enunciado, no plano semântico, conotações e subentendidos e é por seu intermédio que se marca o foco das frases, como nos exemplos abaixo:

Maria sempre escreve e-mails.

Maria sempre escreve e-mails.

Maria sempre escreve e-mails.

O ritmo apresenta um aspecto bastante interessante no tocante às funções semânticas. As conotações e subentendidos são expressos por meio de uma fala silabada com o intuito de chamar a atenção para o que se diz. Também os pedidos ou impropriedades da língua são realizados de forma silabada. Geralmente faz-se uma súplica ou diz-se um palavrão em ritmo silábico.

A função semântica da duração é que interessa. Essa é produzida pelo alongamento de vogais ou consoantes que emprestam ao enunciado conotações e subentendidos variados. O alongamento da duração da sílaba ocasiona um aumento no sentido positivo de uma qualidade, por exemplo: *Ana Cristina comprou um carro! (caaaarro)*. Também se pode indicar o sentido negativo de uma qualidade (como no caso da ironia) através do alongamento da duração da sílaba: *Você é tão legal!?! (tãããão)*. Além disso, a duração se relaciona também com a estruturação da produção da fala. Por fim, há uma função fonética que envolve os fatos físicos: indicam elementos que marcam a saliência das sílabas tônicas.

A velocidade é um item que revela um emprego significativo na palestra espírita. É interessante salientar as funções: dialógicas em turnos conversacionais, nos quais aceleração indica que um falante quer sobressair-se ao seu interlocutor, dando mais ênfase ao que diz; pragmática, com desaceleração indicando maior valor a algo que se diz e a aceleração indicando argumento mais importante logo adiante; e fonética, que se refere a fatos físicos com a aceleração indicando início de enunciado e a desaceleração mostrando o fim de um enunciado diante de uma pausa.

As funções lingüísticas do volume em um enunciado são duas e ambas muito importantes para a pesquisa em questão. A pragmática mostra que o falante ao se expressar em volume alto pode sinalizar atitude autoritária, ou mesmo, expressões súbitas de dor, de perigo ou de grande perturbação; além disso, falar baixo também pode sinalizar atitude de persuasão, timidez ou respeito. Ademais, o volume tem uma função fonética que se liga aos fatos físicos do enunciado, pois esse elemento prosódico da variação da intensidade pode ser

um dos elementos que marcam a saliência das sílabas tônicas: variações no volume de voz acompanham marcas ou saliências de redução do falante em seus enunciados e reforçam o valor de outros elementos prosódicos.

É interessante levantar algumas considerações sobre a qualidade de voz. A primeira é uma propriedade fonética, como os outros elementos prosódicos, a qualidade de voz se sobrepõe aos segmentos, modificando-os de certa forma foneticamente. É também uma forma de identificação do falante por indicar propriedades fonéticas presentes na enunciação individual tais como fala labializada, palatizada, nasalizada, etc.

É também relevante lançar um olhar sobre as funções desempenhadas pela pausa. As pausas definem as fronteiras entre as palavras adquirindo com isso um efeito morfológico ao atuar como um elemento de lexicalização. Sob o aspecto semântico, a pausa produz mudança brusca do conteúdo semântico, como no exemplo: *Eu sempre vou à missa aos domingos. // Você lembrou de comprar o jornal?* Uma outra possibilidade decorrente do uso da pausa é revelar as atitudes do falante quando estas as empregam fora do esperado demonstrando intenção de impressionar o interlocutor, insegurança, etc. Já uma fala na qual se destaca as palavras com pausas demonstra que o falante deseja reforçar sua autoridade e/ou o valor do que diz, serve ainda para chamar a atenção para o que se vai dizer em seguida. As pausas são usadas também para reestruturar a produção da fala; assim, o uso de pausas “fora do esperado” (hesitação) indicam a reorganização da fala, além da ter a função aerodinâmica que permite ao falante respirar.

2.2 A ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO

Retomando a questão das pausas, verifica-se nesta pesquisa a necessidade de observá-las sob o aparato metodológico fornecido pela Análise da Conversação (AC) para um exame mais consistente da narrativa que a palestra espírita apresenta. Observa-se que os meios lingüísticos para a estruturação da palestra espírita não se estabelecem por meio de turnos como ocorre nas conversações naturais, ou seja, naquelas “construídas nas interações espontâneas que ocorrem simultaneamente, no mesmo eixo temporal” (DIONÍSIO, 2006, p. 71). Como parte de um ritual monológico direcionado a um auditório, o que ocorre é uma situação de diálogo por meio da qual os interlocutores “seguem um planejamento discursivo

previamente elaborado, assim como acontece nas novelas, nas peças de teatro, em um tipo de interação que simboliza a conversação artificial” (DIONÍSIO, 2006, p. 71).

O objeto de estudo da AC é a *conversação natural*; no entanto, as teorias que lhe subjazem podem auxiliar a análise das narrativas inseridas na palestra com a possibilidade de emprestar um aspecto contrastivo dos dois tipos de interação no que tange aos turnos conversacionais, ou seja, a organização da vez de quem fala.

A regra básica da conversação é que se “fale um de cada vez” (MARCUSCHI, 2003, p. 19) e as inversões dos papéis entre falante e ouvinte ocorrem caracterizando uma interação que não é localmente planejada, com interlocutores que constroem em conjunto a interação em uma atividade co-produtiva. O orador realiza um monólogo no qual simula a conversação e atribui turnos para demonstrar a presença de interação entre as personagens dentro da narrativa.

Por ser a palestra espírita um monólogo, as expressões não lexicalizadas e sinalizadoras de convergência chamadas de marcadores conversacionais (MCs) são explicitados, sobretudo por aspectos prosódicos.

Consoante Dionísio, (2006, p.89) os marcadores conversacionais prosódicos “apesar de sua natureza lingüística são de caráter não verbal (os contornos entoacionais, as pausas, o tom de voz, o ritmo, a velocidade, o alongamento das vogais, etc.). Para a autora, as pausas e o tom de voz são os MCs mais importantes para as análises das conversações afirma ainda que os marcadores prosódicos geralmente são acompanhados de algum marcador verbal. Os MCs paralingüísticos ou não-verbais que mantém e regulam a interação por meio de risos, olhares e gestos não serão abordados pela pesquisa.

De acordo com Marcuschi (2003, p. 63) “nos monólogos as pausas longas tem função cognitiva ao operarem como momentos de planejamento verbal ou organização do pensamento”. E também Rath (apud MARCUSCHI, 2003) divide as pausas nos seguintes tipos: em pausas sintáticas e pausas não-sintáticas. As sintáticas se subdividem em:

- pausas de ligação que substituem um conector qualquer como “e”, “então”, etc.;
- pausas de separação que servem para delimitar ou separar unidades comunicativas e vêm logo após o sinal de fechamento de unidade ou abaixamento de voz.

As pausas não-sintáticas podem ser classificadas em:

- de hesitação, que podem ser idiossincráticas ou servir para o planejamento verbal com função de motivar, principalmente no aspecto ligado a cognição;
- de ênfase, cujo valor é de serem sinalizadores de pensamento para reforçar ou chamar a atenção e, muitas vezes, aparecem entre o artigo e o nome.

No presente estudo, serão abordadas somente as pausas sintáticas de ligação e separação e a não-sintática de ênfase para efetuar-se a análise das funções da pausa como marcador discursivo nas narrativas da palestra espírita.

2.3. TEORIAS RETÓRICO-ARGUMENTATIVAS

Das teorias retórico-argumentativas, serão aqui abordadas as concepções que concernem à classificação do auditório, às premissas do acordo, às figuras de comunhão e de presença, à tipologia dos argumentos e à constituição do *ethos* e do *pathos*.

2.3.1 A Retórica

Desde a antiguidade, o homem apresenta uma preocupação com a forma de falar para que o ato resulte em uma aceitação de determinado ponto de vista. Saber apresentar as idéias é um ponto fundamental para convencer.

A Retórica nasce da necessidade que o homem tem de se defender, de reclamar, de se proteger, de seduzir, mas renunciando à violência para atingir seus objetivos. Resta o caminho do diálogo e da comunicação através do discurso, do convencimento do outro, da persuasão. Olivier Reboul (2004) propõe que a retórica seja definida como a arte de persuadir pelo discurso. É precisamente esse aspecto que se pretende focalizar: o aspecto persuasivo do discurso, mais exatamente, o discurso de um segmento religioso. Busca-se levantar dados que permitam observar como a persuasão se manifesta e se constrói para os Kardecistas através de seus textos orais denominados palestras espíritas.

A retórica continua tão atual hoje quanto no início da civilização ocidental, na idade grega. Michel Meyer (1993, p. 110) defende que a “retórica renasce sempre que as ideologias desmoronam”. As certezas tomam um caminho da dúvida e o caminho da discussão é o único meio para se confrontar questões problemáticas. Esse é o campo da retórica, o espaço da discussão, da argumentação, do acordo, do convencimento, da persuasão.

Segundo Reboul (2004), um discurso persuasivo é toda produção verbal, escrita ou oral, que se constitua por frase ou seqüências de frases com começo, meio e fim em certa unidade de sentido e que comporte aspectos argumentativos e oratórios. Os meios para se efetivar o discurso persuasivo podem ser racionais ou afetivos, no entanto, para o autor, em retórica, razão e sentimento são inseparáveis.

Assim, o discurso persuasivo deve atuar em três níveis que, para Cícero, são: *docere* (instruir, ensinar) é o lado argumentativo do discurso, *delectare* (agradar seduzir, encantar, deleitar) é seu lado agradável, humorístico e *movere* (comover) que significa persuadir pelo coração, o que abala, impressiona o auditório.

O sistema retórico apresenta quatro etapas para a organização do discurso: *inventio*, *dispositio*, *elocutio* e *actio*.

Invenção (*inventio*): é a busca do orador pelos argumentos elementos persuasivos necessários ao tema;

Disposição (*dispositio*): é a organização desses argumentos e conseqüentemente o planejamento do discurso. Ela se divide em quatro partes: exórdio, narração, confirmação e peroração. O exórdio inicia o discurso. Segundo Tringali (1988), a introdução tem três objetivos: obter a benevolência dos ouvintes, obter a atenção dos ouvintes e torná-los dóceis. A narração consiste na exposição dos fatos. Deve ser(ou parecer) objetiva e será eficaz se for clara, breve e crível. Nesta parte o *logos*⁹ é superior ao *ethos* e ao *pathos*. A confirmação é a parte mais longa da disposição, pois consiste num conjunto de prova, com uma refutação que contaria os argumentos dos adversários. Ela recorre ao *pathos* e desperta piedade ou indignação. A peroração é o encerramento do discurso e pode dividir-se em várias partes. As principais são: amplificação, paixão e recapitulação;

Elocução (*elocutio*) diz respeito ao estilo, à redação do discurso. É nesta fase que se encontram as figuras de estilo;

⁹ De acordo com a perspectiva aristotélica entende-se por *logos* os raciocínios lógicos usados para convencer o ouvinte de uma verdade, *ethos* é imagem que o orador projeta de si e que lhe confere credibilidade e *pathos* as paixões e emoções despertadas pelo orador através do seu discurso nos ouvintes

Ação (*actio*): diz respeito à proferição do discurso propriamente dita. Inclui-se na ação: gestos, mímica e entonação da voz. A pesquisa se aterá apenas à última parte, a *actio*

Para muitos autores, a memória constitui-se também numa etapa da organização do discurso. Cícero a considerava uma aptidão, o “tesouro da mente. Para Tringali (1988 p.96) “sem memória não nasce e não robustece a sabedoria”. Quintiliano, ao contrário, a considerava apenas uma técnica a ser aprendida. Não importa a ordem cronológica em que as etapas são realizadas todas devem, porém, se, ser cumpridas pelo orador sob pena de seu discurso parecer inadequado ao auditório.

A *actio*, ou ação, é a proferição do discurso sem a qual este não atinge o público. É uma atividade cujo ponto principal é ocupado pela pronúncia do discurso do orador em língua natural, ou seja, no idioma do falante e do ouvinte. Outros elementos contribuem para que a ação se consolide de maneira eficiente como linguagens não verbais, a paralingüística e a gestualidade. Para Tringali (1988, p. 101) “a ação é o ponto de encontro entre a Retórica e o teatro”, é na ação que o orador dramatiza o discurso procurando emocionar, impressionar, persuadir.

Aristóteles postula (apud Reboul, 2004) que as provas do discurso podem ser extrínsecas ou intrínsecas (independentes da arte). As primeiras têm sua fonte em fatos ou circunstâncias externas: como provas preexistentes, testemunhos, confissões, etc. E as últimas, que são consideradas lógicas ou psicológicas se pautam por raciocínios, exemplos ou exploração da afetividade.

As provas e argumentos lógicos originam a convicção intelectual geradora de impulsos que levam à ação, já as provas intrínsecas dependem da técnica retórica e da habilidade do orador para engendrar comoção que leve o auditório a aceitar os aconselhamentos do orador. Os argumentos de cunho psicológico dividem-se em éticos e patéticos.

Os argumentos éticos, que nesta dissertação são conceituados na perspectiva de Aristóteles, ligam-se ao *ethos*, o caráter assumido pelo orador para inspirar a confiança do auditório. O *ethos* refere-se às características ético-morais que o orador deve aparentar ter, não importando se o fato é verdadeiro ou não. Para Aristóteles, a persuasão é obtida por efeito do caráter moral do orador por meio do seu discurso - no qual deve mostrar-se digno de confiança.

São três as razões que inspiram a crença no orador: *phórnesis* (bom senso, prudência, sabedoria prática), *arete* (virtude) e *eunóia* (benevolência). Partindo dessas três posições, o orador pode assumir diferentes caracteres que suscitem a confiança de seu

auditório. Na ótica Aristotélica, “as pessoas de bem inspiram confiança mais eficazmente e mais rapidamente em todos os assuntos, mas nas questões em que não há possibilidade de obter certeza, e que se prestam à dúvida, essa confiança reveste particular importância” (ARISTÓTELES, 2007 p. 34).

Por meio do *pathos*, procura-se suscitar as paixões e conduzir a mente. De acordo com Aristóteles, as paixões influenciam os juízos e estes variam em conformidade com os sentimentos que o indivíduo experimenta. Assim, a paixão é a “relação com o outro, uma representação interiorizada da diferença entre nós e o outro” (MEYER, 2000, p. XXXV). É o sentimento da própria alteridade, a resposta à outra pessoa, mais precisamente, a representação que uma pessoa faz da outra em seu espírito (MEYER, 2000, p. XLI).

O filósofo grego supracitado faz uma lista das paixões mais representativas, no entanto, a presente pesquisa abordará apenas as diretamente relacionadas à palestra espírita que compõe o *corpus*. Essas são: a calma/a tranquilidade, o amor, a segurança, o temor, a compaixão e a indignação.

2.3.2 Concepção de auditório

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a argumentação é sempre feita para um indivíduo ou um grupo de indivíduos que é chamado de auditório. Logo, conhecer aqueles a quem se pretende conquistar é fundamental e uma das possibilidades para fazê-lo é o orador tentar situar seu auditório em seus marcos sociais.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) postulam que há dois tipos de auditório: um auditório universal e um auditório particular. Aquele que é constituído pela humanidade toda chama de auditório universal. O auditório particular é aquele composto por pessoas que estão ligadas por elementos comuns, que partilham as mesmas crenças, ideais, etc. Ainda para os autores, os auditórios são construções do orador e o que os distingue não é o número de indivíduos, mas sim as bases retóricas usadas nas construções discursivas, isto é, se a argumentação se volta para a persuasão ou para o convencimento. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 33) propõem “chamar *persuasiva* uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar *convincente* àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional”.

2.3.3 O acordo na argumentação

O ato de argumentar é um processo que busca criar uma comunicação voltada para a persuasão, pois argumentar requer “apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 160). É uma situação que exige o gosto pela participação do outro em uma situação de diálogo, de interação. Assim como aceitar ouvir um discurso acena a possibilidade de aceitar determinado ponto de vista, a recusa em ouvir a argumentação do outro exclui a possibilidade, o vir a ser da adesão.

O acordo resulta do que é aceito como ponto de partida do raciocínio e, posteriormente, pela maneira como estes se desenvolvem em um processo de ligação e dissociação dos argumentos. Algumas proposições podem ser aceitas previamente pelo auditório antes do início do discurso, fato que caracteriza os acordos prévios, muito recorrentes em auditórios particulares. O orador procura transferir a adesão do auditório em relação aos acordos prévios para a tese que apresentará por intermédio de técnicas argumentativas. O que é aceito como verdade nos acordos estabelecidos previamente pode ser de natureza bastante variada, como fatos públicos, algo que se refira a hierarquia de valores de uma instituição social (como no caso de auditórios particulares), segmentos religiosos, grupos profissionais etc. Convém salientar que a Retórica é desvinculada da noção de verdade, pois, no mundo da opinião, da *doxa*, que é o universo das crenças, a verdade é construída nas relações sociais, políticas e econômicas.

Os objetos do acordo podem ser agrupados em duas categorias: fatos, presunções e verdades relativos ao real, melhor dizendo, aquilo que um auditório entende e acredita ser real, e uma outra categoria relativa ao preferível que se liga a um ponto de vista determinado, isto é, que contenha valores e hierarquias dos lugares do preferível. Consoante Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), o real caracteriza os objetos do acordo para o auditório universal e o preferível reflete acordos do auditório particular.

Quanto mais o orador conhece o auditório, maior é o número de acordos prévios que tem a sua disposição para fundamentar a argumentação. Do contrário, corre-se o risco de não conseguir a adesão incorrendo na “petição de princípio” que significa: supor admitida uma tese que se desejaria fazer admitir pelo auditório. Para se evitar este erro é importante que o orador conheça as teses admitidas pelo seu auditório, os valores e verdades que aceita.

2.3.4 As figuras

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) asseveram que, desde a antiguidade, existem certos modos de expressão que não se enquadram no comum e cujo estudo geral foi incluído nos tratados de Retórica; por isso o nome de figuras de retórica. Em decorrência do fato da retórica em determinada fase de seu passado se limitar a problemas de estilo e de expressão, as figuras passaram a ser consideradas apenas como ornamentos.

A partir de outra perspectiva de enfoque, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) analisam “em que e como o emprego de algumas figuras determinadas se explica pela necessidade da argumentação” (2005, p.190). Na concepção dos autores, para que haja uma figura é preciso uma forma e um emprego que se afaste do jeito normal de se expressar e, com isso, chamar atenção. Lançando um novo olhar a este elemento da Retórica, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) propõem uma concepção mais flexível sobre as figuras considerando sua mobilidade, ou seja, o que trazem de diferente ao discurso ou a forma de falar de acordo com finalidades específicas. A partir disso, classificam-nas como figuras de presença, de escolha e de comunhão. Os novos termos não designam os gêneros de certas figuras tradicionais, mas expressam o efeito ou efeitos produzidos na apresentação dos dados: impor ou sugerir uma escolha, aumentar a presença ou promover a comunhão com o auditório.

A *definição oratória*, a *perífrase*, a *antonómásia*, a *prolepse* ou *antecipação*, a *retificação* a *sinédoque* e a *metonímia* são tratadas como figuras da escolha. Apontam também a *onomatopéia*, a *repetição*, a *amplificação*, a *sinonímia*, a *metábole*, o *pseudodiscurso*, a *enálage de tempo* e a *hipotipose* como figuras que tem por efeito tornar presente na consciência o objeto do discurso, portanto figuras de presença.

Através das figuras de comunhão é que o orador cria ou confirma a comunhão com o auditório. Tais figuras podem se referir a fatos culturais, tradição ou passado comum. Dentre as figuras de comunhão encontram-se a *alusão*, a *citação*, a *apóstrofe*, a *comunicação* e a *enálage do número de pessoas*.

2.3.5 Tipos de argumento

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) se referem a uma tipologia de argumentos que são próprios do processo de argumentação.

Os argumentos quase-lógicos são aqueles que visam validarem-se partindo do seu aspecto racional. No entanto, são passíveis de serem refutados porque dependem da natureza das coisas e da interpretação humana. São denominados quase-lógicos para os autores porque aspiram a certa força de convicção e podem apresentar-se como comparáveis aos raciocínios formais, lógicos ou matemáticos. Dentro dos argumentos quase-lógicos está o argumento baseado no ridículo, que cria uma situação irônica em que o outro é sancionado pelo riso. Consiste em adotar o argumento do outro e extrair conclusões que busquem ridicularizá-lo e a ironia apresenta-se como elemento de grande valia nesse tipo de argumento. Uma argumentação quase lógica se utiliza também dos argumentos quase matemáticos que se configuram por meio de fórmulas matemáticas e uma delas é a divisão. O argumento da divisão consiste na divisão de uma tese em partes como se estas possuíssem as mesmas propriedades do todo procurando mostrar que cada uma delas tem a propriedade em questão.

Já os argumentos baseados na estrutura do real “ não estão ligados a uma descrição objetiva dos fatos, mas a pontos de vista, ou seja, a opiniões relativas a ele” (ABREU, 2006, p.58). São argumentos que se apóiam na experiência, nos elos conhecidos entre coisas e pessoas, nos acordos que se exercem sobre estereótipos taticamente aceitos, na ótica do senso comum. Opiniões essas que não estão ligadas a uma descrição objetiva dos fatos, mas a pontos de vista relativos ao mesmo para estabelecer solidariedade entre juízos admitidos e outros que procura promover. Um desses argumentos apresentados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) é o argumento de autoridade que, consoante os autores, permite que se justifique uma afirmação baseando se no valor de seu autor. Isto gera confiança e a argumentação encontra sua força na moralidade e utiliza atos e juízos de uma pessoa ou de um grupo como prova em favor de uma tese. Dentro da ciência, que parece sempre excluí-lo, está sempre presente, principalmente nas leis, exemplo: lei de Lavoisier.

Da tipografia argumentativa de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) foram apresentados apenas alguns aspectos abordados na obra *Tratado de Argumentação e Retórica*. Os aspectos mais utilizados neste trabalho serão retomados no capítulo de análise.

3. ANÁLISE

Divaldo Franco profere uma palestra intitulada “Provas Científicas da Existência de Deus”, que se divide em duas partes. Na primeira, ele expõe as sete razões que devem ser consideradas como provas da presença de Deus e, na segunda, narra o fato que levou à construção da universidade de Stanford. Naquela, elabora, com recursos dos elementos prosódicos e de uma argumentação ancorada na retórica das figuras, uma discursividade que, para se fazer crível, apóia-se em sua construção ético-científica para conduzir o auditório à adesão. Nesta, o patético, as paixões se fazem presentes de modo mais contundente, procurando suscitar as emoções. Em outras palavras, a explanação oral gira em torno de construções patéticas do orador.

Convém salientar também que o orador espírita prega para um auditório particular, pois os indivíduos, devido à crença comum na doutrina, são propensos a uma maior facilidade na adesão e, conseqüentemente, há um maior número de acordos prévios que fundamentam sua argumentação. É um auditório que se distingue pelo uso de uma linguagem particular. O orador faz uso de jargões próprios que os seguidores da doutrina utilizam nas relações diárias. Divaldo Franco trabalha com um auditório particular composto por crentes, seu discurso se vale de mais premissas para o acordo, pois consoante Vico (apud Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 26) “Todo objeto da eloquência é relativo aos nossos ouvintes, e consoante suas opiniões é que devemos ajustar os nossos discursos”. Com essa estratégia evita-se o risco de uma petição de princípio

È conveniente lembrar que “a retórica e a passionalidade estão estritamente associadas desde sempre” (MEYER,1993, p.147). Na palestra espírita, as imagens suscitadas pelo orador são claramente percebidas: com o *ethos*, ele pretende convencer pela razão e, com o *pathos*, pela emoção, e a prosódia torna-se um elemento argumentativo uma vez que acentua o aspecto emocional. Os elementos prosódicos são de suma importância para esse

processo argumentativo no *corpus*, em especial, a velocidade, um elemento prosódico da variação da duração e o volume, um elemento prosódico da intensidade sonora.

Com a finalidade de persuadir, o orador procura provar a conexão entre o divino e o científico. A argumentação retórica deve gerar credibilidade ao seu discurso e é o instrumento para esse propósito. Os argumentos escolhidos levantam fatos, no entanto, o esforço persuasivo carece de um elemento extra, que recorra ao passional, pois a crença envolve emoção. Uma vez que “o acto de fala convida outrem a refletir sobre aquilo em que talvez não tenha pensado, a tomar consciência conosco sobre aquilo que lhe pedimos para pensar, e a responder conosco, por vezes por nós” (MEYER, 1993, p. 84), alguns valores pragmáticos e semânticos só são perceptíveis devido a determinadas escolhas no uso do volume e da velocidade da fala. O orador alia seu discurso retórico à prosódia para dar conta das nuances de significação de um discurso que busca a adesão às suas idéias.

É na ação que o discurso se realiza e a pronúncia funda o discurso, pois ele se realiza quando vem a público. E através da pronúncia, da prosódia, é que Divaldo Franco insere o patético na palestra. Seu grande instrumento é a voz. As variações prosódicas da fala permitem ao orador um controle do discurso. A impostação da voz faz com que ele construa uma imagem de si fundada na erudição, caridade, amor, paciência, com isso, construindo para o auditório o seu *ethos*.

Resulta que, na pregação dos espíritas kardecistas, a constituição do *ethos* do orador é feita com recursos da virtude. E, para Aristóteles (2007), as virtudes nos permitem prestar muitos e relevantes serviços de toda sorte de domínios. O palestrante espírita demonstra preparo vocal mantendo a fala em volume baixo, velocidade lenta e pausada. O que reforça a idéia de equilíbrio e faz emergir a calma - essa a paixão essencial para que o orador espírita kardecista seja ouvido.

Como consequência desta postura, o orador espírita busca persuadir através da imagem que cria de si, enfocando suas virtudes para o adepto da crença que tem como lema perfeição moral nas bases da fraternidade cristã. Por meio do *ethos* criado, o orador se coloca como possuidor de sabedoria e de argumentos consistentes que se fundam na sua prática doutrinária, em sua capacidade intelectual e na autoridade conferida pelos anos de prática dos preceitos kardecistas, como mostra o exemplo abaixo:¹⁰

¹⁰ A palestra encontra-se transcrita na íntegra no anexo 2 e o CD com o áudio está anexado à dissertação. A transcrição segue as normas sugeridas pelo projeto NURC (cf. tabela).

“Deus é amor... e a doutrina espírita...emergindo... do grande silêncio da história... vem dizer que fora da caridade não há salvação... porque caridade é o amor na sua mais elevada expressão...porque o amor é a alma da vida... assim como a vida é a alma do amor...neste momento grave... a certeza de que nós continuaremos além do túmulo... que a morte não nos aniquila... que somos construtores da nossa vida através dos nossos atos graças a reencarnação..” (01:06:00)¹¹.

No entanto, tais formações são diluídas em uma situação de modéstia pelo *ethos* de humildade que atenua no auditório a consciência do *ethos* de instrução (característica que será desenvolvida mais adiante na análise), de superioridade moral e intelectual. Na verdade, o orador reforça a humildade para persuadir seu auditório enquanto as demais características são apresentadas como naturais e necessárias à sua condição de porta-voz do mundo espiritual e, por isso mesmo, detentor de virtudes.

Em sua construção ética, o volume baixo e a velocidade cadenciada ajudam a criar uma imagem de alguém culto, paciente, controlado, experiente e, por isso, apto a dar conselhos. Não elevar a voz indica controle, tem a função pragmática de sinalizar respeito e intenção de persuadir (cf.BOLLELA, 2006, p.123), acima de tudo, demonstra “apreço pela adesão do interlocutor” (PERELMAN E OLBRECHTS TYTECA, 2005, p.18).

Na palestra espírita, o orador se vale da *phornésis* para projetar uma imagem de si pautada na cultura acadêmica, sensatez, racionalidade e, também, parece construir seu discurso mais com recursos do *logos* do que com os do *pathos* e do *ethos*. O que fica explicitado no título da palestra: “Provas científicas da existência de Deus”. A fé possui o respaldo científico para ser mais digna de crença. No entanto, isso não ocorre: ao contrário, é a formação ética e patética que mais se sobressaem na argumentação.

Quando enuncia, o orador sabe da imagem que seu ouvinte tem em relação ao lugar que ele, como enunciador ocupa, um indivíduo com muitos anos de estudo e prática da doutrina, com conhecimentos, com determinado grau de elevação moral e também portador de uma grande mediunidade e, por isso, porta-voz do mundo espiritual. E consoante Meyer (1993, p. 36):

o *ethos* desempenha então um papel mais determinante: a credibilidade daquele que fala e propõe, a sua autoridade, porá ponto final nas dúvidas, teoricamente sem fim, sobre as respostas e propostas. De resto a autoridade assenta freqüentemente na institucionalização: o papel social e o lugar que o orador ocupa.

¹¹ Os números apresentados ao final dos exemplos retirados do *corpus* indicam a marcação de tempo do inicial da gravação contida no CD de áudio.

O orador, consciente de que ocupa um lugar privilegiado, quando enuncia, usa o plural majestático, sempre conjugando o verbo na primeira pessoa do plural para orientar o outro, procurando aproximação com o auditório. A imagem que ele tem do interlocutor é a de alguém que precisa de aconselhamento e que procura instruir-se na doutrina e o orador é quem possui os requisitos para ensinar, como se pode ver no excerto abaixo:

“a certeza de que nós continuaremos além do túmulo... que a morte não nos aniquila... que somos construtores da nossa vida através dos nossos atos graças a reencarnação...aquele homem que nasceu dois anos antes de Napoleão consagrar-se imperador dos franceses Allan Kardec... trouxe-nos... Jesus descruicificado... o consolador que ele prometera... para que pudéssemos enfrentar esta grande noite... que se abate sobre a humanidade... com ternura... com compaixão... com caridade...” (01:07:28)

Segundo Aristóteles (2007, p.87), “ aprender e admirar comportam prazer a mais das vezes. Com efeito, na admiração está contido o desejo de aprender; por conseguinte, o que admiramos é desejável; por outro lado, aprender é voltar ao estado natural”. O orador, ao aparentar ser uma pessoa com ensinamentos a dar e um modelo a ser seguido, gera admiração por parte do auditório. Seu discurso é uma pregação que visa fortalecer e instruir, por vezes, até consolar seu auditório. Dessa maneira, provavelmente o espírita kardecista irá se identificar com as situações apresentadas. Portanto, se o ouvinte se guiar pelo discurso proferido, encontrar-se-á um passo a frente na caminhada rumo à perfeição moral.

Divaldo Franco cria, através de marcas estilísticas e composicionais, várias imagens de si para o auditório, várias composições ético-morais para inspirar confiança. Ele mostra um *ethos* de proximidade e igualdade que se funda nos ideais de solidariedade e fraternidade cristã. Assim, o orador gera uma imagem de alguém benevolente, amigo e que, em um primeiro momento, é igual ao auditório.

Já na primeira sentença da palestra, ele evidencia essa relação de proximidade. O *ethos* exerce papel essencial na constituição da credibilidade de seu discurso, pois, é a partir dele que conquista autoridade para proferir sua fala. Ele é aparentemente um igual. No exórdio há uma saudação que também se transmuta em prece. As preces espíritas são verbalizadas em volume baixo, com muitas pausas e velocidade lenta. A prosódia é o que leva o auditório a fazer a associação entre conteúdo e forma, a reconhecer este trecho como prece. É o caso que se verifica abaixo:

“Senhoras ...Senhores... jovens...queridos *irmãos* no ideal espírita...abençoa-nos Jesus...o amigo... incondicional das nossas vidas...”.(00:01)

Convém ressaltar que o item lexical “irmãos” é indicativo da relação de proximidade entre orador e auditório, construída nos ideais da doutrina. Além disso, esse item possui um apelo argumentativo, que toca a afetividade, em referência direta ao *pathos* e ao *ethos*. Como é mostrado pela figura gerada pelo programa de software de análise da fala Praat em relação à frase supracitada.

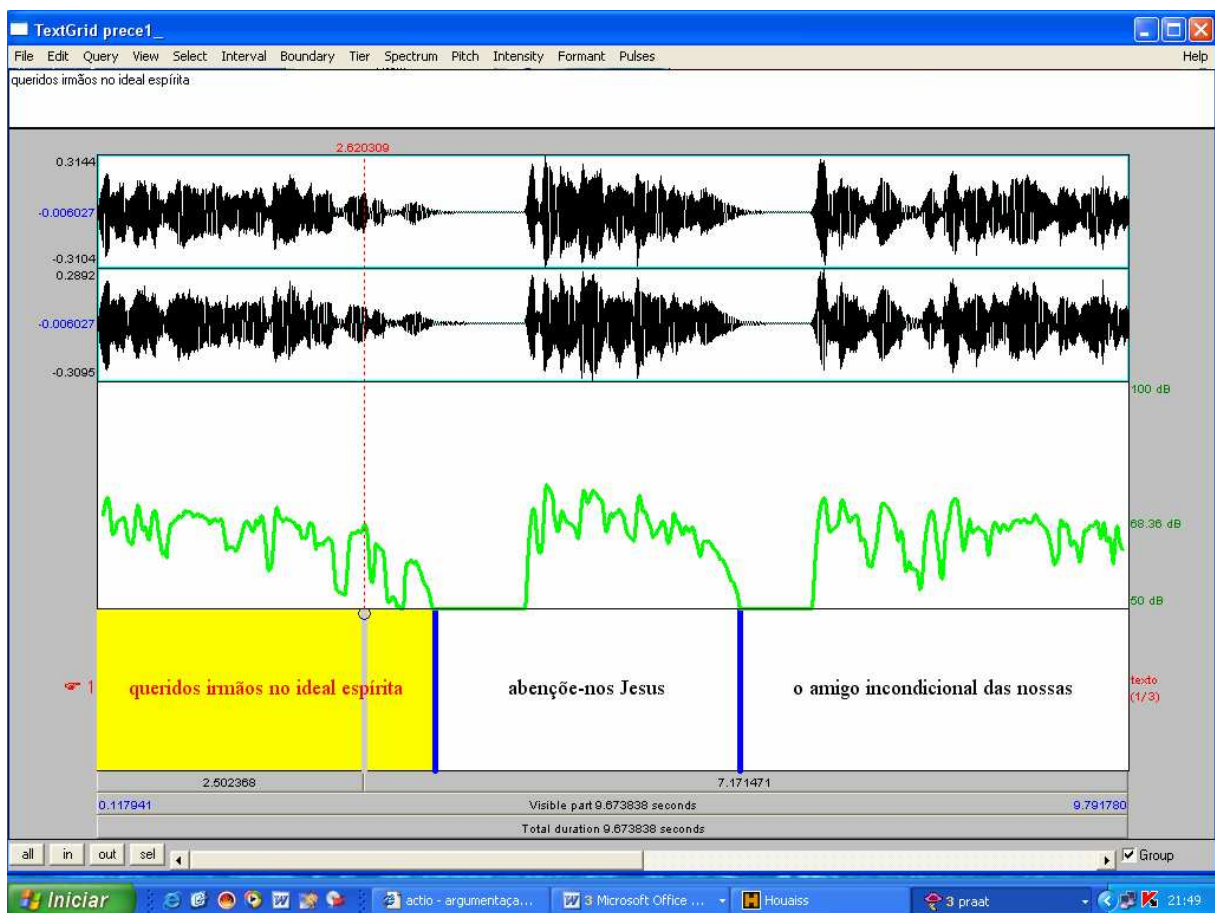


Figura 1 — Saudação Espírita

Na figura, há uma representação da variação dos elementos prosódicos de volume e entoação. É possível observar pelo “formato de onda”, tracejado em cor preta, que o volume na primeira sentença é reduzido significativamente se aproximando do sussurro e que as pausas são longas, observando a linha reta do “formato de onda”. Há também um decréscimo de velocidade conforme indicam as linhas verdes. A partir da linha vertical tracejada em

vermelho, nota-se uma diminuição da intensidade do enunciado, no ponto em questão, o programa marca um volume de 68,36 dB¹². No restante da linha há uma redução de aproximadamente 10 dB.

Essa imagem de igualdade é retomada ao final da palestra, no momento em que o orador dá ao seu discurso uma roupagem mais persuasiva, com tom de aconselhamento. Ele aconselha, buscando adquirir a confiança porque também sofre no confronto com os problemas diários e, nesse momento, ele reduz o volume, como no excerto abaixo:

“estes são dias muito graves... que nos pedem reflexão e prece... meditação e paz interior... não nos deixemos perturbar... nem afligir... não nos contaminemos com o ódio nem de um lado... nem do outro... respeitemos a to::dos... e agradeçamos a Deus... a infinita honra de estarmos na Terra” (01:08:09).

A partir de “não nos deixemos perturbar” até “estarmos na Terra” há uma redução gradual do volume. Observando os elementos prosódicos percebe-se uma conotação semântica no momento em que o orador muda a tessitura da qualidade de voz tornando-a mais rouca, como que embargada. Corroborando os aspectos argumentativos, nessa frase examinada incidiram ao mesmo tempo: elementos prosódicos da intensidade sonora, da altura melódica (entoação), da duração (função semântica), e da tessitura. A figura 2 a seguir, mostra que a intensidade (linhas verdes) é maior no último trecho da fala no qual se dirige a Deus. Na parte em que aconselha, apresenta um padrão vocal com intensidade menor, o que expressa suavidade e, ao mesmo tempo, firmeza de envergadura moral, retoma seu *ethos*. Em relação à altura melódica, a variação apresentada não é significativa, pode-se notar que a linha azul aparece quase em linha reta. A palavra “todos” sofre um alongamento na primeira sílaba, o que indica um destaque para a extensão do traço semântico de envolvimento geral da comunidade. Finalmente, a análise da tessitura mostra o uso de uma qualidade de voz murmurada intensificada no trecho “agradeçamos a Deus”.

¹² dB = decibéis: abreviatura para unidade utilizada para medida da intensidade do som

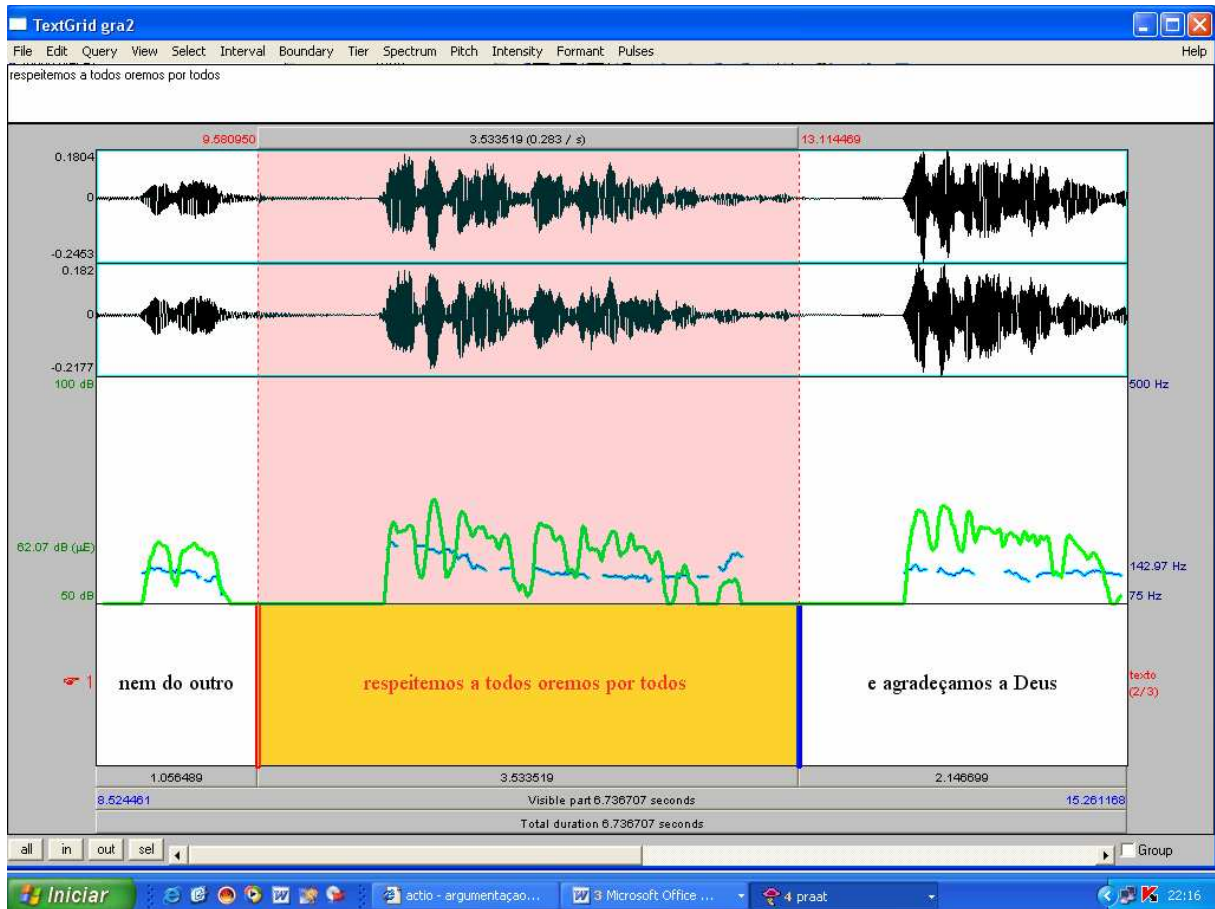


Figura 2— Aconselhamento

No trecho supracitado, no entanto, também nota-se que, ao reduzir o volume e a velocidade, o orador incita a calma. Essa é uma paixão que conduz à virtude da temperança, da reserva, e, com isso, leva à aceitação de uma relação em que o palestrante tem o poder de aconselhar. O orador através da calma busca reforçar o respeito de seu auditório. De acordo com Aristóteles (2000, p. 17), “somos calmos com aqueles que se comportam de maneira séria, com quem age seriamente”. Sendo assim, quem age com seriedade merece respeito, um passo maior para a crença e adesão. Da parte do enunciador, estabelece-se uma supremacia porque ele supera os problemas, ou seja, está um passo à frente do auditório, por isso pode aconselhar e servir de exemplo positivo. Assim, institui-se um *ethos* de superioridade moral que permanece por toda a palestra, sendo mais explícito do que o também instituído *ethos* de superioridade intelectual, implícito no registro lingüístico por meio da correção gramatical utilizada.

Há uma correção vernacular indicando uma modalidade de linguagem mais próxima da escrita. Fato que pode ser comprovado pela observação do uso da colocação

pronominal empregada durante toda a palestra, assinalando uma conexão com o modelo erudito da língua. Há na palestra as seguintes colocações pronominais: *levantou-se; levantou-se..., acercou-se, auto coroou-se..., matá-lo..., apresentou-se..., ... Leva-o, reproduzir-se, ..utilizavam-se, a multiplicar-se, alimentar-se, utilizavam-se, ... aproximamo-nos, dando-nos, amarmo-nos, para encontrá-lo, preparam-nos, preparando-se, ... sentou-se, cantá-la, buscá-lo, perdoa-nos, Arrependo-me, tirá-lo, mandem buscá-lo, leve-me, ajoelhou-se... segurou-lhe, desceu-lhes, trazê-lo, colocou-o, ponham-no, perdoa-me, visitá-la, trouxe-nos..., consagrar-se, dizer-te, embalsamá-lo, ... propôs nos amarmo-nos.*

Ainda refletindo sobre essa questão, Divaldo Franco traz para seu auditório um texto memorizado¹³ e pautado na norma culta. Nesse discurso, é o portador da palavra escrita que tem o poder de verdade. Esta é transmitida por meio impresso nas obras básicas da doutrina kardecista. O discurso, mesmo que oral, reflete a escrita, ou seja, a verdade doutrinária kardecista.

O *ethos* aparente nesse orador, que aproxima a fala da escrita, é de instrução. Surge assim, uma pessoa letrada, culta, que se diferencia pelas boas qualidades. Destacam-se dois pólos de convergência: a evolução moral e intelectual. A evolução intelectual é explicitada pelo dizer correto e a evolução moral o é pelo dizer o bem, fato que para Quintiliano é a *scientia bene discendi* “implica que o orador perfeito persuade bem, mas também diga o bem” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 28).

Abaixo segue-se mais um exemplo:

*“Deus é amor... e a doutrina espírita...emergindo... do grande silêncio da história... **vem dizer que fora da caridade não há salvação... porque caridade é o amor na sua mais elevada expressão...porque o amor é a alma da vida... assim como a vida é a alma do amor..”***
(01:06:00).

¹³ Um exemplo é o poema da gratidão que finaliza a palestra (01:08:50) e cuja duração é de exatos cinco minutos. Nessa parte o orador evidencia habilidade mnemônica e um *timing* discursivo bastante apurados.

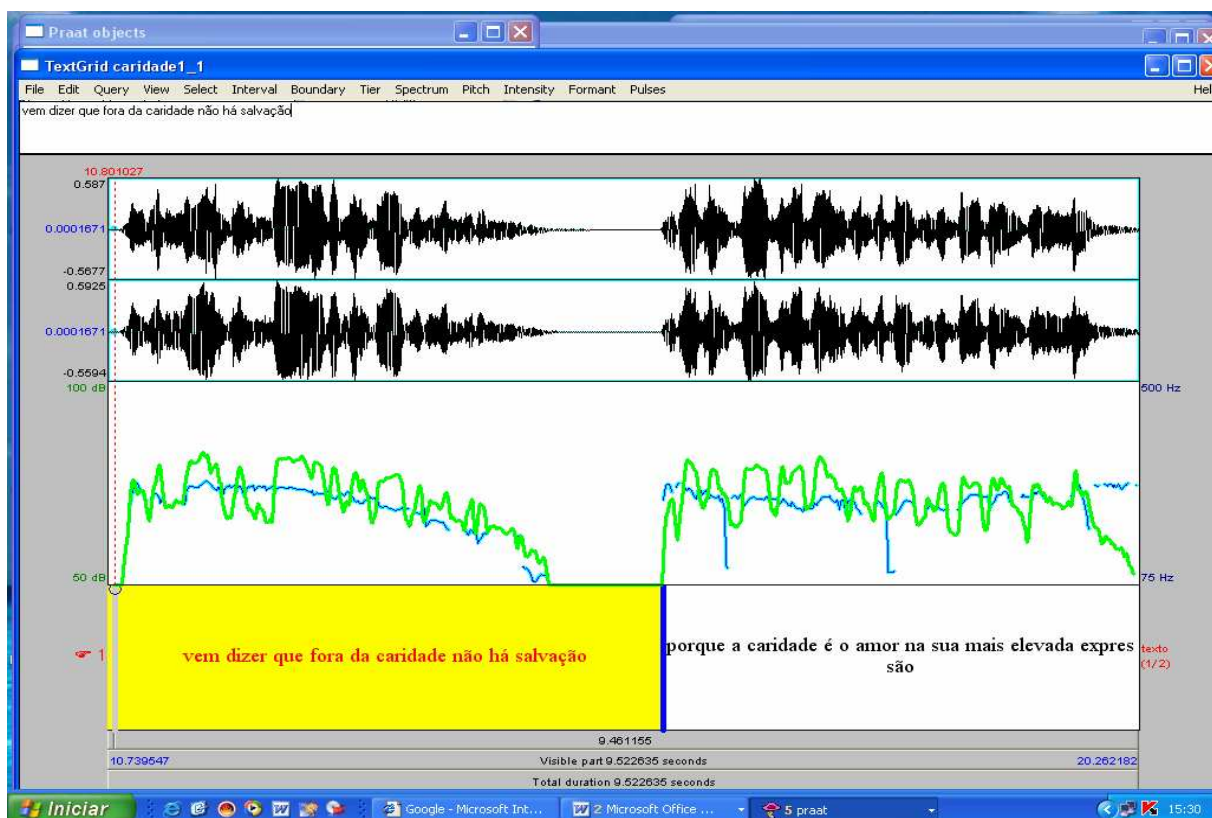


Figura 3 — Máxima Espírita

Na figura 3, observa-se que, ao enunciar verdades doutrinárias, o orador reforça prosodicamente sua fala, aumentando o volume de “vem” até “caridade”. A frase “Deus é amor” é apresentada com qualidade de voz quase inaudível, murmurante, em uma redução drástica do volume.

A palavra “fora” é bastante enfatizada ao apresentar maior saliência de sílaba tônica, sendo mais alta também no volume. Assim, como há redução de velocidade, a duração é maior, e ocorre aí uma fala em falseto. O ritmo é marcado. O alto volume de voz tem a função pragmática de indicar perigo para quem não pratica a caridade. Além disso, o orador usa uma qualidade de voz chorosa para as palavras “não há salvação” que sofrem uma redução de volume até terminam em lamento, em um gemido de pesar, o que dá idéia de sofrimento. Também acontece um contraste muito acentuado na variação melódica neste trecho, que vai do registro murmurante ao quase grito.

O excerto transcrito acima contém uma das máximas doutrinárias mais importantes para os kardecistas “fora da caridade não há salvação” (KARDEC, 2002, p. 197). Por isso, esse enunciado recebe uma carga prosódica maior no tocante ao volume, velocidade e duração o que destaca e solidifica o conceito de caridade.

O palestrante espírita se coloca em uma posição superior a do auditório quando institui o *ethos* de instrução utilizando construções eruditas como:

“ *os seus olhos são tão lindos:::.... que se eu pudesse eu os arrancava... para fazer um pedantirf*”, (45:14)

“*asseverou peremptório... Deus morreu... a França... que se libertou dos Bourbouns*”, (01:02)

“*voz melodiosa canórica melancólica do boiadeiro...*”.(01:10:12)

O *ethos* de instrução é reforçado com a adição de refinamento, de boa instrução, ao recorrer a palavras de outros idiomas como o francês e o inglês. No entanto, a preferência recai sobre o francês:

“*Leland apareceu lá... na estrada do palácio... todo vestido de azul... como uma tela de Gaisnborogh*”, (52:26)

“*com dois funcionários de libré..*”(52:21)

“*e a carnificina foi tão cruel... que as águas do rio Loaré... ficaram poluídas pelo número volumoso de cadáveres...*”. (05:42)

Enfim, fica claro que o enunciador não confere a si mesmo um *status* superior ao considerar-se a relação de cordialidade que estabelece com seu auditório, porém ele legitima esse status de superioridade através da erudição de seu texto, construído por meio de elementos escolhidos na variante de prestígio social.

A historicidade cronológica é outro elemento que dá confiabilidade à erudição do palestrante espírita e ocorre em vários trechos da palestra. Ao situar os eventos em seus marcos históricos, o orador se coloca como possuidor de grande cultura letrada. A credibilidade deriva de sua capacidade mnemônica. O orador explicita na palestra que a leitura é importante fonte de informações, demonstrando sua relação íntima com a leitura/ciência como meio de obter conhecimento. Sua sabedoria não se assenta só em bases religiosas, é comprovadamente histórico-científica, como pode ser observado no exemplo a seguir:

“*...no dia 23 de Novembro de 1793... na catedral de Notre Dame em Paris... o orador Gaspar Chaumetère.... levantou-se no púlpito e diante da nave da igreja gótica ... totalmente repleta... proferiu o discurso... dando idéia do direcionamento da Revolução Francesa...após as palavras iniciais... Pierre Gaspar Chaumetère asseverou peremptório... Deus morreu... a*

*França... que se libertou dos Bourbouns não tem necessidade de Deus..... a partir deste momento... nosso Deus é a razão...dispensamos qualquer expressão de Deus e devemos combater as religiões... a massa que se acotovelava no grande santuário parisiense... algo aturdida... Acompanhou de imediato... uma procissão que foi improvisada e que no andar carregava a jovem... bailarina Candeio... do teatro de ópera... vestida de branco... com o barrete frágil representando a razão... a partir daquele momento... os revolucionários franceses...decretaram a morte de Deus... asseveravam que a humanidade não tem necessidade de qualquer uma ... realidade espiritual... especialmente da própria divindade... logo depois... no ardor dessa onda de negativismo espiritualista... **no ano de 1802...Napoleão Bonaparte...** para poder assentar seus arraiais em Paris...firmou a Segunda Concordata entre o governo da França e o vaticano trazendo Deus de volta a o seu país... através desse documento... o célebre corso desejava fortalecer sua posição... e para tanto... recorreu ao poder teocrático da religião... para trazer... a divindade de volta ao solo francês... e Deus...” (00:24).*

Na passagem selecionada acima, que faz parte do exórdio, sobressai-se a forma como são apresentados os dados iniciais da palestra e nela também são encontrados modos de expressão que não se enquadram no comum, a saber, uso constante de expressões rebuscadas como: “levantou-se no púlpito”, “asseverou peremptório”, “o célebre corso” “barrete frágil” e empregando qualidade de voz declamatória. Essa peculiaridade de expressão para descrever os acontecimentos, ou seja, torná-los tão presentes à consciência gera a impressão no ouvinte de ver os fatos se desenrolarem ante os olhos. Isso é resultado do emprego de figuras retóricas que desempenham um papel persuasivo, como neste caso, a hipotipose.

Como recurso discursivo para esse primeiro momento, o expositor espírita se vale de uma figura retórica, a hipotipose, para uma descrição mais acurada e vívida da cena, aumentando assim, o sentimento de presença no auditório (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2005). Ao descrever, aumenta discretamente o volume de voz e reduz a velocidade mantendo um padrão entoacional constante, gerando um tom declamatório. Tal combinação de elementos prosódicos tem a função pragmática de sinalizar maior valor ao que é dito. O falar do orador, que é cuidadoso e cheio de pausas que revela outra função pragmática da ausência de sonoridade momentânea repetida na palestra: “nos monólogos as pausas longas têm uma função cognitiva ao operarem como momentos de planejamento de verbal ou organização do pensamento” (MARCUSCHI, 2003, p. 63).

É possível dizer que o ritmo, ou seja, a simetria que resulta de proporções regulares e certas combinações sonoras, se mantém e simula o ato de ler. O orador usa o volume para simular a leitura e colocar a fala na mesma velocidade desta. Essa escolha no nível prosódico provoca uma proximidade da modalidade falada com a modalidade escrita em norma culta, seguindo um dos preceitos da boa linguagem — a harmonia—, como assevera Cegalla (2004, p. 418): “**Harmonia.** É o elemento musical da frase. Seu segredo está na escolha e disposição das palavras, de tal maneira que o período se imponha pelo ritmo, equilíbrio e melodia” (grifo do autor).

Além disso, é perceptível que as pausas quase sempre coincidem com lugares onde a pontuação na escrita apareceria para segmentar elementos sintáticos. Processo que facilita a compreensão para um auditório bastante acostumado com a da língua em sua modalidade escrita. Na palestra, a prosódia serve para reforçar essa proximidade (fala/escrita). O orador mostra de maneira sutil essa capacidade de manter a representação prosódica da escrita na fala, atua na palestra como se estivesse lendo, apesar de não o fazê-lo em momento algum. Este fato incide diretamente no *ethos* de instrução do orador, reforçando-o.

A sentença “Deus morreu”, na figura 4 a seguir, sofre uma redução significativa no volume, marcando este enunciado como o mais importante da estrutura discursiva, como se pode observar na parte em destaque (trecho vermelho). Ao enunciar “Deus”, o enunciador usa volume mais alto (77.65 dB) e quando chega ao final da palavra “morreu” atinge 50.8 dB. Se comparadas à sentença seguinte “a França” com 75.88 dB, percebe-se uma redução de 25.80 dB. A função da fala é expressa pelo tom neutro¹⁴ e a entoação carrega uma frase que é sintaticamente declarativa. O orador demarca pela entoação, a fala de Chaumetère na forma de um discurso direto, em contraposição à sua fala. Todas as vezes que a morte de Deus é verbalizada, o orador emprega, aliado ao decréscimo do volume, uma qualidade de voz emotiva contrita.

¹⁴ O termo neutro nesta análise se refere um padrão entoacional nivelado.

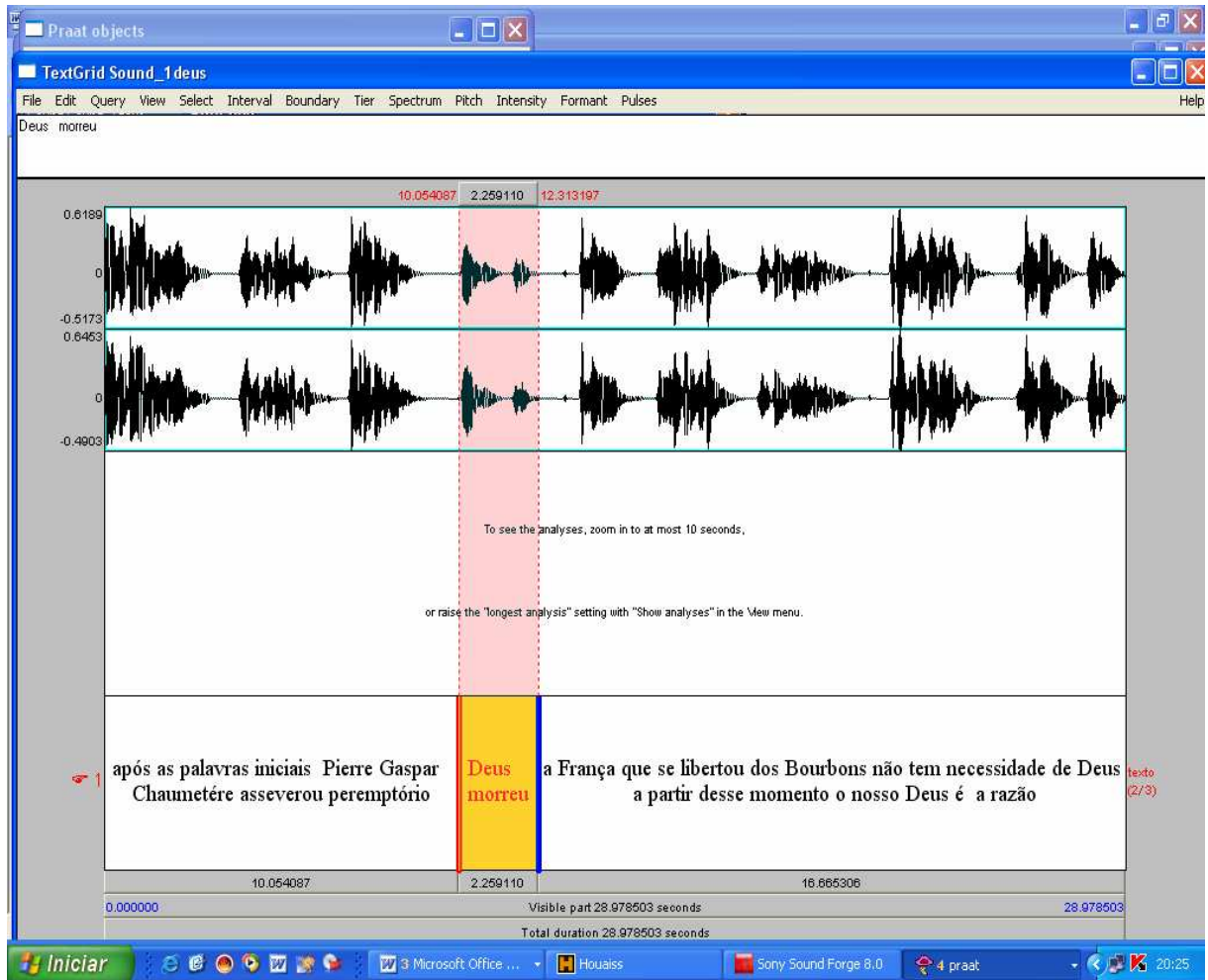


Figura 4 — Hipotipose

Em um segundo recorte do mesmo trecho mostrado na figura 5, é visível (linha azul) que a variação da altura melódica sofreu uma quebra antes da pronúncia de “morreu” sinalizando uma intenção de chamar atenção para um fato grave que vem em seguida, no caso a morte de Deus. E continua em uma pausa longa cuja função é dar tempo para que o auditório reflita sobre o fato que é a base para a contra argumentação do orador espírita. Procede a uma parada estratégica reduzindo gradualmente a intensidade, como visto pelas linhas verdes, para chocar um auditório que é particular e cujas bases do acordo se assentam na crença da divindade.

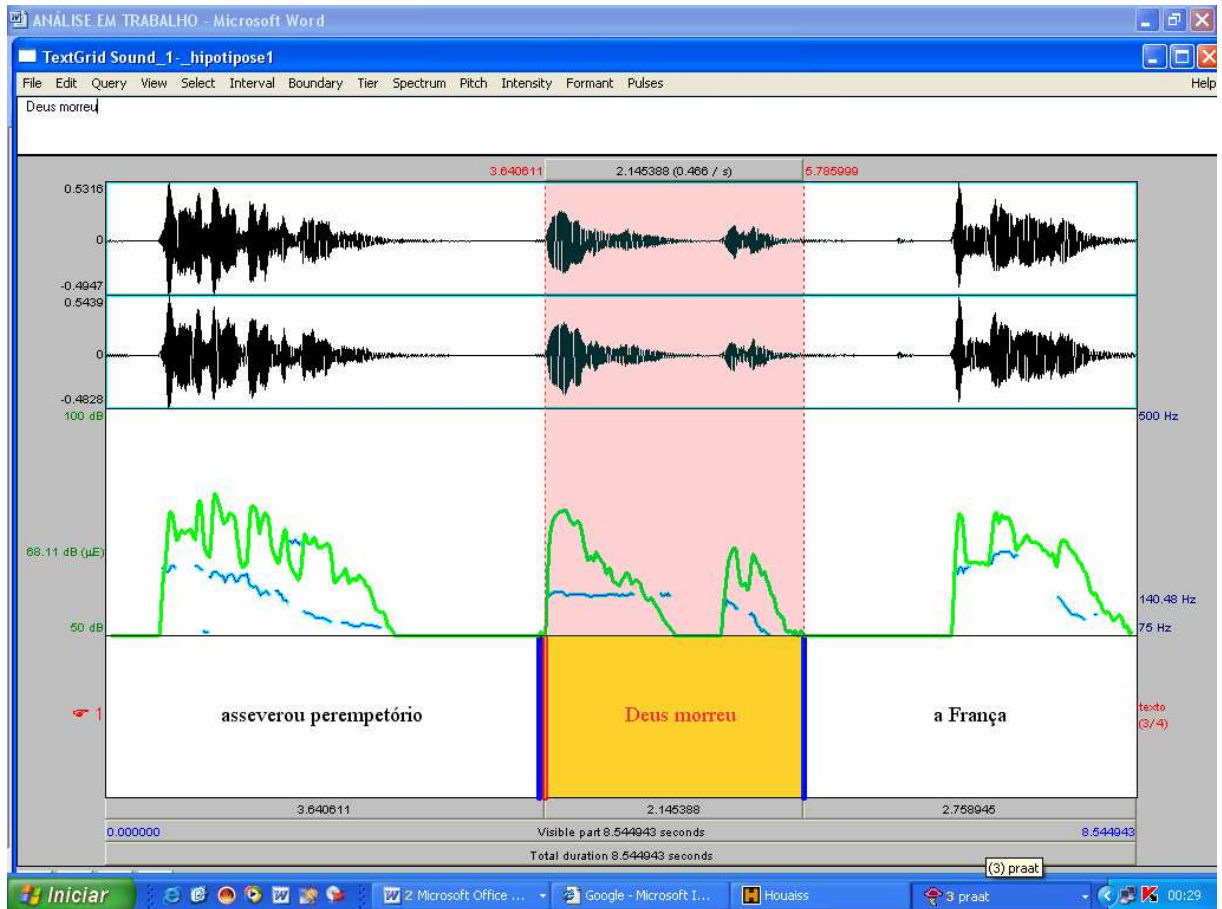


Figura 5 — Deus Morreu

Observa-se ainda, que orador recorre à *hipotipose* para aumentar o sentido de presença na palestra. Sempre que inicia uma nova parte emprega os mesmos recursos lingüísticos: abaixa o volume para proceder à mudança de tópico na primeira sentença e adota uma entoação neutra. Na palestra a figura supracitada é usada duas vezes e o orador utiliza os mesmos padrões prosódicos: o volume sofre redução e a velocidade apresenta um grande número de pausas nas duas ocorrências de uso do recurso retórico. A *hipotipose* é uma figura retórica que se presta a descrição de cenas com cunho pedagógico, pois sempre encerram uma moral e se adaptam ao que pregam determinadas máximas espíritas.

Já na segunda parte da palestra, na qual a história que motivou a fundação da Universidade Stanford é narrada, o palestrante lança mão de recursos patéticos. O orador se vale de maiores variações do elemento prosódico volume e velocidade e também de pausas que além da função aerodinâmica, permite ao falante respirar durante a fala em momentos oportunos, organiza o pensamento. Há uma significativa incidência de pausas na parte mais ligada ao *pathos*, no trecho da palestra indicado abaixo, pode-se contar 38 momentos de

ocorrência de pausas em aproximadamente 1 minuto e 30 segundos. Elas se juntam à figura retórica da hipotipóse para compor um quadro descritivo detalhado.

“...no fim do século 19... nos Estados Unidos... em San Francisco da Califórnia...em uma cidadezinha... Pallo Alto onde esteve... o futebol brasileiro... no passado recente... residia um casal...que estava... programado para deixar o nome na história... esse casal... era constituído por um ex senador da república... naquele momento... governador:::..do estado da Califórnia... o senador Stanford... era casado com a mulher mais bela da América... frágil... bela... jovem... Rica e Magra... o ideal de todas as mulheres... Ela quando passava... provocava a ira... a inveja... a sua carruagem... recoberta de ouro e pedras preciosas... quando corria pelas ruas de San Francisco e ela acena com um lenço... de linho branco belga... bordado... a inveja... ia atrás... para completar a felicidade de madame Stanford...que morava em uma grande mansão... em uma colina em Pallo Alto... tinha um filho... na época desses acontecimentos que contava com mais ou menos 11 anos... chamado Leland... (41:48).

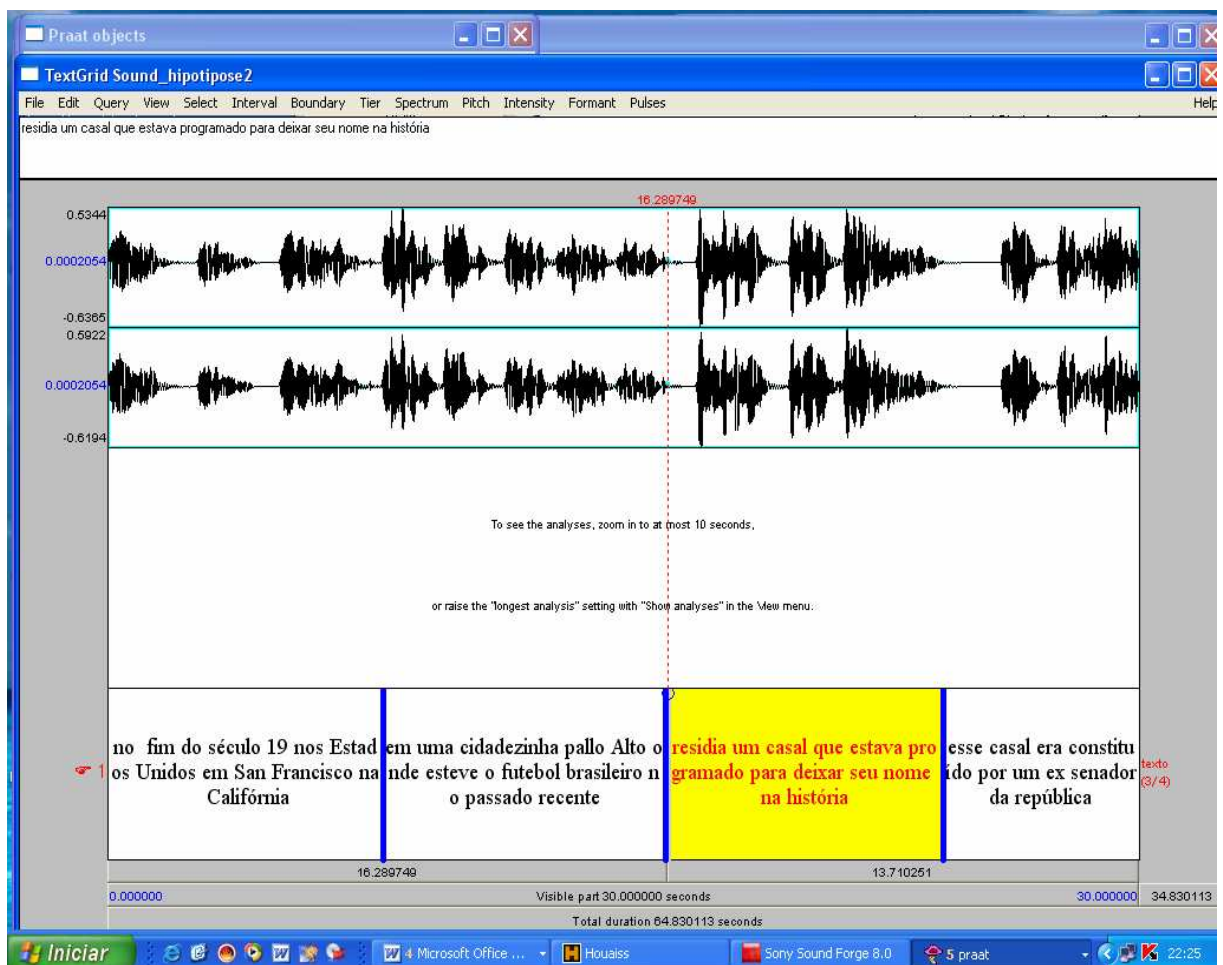


Figura 6A — Casal Stanford.

Constata-se também que o orador insere um trecho móvel destacável, digressão, por meio do qual faz um recorte, logo no início da narrativa, e se dirige ao auditório. Estes trechos têm a função de aumentar a presença, criando entre auditório e orador a sensação de intimidade. O efeito semântico carreado para o enunciado com a inserção da digressão “onde estive o futebol brasileiro no passado recente” é de atualidade no discurso. O orador com esse desvio pretende realçar a presença provocando um desvio na distância temporal, pois, para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), o presente tem a propriedade de proporcionar mais facilmente o “sentimento de presença” no auditório. Com isso, o orador cria nos ouvintes a sensação de ser incluído, de estar mais próximo dos fatos narrados através do desenvolvimento de uma identificação afetiva. Uma estimulação prévia do passional.

No fragmento abaixo o orador relata um fato pessoal quando efetua a digressão o que dá a narrativa um aspecto mais íntimo. É uma quebra momentânea do distanciamento entre ouvinte e auditório, com isso, coloca-se no mesmo plano do ouvinte, um reforço da paixão da confiança através da identificação de situações cotidianas e do conhecimento de aspectos da vida pessoal do orador.

“... meu bem o que é que eu faço?... como é que eu vou ficar uma semana inteira dentro de casa?... porque há muita gente que não agüenta nem três dias... eu tenho uma amiga em salvador... quando ela perde o emprego... ela enrola uma caixa de sapato em papel de presente bota embaixo do braço... vai para a cidade entra numa loja entra noutra... depois volta... pra dar a impressão que ela foi fazer compras... a caixa de presente que ela leva... madame pergunta o que é que eu vou fazer?... E ELE que a amava:::era mais velho do que ela... disse meu bem porque é que você não vai brincar com nosso filho...” (46:39).

Analisando, portanto, a atuação do orador, percebe-se que ele usa largamente digressões que podem ser inseridas em qualquer momento da explanação oral. No discurso judiciário, as digressões são usadas com a “função de distrair o auditório, mas também apiedá-lo, indigná-lo; pode até servir de prova indireta quando feito como evocação do passado longínquo” (REBOUL, 2004, p. 59). O palestrante espírita também lança mão dessa estratégia para distrair e provocar sentimentos no auditório, como se vê logo a seguir.

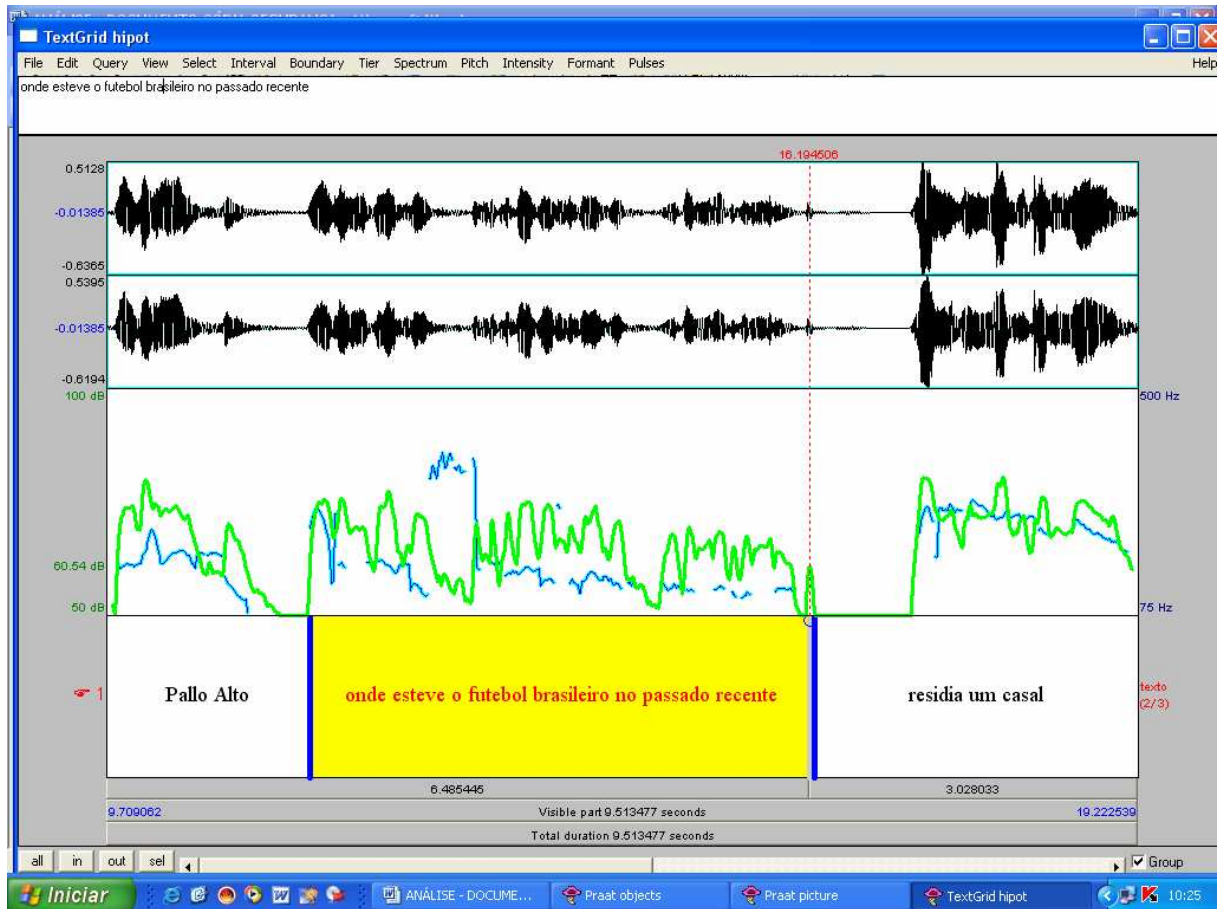


Figura 6B — Digressão

As digressões do *corpus* analisado ocorrem sempre por meio da diminuição do volume e velocidade da voz, além de emprego de uma tessitura mais grave (cf. figura 6B). Na palestra de Divaldo, a digressão tem função pragmática de dar a conhecer a atitude do falante, ou seja, a desaceleração da fala do orador indica maior valor ao que ele diz. Geralmente encerra um comentário que na verdade pode ser uma informação, um discurso moralizador, um pequeno sermão sem o tom de admoestação, repreensão, descompostura. Ou mesmo, por meio da digressão, o orador apresenta uma constatação, traz uma informação.

Os trechos destacados abaixo mostram um padrão lento/baixo que se repete no tocante às digressões. O volume da intensidade sonora indicado pela linha verde diminui gradualmente (de 77.34 dB a 60.54dB), como se pode verificar pelo tracejado de linha em vermelho que marca o menor pico de volume do enunciado em destaque. A velocidade de voz lenta é notada pela quebra de continuidade (linhas azuis) ocasionada pelas pausas. É uma estratégia prosódica usada para registrar quando algo importante é dito. Neste caso, trata-se de uma figura que intensifica o sentimento de comunhão com o auditório, já que assunto futebol

gera uma cumplicidade no brasileiro. Logo a seguir, o orador acelera a velocidade de voz quando prepara o auditório para um argumento mais importante adiante. Através da aceleração/desaceleração e da diminuição/aumento do volume é que procura fixar para o auditório as idéias de causa e efeito essenciais em sua tese. Na palestra espírita analisada, as digressões com força de um sermão aparecem quatro vezes e, todas na segunda parte, estas foram transcritas abaixo:

1- *“madame dizia as amigas meu filho tem tudo... ele tem três babás... uma francesa... uma inglesa.. uma alemã... eu dei metade da mansão para ele... ele só não tinha mãe porque a mãe não tinha tempo para ele mas isso não é importante...muitas mães hoje fazem a mesma coisa...DÃO COISAS para não se darem... porque elas querem gozar eles os pais ... e os filhos eles dão coisas dão presentes dão::bicicleta moto automóvel e preparam-nos ... para serem assassinos viciados... porque como não tem família... os pais trabalham para dar coisas... mas não se dão... porque isto é muito mais caro... LELand tinha tudo”* (43:39)

2- *E ELE que a amava::era mais velho do que ela... disse meu bem porque é que você não vai brincar com nosso filho... porque há muita gente que tem filho de brincadeira... o homem::... carregava na carteira a fotografia... olha aqui o herDEIRO... se é rapaz... olha aqui a garota::ça... se é menina a mãe coloca um berloquezinho de ouro tem um filho dois três... só até aí... e aí ela fica contente... mas ainda não se deram conta com exceções... da magnitude de ser pai... de ser mãe... quando ele lembrou do filho... mas é verdade... vou brincar com Leland saiu a correr...(47:08).*

3- *“Leland... eu já fiz a minha caridade a caridade para esta gente é assim... tirou várias fotografias... estavam muito bonitas... posava fazendo a distribuição...agora voltemos... ele saiu assim correndo...”* (55:02).

4-*“só não tinha mãe porque a mãe não tinha tempo para ele mas isso não é importante...muitas mães hoje fazem a mesma coisa...DÃO COISAS para não se darem... porque elas querem gozar eles os pais ... e os filhos eles dão coisas dão presentes dão::bicicleta moto automóvel e preparam-nos ... para serem assassinos viciados... porque como não tem família... os pais trabalham para dar coisas... mas não se dão... porque isto é muito mais caro... LELand tinha tudo... mas assim mesmo ele amava os pais...”* (43:52).

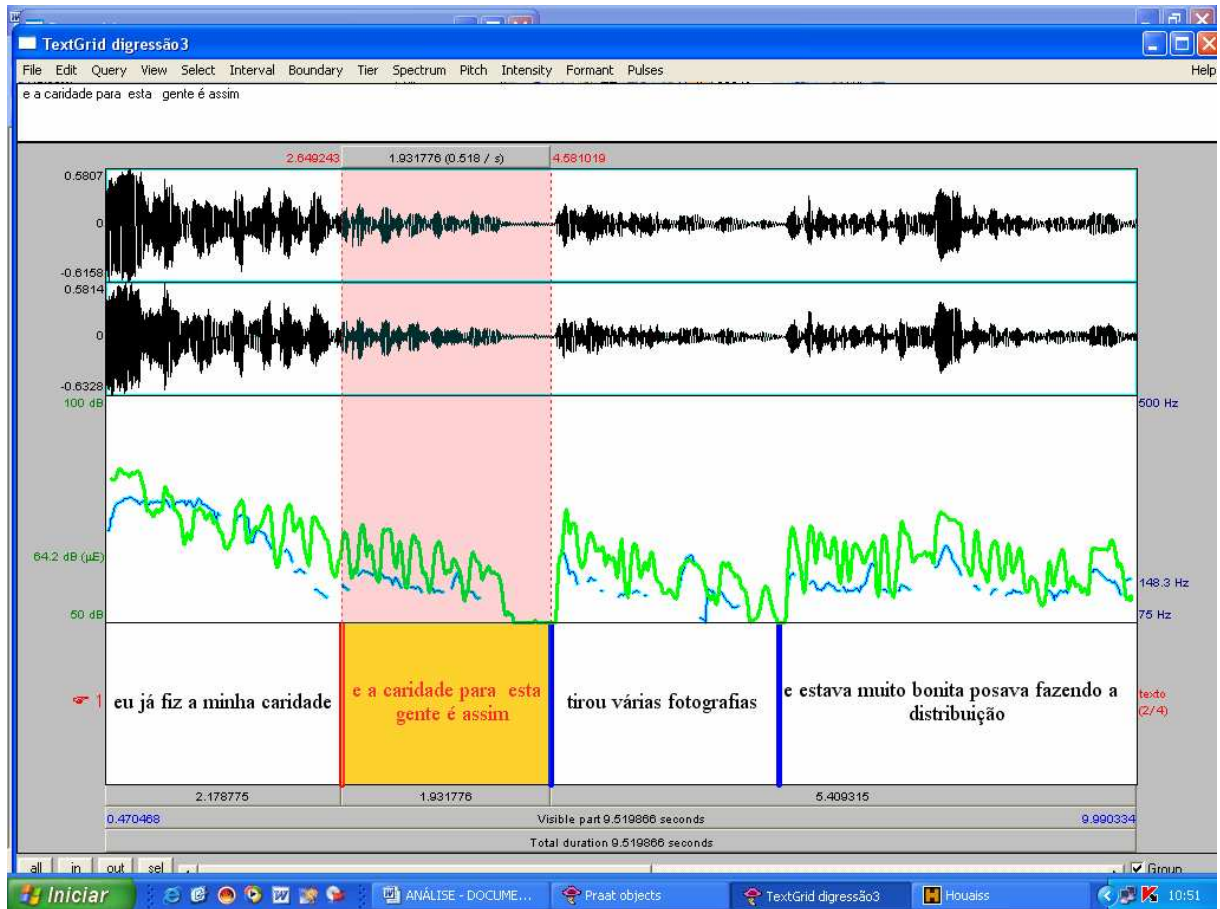


Figura 7 — Sermão

É possível observar que o orador mantém um padrão quando usa as digressões em sua palestra. Analisando o excerto 3, representado pela figura 7, abaixo, percebe-se que o enunciado “a caridade para essa gente é assim” insere um comentário que exprime um juízo de valor que foi marcado prosodicamente pela variação do volume (69.81 dB e 53.01dB) em relação às sentenças entre as quais se situa. A primeira vai de 83.55dB a 60.03dB, e a terceira oscila entre 72.24dB e 57.81dB. O enunciado em destaque traz marcas fonéticas de redução que produzem um efeito de um comentário entre parênteses (CAGLIARI, 1992). A digressão pode ser entendida como um desvio que o orador faz antes de retomar o “fio da meada” mais adiante. Para atribuir valores relativos às partes que precedem, compõem e sucedem a digressão, o orador recorre ao elemento prosódico da tessitura. Durante a digressão, há o uso de uma tessitura em nível baixo que indica o assunto secundário e a tessitura alta, retorno ao assunto principal. Acompanhando a figura 6 é observado que a intensidade (linha verde) vai sendo reduzida em escala descendente, até terminar com uma pausa. Também um exame do espectro sonoro (linhas em preto acima) indica que esta é a parte com o volume mais baixa.

A tessitura mais baixa é usada para destacar o deslocamento da frase, ou seja, sintaticamente é um aposto. Além disso, a tessitura, aqui tem duas funções: coesiva porque “ela serve para lembrar o ouvinte como conectar coisas ditas antes com coisas ditas depois” (CAGLIARI, 1992, p.140), e pragmática, uma vez que os níveis mais baixos indicam mais razão, autoridade (BOLLELA, 2006, p. 119).

Assim, discursivamente, o enunciado se estabelece como um sermão no qual o orador faz, brevemente, um juízo de valor negativo sobre quem pratica a caridade apenas para se destacar, aparece aqui a paixão do desprezo. Critica essa forma de caridade deixando implícito que há outra que é a correta. Por meio dos elementos prosódicos tessitura e volume combinados à fala do enunciador, suscita-se no auditório uma paixão que decorre do caráter honesto. A paixão da indignação, segundo Aristóteles (2000), reflete uma não aceitação moral. Neste caso, da forma errada como a caridade é praticada. Novamente, o palestrante reforça para o ouvinte um *ethos* virtuoso ao mesmo tempo em que excita a paixão, apelando para o sentimento moral.

Outra característica da digressão, na análise apresentada, é poder resgatar fatos de um passado mais distante. E uma vez que uma das funções da digressão é evocar a história, em passado longínquo (cf.. REBOUL, 2004), no *corpus*, o desvio momentâneo do assunto, tem objetivo de presentificar o tempo pretérito. Além disso, atua como um argumento retórico, ou seja, como prova indireta dos fatos que o expositor irá mencionar em seu discurso, como é percebido nos dois fragmentos da palestra abaixo:

1- *Napoleão em um gesto de audácia::: acercou-se do papa quebrou o protocolo e... auto coroou-se... para demonstrar sua animosidade ao papa reinante... ato contínuo ele coroou Josefina como imperatriz... mas merece recordamos... que dois meses antes apenas... no dia 3 de Outubro daquele referido 1804... na cidade de Lion... próximo a Paris 400km... nascia... Hipolite de Lion Denizard Rivaill... que a humanidade conhecerá mais tarde com o pseudônimo de Allan Kardec... Deus... estava agora intronizado...através de Napoleão I...* (04:19)

2- *E ERGUI a universidade Stanford... Em Homenagem ao meu filho... é hoje uma das dez maiores universidades do mundo... foi ali... em 1908... que se conseguiu pela primeira vez... a fissão nuclear... em homenagem ao meu filho... então Felício Terra* (01:06:11)

A digressão na palestra espírita tem duas funções, a saber: produzir o mesmo efeito de um sermão, ou seja, comover e mobilizar as paixões do auditório e presentificar um fato histórico, retomando-o. Tal incidência carrega para a digressão de cunho histórico um “sentimento de presença” e, consoante Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a razão é passível de provocar a emoção assim como também o faz a figura. Então, é possível dizer que, na palestra espírita analisada, as ocorrências de digressão podem ser tomadas como figuras de comunhão e de presença.

Outro elemento lingüístico que consegue trazer para a palestra o sentimento de comunhão e presença, além de excitar as paixões, é a pausa. Na narrativa da palestra espírita, os interlocutores seguem um planejamento discursivo que parece ser previamente elaborado porque há uma interação que simboliza uma conversação artificial (DIONÍSIO, 2006). É interessante uma análise do elemento prosódico em questão, a pausa, que é muito usada na segunda parte da palestra. Convém analisá-la também uma vez que ela é uma das estratégias utilizadas para a ocorrência de troca de turnos.

Em uma construção composicional típica de interação face a face, a palestra é um evento dialógico que, em primeiro momento, pode parecer uma situação discursiva espontânea mesclada a discursos institucionais oriundos da doutrina, mas que depois de analisada se configurou apenas como um simulacro de uma conversação espontânea. A transmissão se dá em uma “situação de diálogo” cujo objetivo é convencer o auditório, estimulando as formações patéticas da narrativa.

Os meios lingüísticos para a estruturação da palestra não se estabelecem por meio de turnos. A palavra não é passada ao outro em nenhum momento, pois inversões dos papéis entre falante e ouvinte não ocorrem. O orador realiza um monólogo no qual ele simula a conversação e atribui turnos para demonstrar a presença de interação entre as personagens dentro da narrativa. Esta se constitui em um simulacro da conversação, que Marcuschi (2003) define como uma das primeiras formas de linguagem a que estamos expostos e como um gênero básico da interação humana.

No trecho abaixo analisado, há uma abundância de pausas, 26 momentos. Verifica-se que as pausas são freqüentes nos momentos de grande emotividade. O fragmento narra um caso de orfandade. A criança perde os pais da mesma maneira. O orador reduz a velocidade da voz e o volume e utiliza de qualidade de voz murmurante, embargada, contrita para indicar o sofrimento da personagem no momento da perda do marido:

“ o pai...e a mãe... levavam-no... até um rochedo... o pai pegava o barco para ir pescar... a mãe dava adeus com o filho... e a tarde vinham buscar o pescador... todos os dias... até um dia... que o pescador não voltou... e a mãe ficou ali com o filho... Até a manhã seguinte... e ele não voltou... até o cair da tarde... e ele não retornou... até o outro dia... então ela disse meu filho... as sereias do mar roubaram-me teu pai... espera por mim... eu vou buscá-lo... e entrou no mar... e nunca mais voltou... oh Leland... que história triste meu filho... porque tu gostas desta história?... porque aquele menino da praia... se parece muito comigo... contigo? (49:03).

Com essa descrição e através do uso da hipotipose o orador cria o sentimento de presença e ao mesmo tempo incita a paixão da compaixão e da indignação ao dar a conhecer que a criança ficará sozinha devido a um ato egoísta da mãe. Há também uma relação de correspondência entre os exemplos das narrativas dentro da palestra como é mostrado na fala das personagens abaixo. Ambas ilustram o egoísmo dos pais que não percebem ou pensam nos filhos. Um é deixado à própria sorte e o outro é ignorado apesar da riqueza. A solidão, presente em momentos de vida dos dois meninos inspira a paixão da compaixão. Um sentimento que junto com o arrependimento, é também implícito na fala da mãe quando ela diz “...Oh Leland ... perdoa-nos”.

“... oh Leland... que história triste meu filho... porque tu gostas desta história?... porque aquele menino da praia... se parece muito comigo... contigo?... sim mamãe... mas tu tens teu pai... é verdade... no mar dos negócios e da governança... mas tu tens a mim... mamãe vai... pelo mesmo mar... atrás de papai... eu fico sempre aqui esperando... que as ondas do mar da vida me devolvam... um ou outro... Oh Leland... perdoa-nos....” (49:53).

Uma observação do formato de onda da figura 8 A mostra aumento de volume na fala que começa em de “até a manhã seguinte” até para caracterizar o desespero da mulher do pescador. O primeiro enunciado é pronunciado com qualidade de voz que expressa alarme, desespero e cria uma expectativa sobre o desenrolar da narração. E em “até o cair da tarde” a qualidade de voz é um pouco sussurrada indicando susto, terror diante da constatação. Os enunciados: “e ele não voltou”, “e ele não retornou” usam o mesmo padrão de qualidade de voz chorosa para dar idéia de sofrimento.

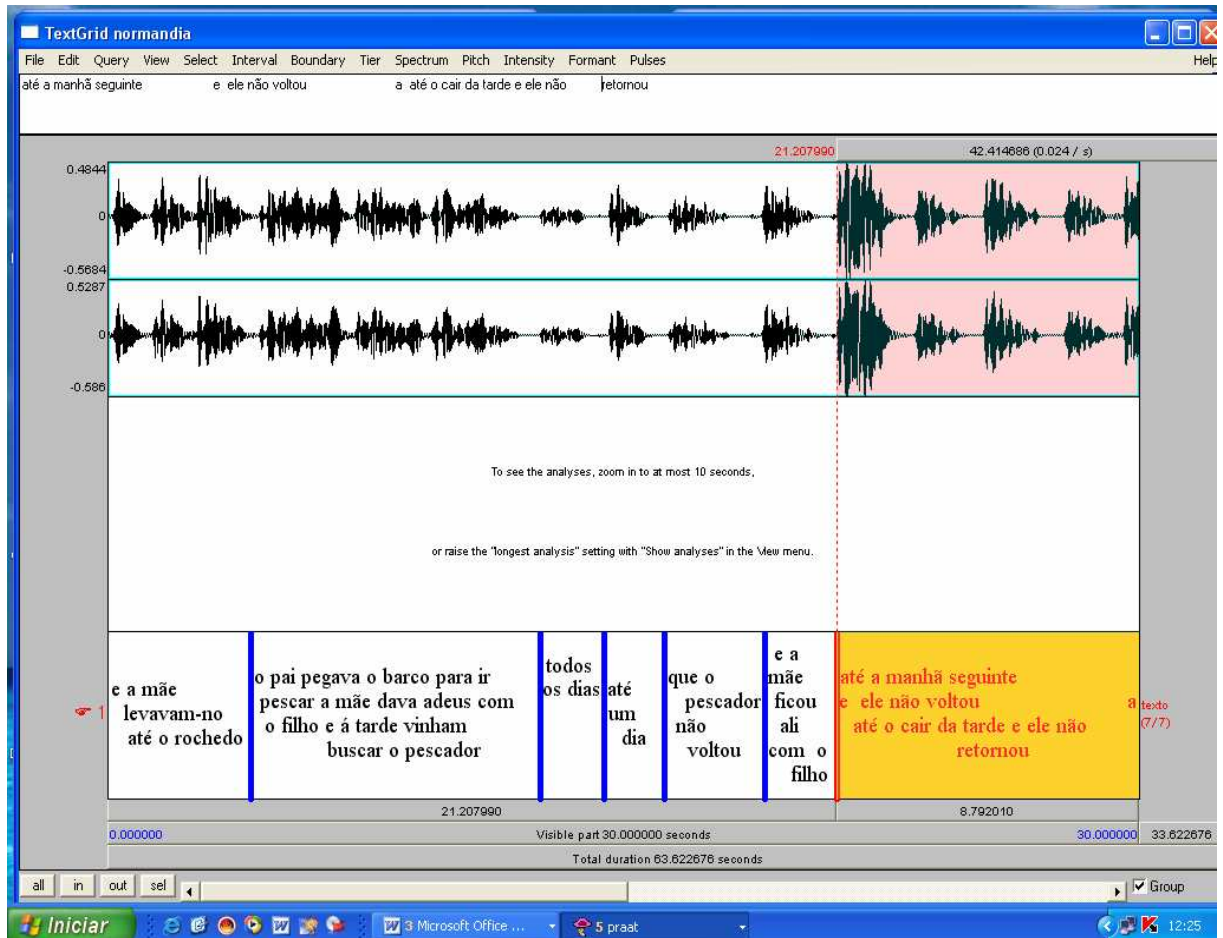


Figura 8A — O pescador

Na palestra espírita as pausas se propõem a desempenhar a função de segmentação. Abaixo, por exemplo, encontramos a ocorrência de dezenove pausas sendo quatro com função de conectores — e, e, pois, e (marcadas em negrito entre parênteses):

*“É lá que estão meus irmãos órfãos... mas quando madame chegou a Roma... com seu filho no mês de agosto verão Europeu... as noites longas... Leland contraiu uma pandemia... a febre amarela... **não havia cura na época...** em um hotel de luxo na via Habia antiga... em todo o andar cercado de empregados... o menino começou a delirar na febre e madame ficou apavorada... **chamou os melhores médicos da Itália...** e eles disseram Senhora... não há cura...**(pois) a febre amarela é um ciclo...** **(e)** no término mata... madame não podia aceitar isso... ninguém pode curar meu filho na Europa... talvez ... o médico da rainha Vitória... mandem buscá-lo...**(e)** se for necessário tragam a rainha... eu posso comprar a Inglaterra... mas salvem meu filho... uma carruagem saiu de Roma...” (59:12).*

Na narrativa apresentada pela palestra espírita, a pausa, ou seja, o silêncio em meio a enunciados, tem função de segmentar a fala. A falta de sonorização na fala é um elemento de destaque e que contribui, de maneira significativa, para as mudanças dos interlocutores, estabelecendo assim a troca de turnos. As pausas atuam como marcadores conversacionais organizadores de turnos de fala dos personagens da narrativa oral, pois são o único indicativo da tomada da palavra pelo outro, uma vez que o orador não modifica a tessitura.

Verifica-se que uma característica essencial, no *corpus* analisado, é a sua lentidão, um elemento lingüístico importante na estratégia argumentativa. O silêncio em meio aos enunciados se alia à qualidade de voz emotiva para promover a adesão do ouvinte. O orador usa conjuntamente os recursos supra-segmentais, pausa e tom de voz, para estabelecer a mudança de turno. Nos momentos de grande comoção, como é visto acima, há um decréscimo do volume indicando atitude de querer persuadir.

Em nenhum momento, o orador recorre à mudança de tessitura para estabelecer a mudança dos turnos usando tons graves ou agudos (usando voz em falseto para caracterizar a personagem feminina ou infantilizando-a para representar a personagem infantil). Ele o faz através do decréscimo do volume aliado ao alongamento de vogais ou consoantes e pausas.

“... então Felício Terra perguntou madame... e aqueles mil dólares... a senhora deu?... não... não eram meus... eram de meu filho... eu mandei fazer uma fundação... para educar qualquer criança órfã... de olhos verdes... em homenagem a meu filho...” (01:06:35).

Observa-se também que não ocorrem oscilações bruscas na qualidade de voz do orador, essa é, majoritariamente, monocórdica. Há pontos de elevação do volume, mas esse se mantém estabilizado durante quase toda a palestra indicando atitude pragmática do orador que busca impressionar o auditório. Ao falar baixo e reduzir a velocidade da fala, Divaldo reforça o valor do que diz e procura incitar a emotividade (cf. BOLLELA, 2006, p123).

Nos momentos trágicos da narrativa o orador intensifica a ocorrência das pausas e há um decréscimo do volume, indicando sua intenção de persuadir por meio da exploração do *pathos*, mais especificamente da tristeza como paixão. Tal fato é notado no trecho abaixo quando ele narra as últimas palavras trocadas entre mãe e filho.

“mamãe... ouça... a música mamãe... não meu filho... não tem música... é um delírio... mamãe... os órfãos estão chegando... Tom... John... Mary não Leland...é um delírio... mamãe... eles estão me chamando... eu já vou mamãe... mas antes de eu ir... meu filho não te vás... madame ajoelhou-se... segurou-lhe as mãos... não te vás mamãe antes de eu ir... eu quero lhe fazer um pedido mamãe... tudo que queiras... mamãe quando eu for:::.... você será... uma mãe que não tem filhos não é?... é meu filho... mas você não irá o médico da rainha chegará daqui a pouco... mamãe... eu quero lhe pedir... que depois que eu for... e você se tornar uma mãe que não tem filhos... que você se transforme... na mãe dos filhos que não tem mães... você me promete... prometo meu filho... mas não se vá... mamãe os órfãos estão sorrindo... eles cantam... até logo mamãe... a cabeça pendeu... os olhos verdes... ficaram abertos o médico correu... desceu-lhes as pálpebras madame deu um grito... e tombou inanimada...” (01:01:24)

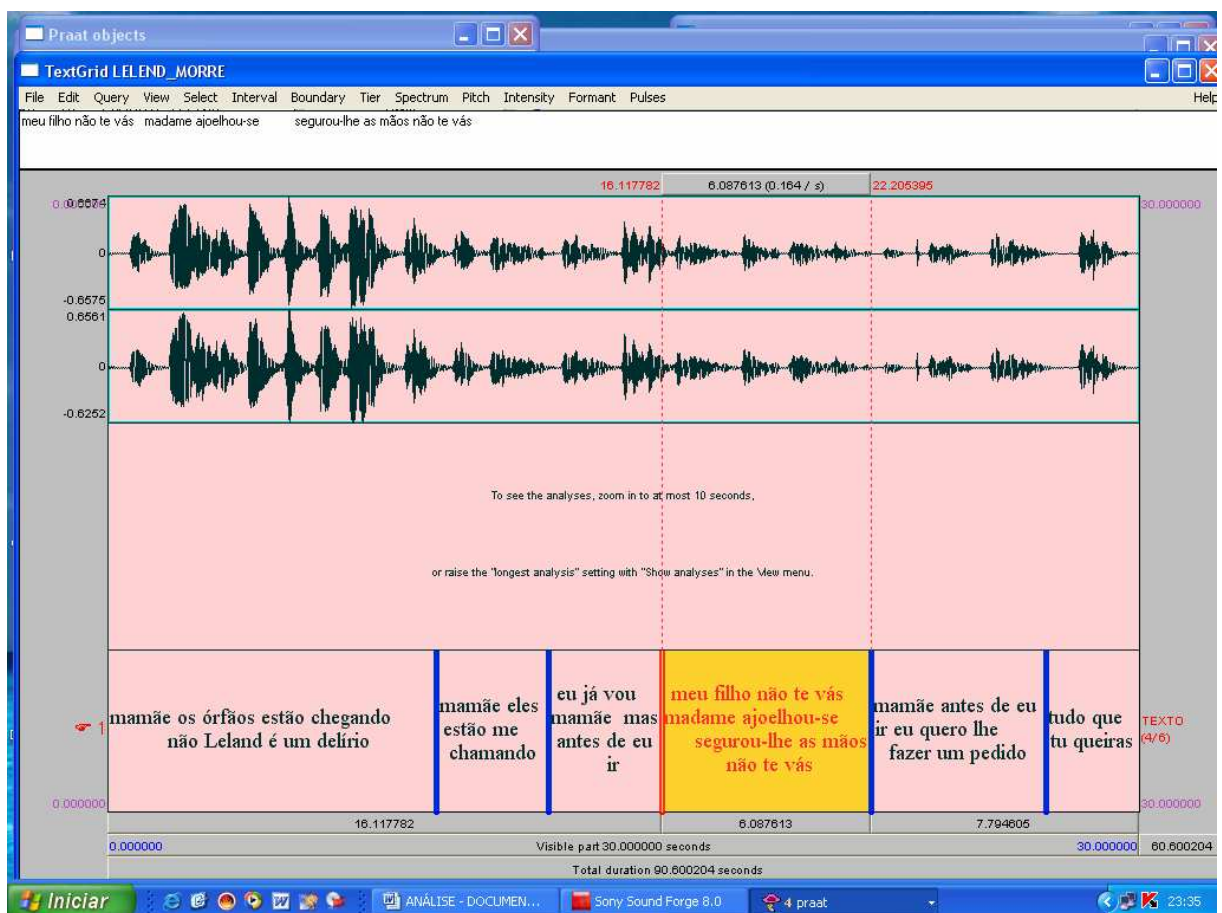


Figura 8B — Leland

As pausas, a qualidade de voz, o volume e a velocidade são essenciais para que o orador emocione o auditório, uma vez que esses são os únicos elementos empregados para a construção textual em suas narrativas orais. O orador usa efeitos teatrais através do aumento do volume na fala da mãe: “*não Leland...é um delírio...*” para indicar sua grande perturbação pela eminente morte de seu único filho e a qualidade de voz é abafada como que sufocada pela dor em contraste com a qualidade de voz empregada na fala de Leland que apresenta traços de alegria e surpresa “*mamãe... os órfãos estão chegando... Tom... John... Mary*”. Em todo esse trecho o orador usa as pausas mais longas para intensificar o efeito patético nas falas da mãe. Alia a isto também qualidade de voz chorosa, sofrida, por meio da redução da velocidade e do volume, como se pode ver pelo formato de onda no trecho em amarelo da figura 8B. O orador procura provocar a compaixão e, por meio dela, instigar uma identificação no auditório, uma vez que todas as pessoas podem sofrer a morte de um ente querido. A paixão da compaixão encontra ressonância no auditório, uma vez que todos os seres contemplam a possibilidade da perda, e para Aristóteles “esses seres são desse gênero e suscetíveis de sofrer os males citados” (2000, p.53). O orador expressa a compaixão por meio do murmúrio.

Na peroração, o palestrante reduz significativamente o elemento prosódico da intensidade sonora para provocar a adesão por meio da fusão entre argumentação e emoção. De acordo com Reboul (2004, p. 60), a peroração “é o momento por excelência em que a afetividade se une à argumentação, o que constrói a alma da Retórica”.

Os temas tristes como a morte, geralmente, são ditos com velocidade lenta de fala, desacelerando para provocar comoção. O patético do discurso é reforçado juntamente com a qualidade de voz sentida, quase chorosa. A inflexão vocal é que se torna um dado argumentativo forte, pois a adesão é construída pelo elemento que está acima do nível segmental, através da prosódia. No trecho representado pela figura 9 abaixo, observa-se que a velocidade e o volume foram bastante reduzidos no trecho em amarelo, se comparados às outras partes. Na palestra, a velocidade de voz para os temas tristes é mais lenta devido ao uso de muitas pausas. O mesmo se dá com o volume o que reforça a indução as paixões.

“ *até logo mamãe... a cabeça pendeu... os olhos verdes... ficaram abertos o médico correu... desceu-lhes as pálpebras madame deu um grito... e tombou inanimada... quando ela despertou... vestiu o seu filho...*” (01:02:44)

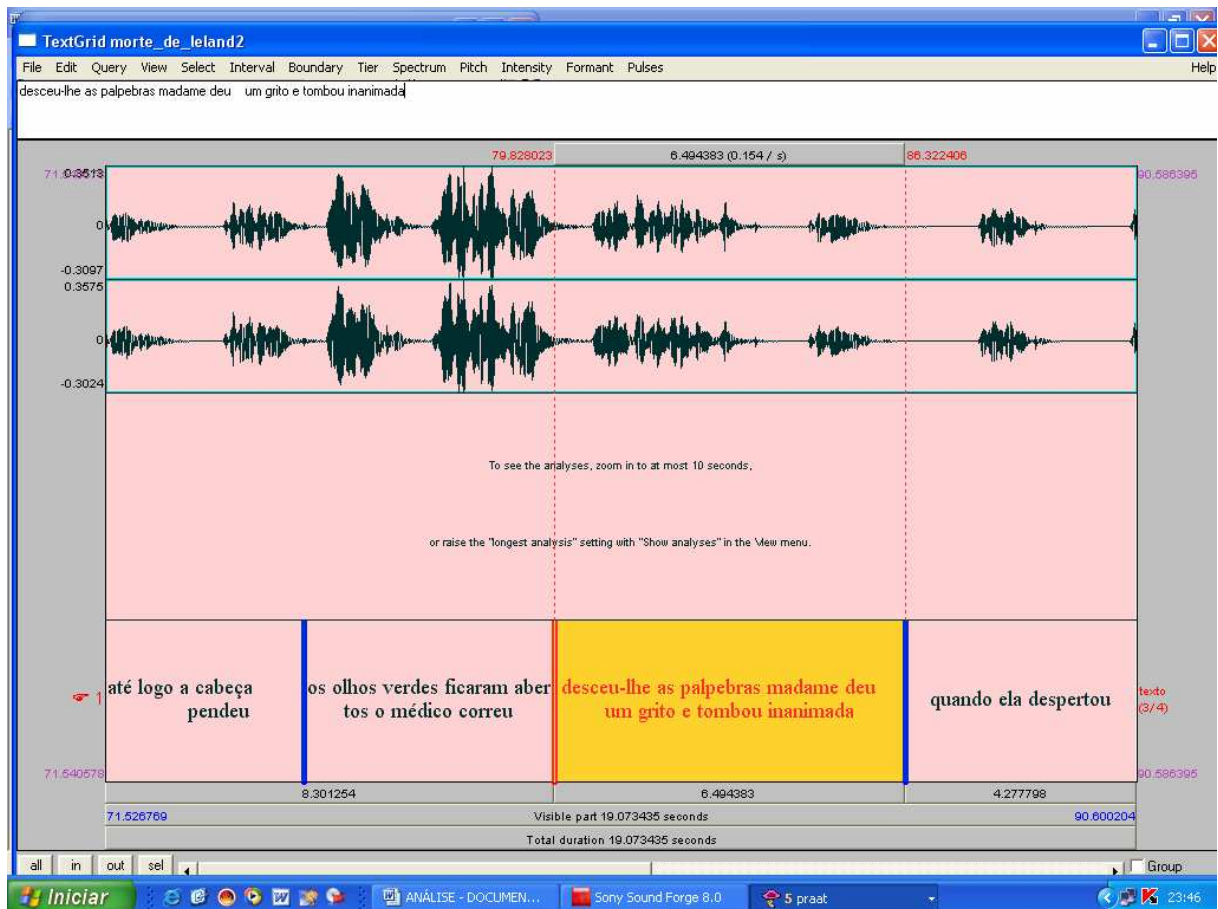


Figura 9 — Morte de Leland

Outra circunstância propícia para provocar o sentimento de presença é o uso da repetição. Examinando o *corpus*, detectou-se uma série de momentos em que se afigurava a repetição. A oração “eu creio em Deus”, muito relevante para o discurso do orador devido a seu cunho religioso, é entoada de diversos modos, acrescentando novos significados à expressão oral que ajudam na persuasão do auditório. Nos fragmento abaixo, listados de 1 a 10, pode-se constatar que, no fragmento 4, o enunciado é proferido com volume alto e a saliência tônica incide na palavra Deus ,com aumento concomitante da duração: “... *por essa razão... o instinto dos animais... diz o doutor Cressey Morrison eu CREIO em DEUS... mas eu creio em Deus por um quarto fator...que se chama genes e crono/cromossomas.*”,(25:39) já no fragmento 6, a tônica recai sobre a palavra com aumento da tessitura e alongamento do ditongo “ei” e há redução da velocidade na palavra “creio”: “*por isso eu creio em Deus... creio em Deus por uma sexta razão... o equilíbrio...*” (27:06).

A palestra pretende evidenciar-se como uma construção do *logos* para adquirir valor de verdade científica irrefutável. Convém ressaltar ainda, que é constitutivo da doutrina

espírita crer que fé e razão são intercambiáveis. A própria epígrafe da obra *Evangelho Segundo o Espiritismo* prega que “Não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade” (KARDEC, 2002, p. 3). O orador busca na figura de repetição, elemento de retomada do tópico discursivo, uma forma de reforçar os preceitos doutrinários, fé e razão.

A constante repetição dos tópicos principais da sentença procura, paulatinamente, levar o auditório à adesão, a crer que os fatos mencionados são plausíveis e atestam o valor de verdade do discurso. Reboul afirma que a figura (qualquer que seja ela) é essencial em um discurso eficiente e acrescenta ainda que “se o argumento é um prego, a figura é o modo de pregá-lo” (2004, p. 114).

“Eu creio” é a oração que estrutura a palestra espírita quando o orador se propõe a dar razões científicas que comprovem a existência de Deus e, para tanto, elege os argumentos quase lógicos, mais precisamente os argumentos matemáticos. Por meio do argumento da divisão, a tese é mostrada em partes como se estas possuíssem as mesmas propriedades do todo, servindo como elemento ilustrativo que, matematicamente, irá provar a tese defendida para o auditório. O viés da matemática empresta valor científico e cunho lógico aos argumentos elencados, capacitando-os a ter valor de verdade, de serem críveis.

Em 41 minutos e 41 segundos de palestra, o enunciado “eu creio em Deus” aparece (em negrito) 16 vezes, nos fragmentos numerados e abaixo. A expressão é repetida geralmente duas vezes na mesma sentença e no fragmento 9, as palavras “ em Deus” estão implícitas. O acento frasal sempre incide sobre as palavras “creio” ou “Deus”, para chamar a atenção sobre as mesmas. O orador a cada processo de repetição também varia os padrões entoacionais, a velocidade e o volume da fala.

1- “:..... o doutor Cressey Morrisson...(...) **ESCREVe** na sua obra::; **EU CREIO** em **DEUS**... já que está na moda::: a negação de Deus...caracteriza:::ndo o ser intelectual aquele que discorda de Deus eu tenho orgulho em afirmar::: **EU CREIO** em Deus e tenho sete razões::: que me levam::: a crer em Deus...” (13:11).

2- **ALGUÉM PROGRAMO**::: para que pudéssemos viver:::conforme nós vivemos... **ENTÃO EU “CREIO EM DEUS**...que **CRIOU** as condições::: apenas para::: o nosso planeta existir... **mas eu creio em Deus por uma segunda razão**... que se chama vida...” (18:41).

3- “por isso... **eu creio em Deus**... ((bate palmas)) por **CAUSA** do milagre da vida **mas eu creio em Deus por uma terceira razão** que se chama instinto dos animais...” (21:02).

4- “... por essa razão... o instinto dos animais... diz o doutor Cressey Morrison **eu CREIO em DEUS... mas eu creio em Deus por um quarto fator...que se chama genes e crono/cromossomas...**”(25:39).

5- “... grAças a essas descobertas eu **CREIO em Deus...mas eu creio em Deus por uma quinta razão que se chama...a inteligência..**” (26:29).

6- “por isso eu **creio em Deus... creio em Deus por uma sexta razão... o equilíbrio...**” (27:06).

7- “por isso eu **CREIO em DEUS... pelo ecossistema... mas eu CREIO em Deus por uma sétima razão... que se chama imaginação..**” (30:36).

8- “...**EU CREIO em DEUS:::...e automaticamente sentimos uma emoção...**” (33:51).

9- “... agora **EU CREIO::: e quando ele**” (38:06).

10- “somos obrigados a curvar-nos e dizer... **EU CREIO em Deus ...**” (40:06).

O orador, ao usar a repetição, retoma incessantemente o objeto da sua palestra, as sete razões para crer, e o faz através da estrutura lingüística “eu creio em Deus”. Ao mesmo tempo em que esta estrutura funciona como um argumento de autoridade opera também, a progressão discursiva ao retomar o elemento já dado e introduzir um novo, sucessivamente.

Considerando o exemplo número 1 supracitado, é preciso destacar que, durante toda esta parte, o orador, por se ancorar em citação de outrem (Cressey Morrison), emprega o pseudodiscurso direto, a figura que “aumenta o sentimento de presença atribuindo palavras a uma pessoa ou várias conversando entre si” (Perelman, 2005, p. 200). Esta é uma figura que, ao se prender à hipótese, reafirma a presença.

A ocorrência do pseudodiscurso é atrelada a um argumento baseado na estrutura do real. As palavras do professor de história natural são tomadas como prova de asserção pelo orador e configuram um argumento de autoridade. O orador salienta através da figura uma demarcação de quem fala. E consoante Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 350), “quem invoca uma autoridade se compromete: não há argumento de autoridade que não repercuta em quem o emprega”. A figura 10 logo abaixo apresenta um recorte de um pseudodiscurso da palestra. É bem marcado sintática e prosodicamente a quem pertence a fala no momento da efetiva enunciação e o uso do verbo “diz” além do demarcar sujeito indica a fala do outro (Cressy Morrison). O formato de onda (parte superior em preto) da figura mostra que as palavras no trecho destacado receberam significativa mudança em sua duração.

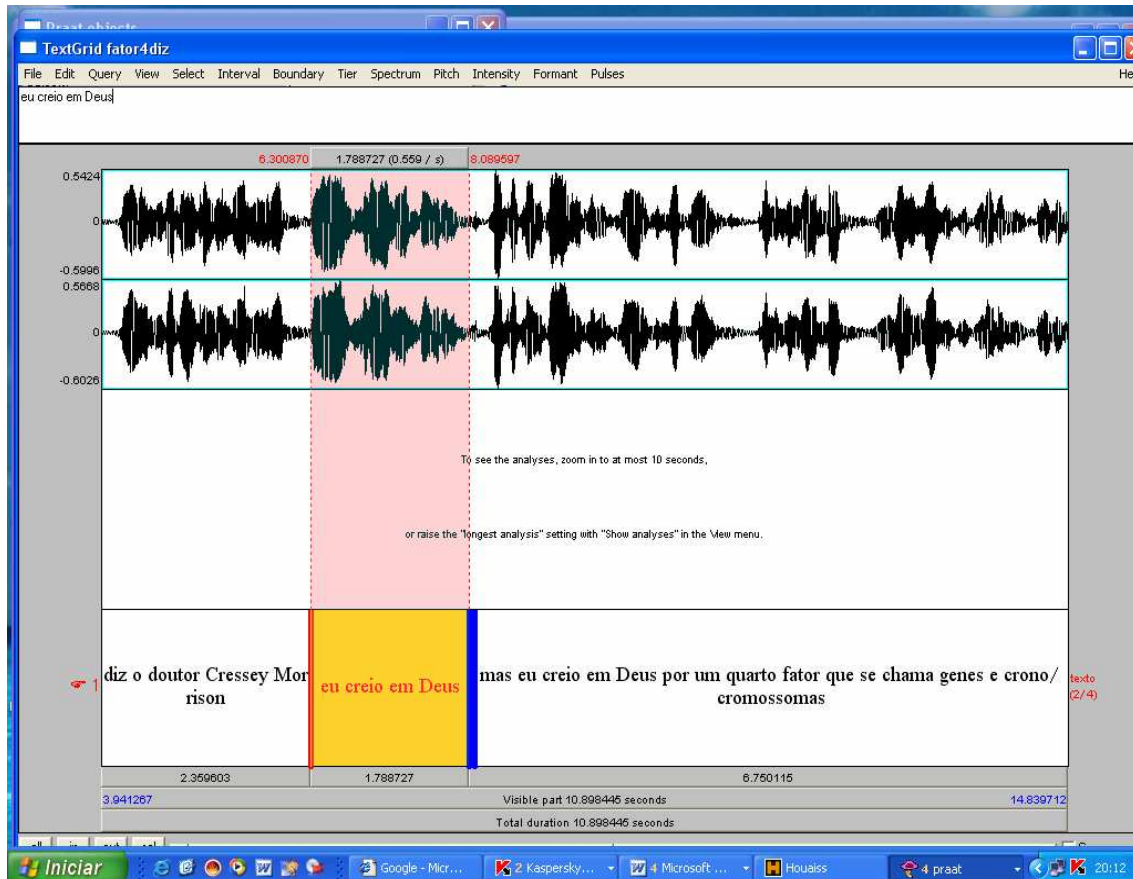


Figura 10A — Exemplo de pseudodiscurso.

Observa-se que é empregado um ritmo silábico, onde, concomitantemente, ocorre a desaceleração da velocidade e o aumento do elemento prosódico volume. Estas são as estratégias engendradas para obter efeitos semânticos específicos (ato de súplica). O aumento do volume tem função pragmática de sinalizar atitude autoritária, fato que coaduna com o argumento de autoridade. A entoação da fala adquire contornos significativos na sílaba “eu” onde ocorre maior elevação do nível melódico. Neste ponto, acontece o aumento do volume e o ritmo se torna cadenciado devido ao fato de as palavras serem pronunciadas separadamente, reforçando a autoridade e o valor da sentença. “Eu creio em Deus” não é voz do orador e há dois modos de demonstrar isso, uma forma prosódica e outra sintática. Prosodicamente, o orador recorre ao uso de qualidade de voz com volume mais alto e com padrão entoacional mais lento, e ritmo silabado. E, sintaticamente, verifica-se a presença do verbo dicendi (diz), assim como a reprodução literal das palavras da personagem que serve como comprovação figurativa do que acabou de ser exposto. A sentença passa a ter cunho de declaração categórica, plena de uma convicção que não admite réplicas.



Figura 10B — Creio

Em outra representação do mesmo fragmento, na figura 10B acima, verifica-se que o orador enfatiza com mais intensidade dois momentos: nas palavras “creio” e “em Deus”. “Creio” sofre uma alteração prosódica da variação da intensidade sonora que é ocasionada pelo aumento do volume da qualidade de voz do orador (82.02 dB). Recebe ainda, o acento frasal que reafirma no auditório a idéia da crença. A palavra sofre um pico máximo de intensidade nesta parte como se pode ver pela linha verde. Enquanto que a expressão “em Deus” sofre variação em sua duração tornando a velocidade da fala mais lenta. A palavra Deus sofre uma desaceleração de velocidade e decréscimo de volume (60.1 dB) até terminar em pausa. O orador destaca esses dois elementos todas as vezes que introduz uma nova razão para justificar o ato de crer ou quando finaliza uma explicação do porquê crer. A variação prosódica recai sobre as palavras “creio” e “Deus” e, com isso, vale-se da figura de repetição.

Além do mais, a escolha da permanência da tônica em “creio” e “Deus” relaciona-se com a estrutura argumentativa do discurso e é fundamental para o convencimento de que Deus existe. Assim, ao final de cada razão dada é introduzido um novo fato que pretende levar à comprovação da existência de Deus pela ciência com o apoio da repetição de “Eu creio em Deus”. A enunciação do “eu creio” é o tópico que interliga a progressão temática e remática, relaciona-se com a distribuição “dos elementos ‘dado’ (given) e ‘novo’ (new) num enunciado” (CAGLIARI; 2007, p. 164).

No enunciado, a palavra “creio” recebe maior variação no tocante ao volume. É a parte da mensagem mais importante, pois solidifica as premissas acordadas entre as partes envolvidas no discurso deste auditório particular.

Crer é um verbo, uma palavra indicativa de ação que dá um caráter mais pontual ao enunciado, por indicar a aceitação do orador e, com isso, pode evocar no auditório a mesma ação performática de crer. A palavra produz um efeito de sentido que marca um ponto essencial no discurso e, segundo Cagliari (2007, p. 166), “o importante é sempre marcar as variações que se relacionam de um modo ou de outro com as funções gramaticais ou com manifestações semânticas da língua”.

No final da primeira parte, após arrolar todas as razões que progressivamente confirmam a existência de Deus, o orador mostra-se persuadido pelas mesmas. A paixão surgida, então, não é produto de um sentimento irrefletido, é fruto de uma análise criteriosa uma vez que “as paixões têm uma função intelectual epistêmica; operam como imagens mentais: informam-me sobre mim e sobre o outro tal como ele age sobre mim (prazer/sofrimento)” (MEYER, 2000, p.XLII). A construção discursiva se assenta em bases de comunhão que cresce por meio da figura da comunicação oratória, por intermédio da qual o orador parece confundir-se com o seu auditório, como é possível ver no trecho extraído da palestra abaixo transcrito:

“ DIANte dessa maquinaria extraordinária...que lamentavelmente o tempo não nos permite prolongar... somos obrigados a curvar-nos e dizer... EU CREIO em Deus ... mas Deus ... é muito mais fascinante...”(40:00)

Ocorre ainda o uso de uma outra figura argumentativa: a enálage do número de pessoa com a permutação do “eu” e do “tu” pelo “nós”. O orador se mescla com seus ouvintes fazendo com que a ação pretendida, curvar-se, resulte do convencimento total gerado por todos os argumentos arrolados, uma forma de aceitação submissa e irrevogável. Essa figura

traz à palestra um emprego mais acentuado dos elementos prosódicos. O registro de voz empregado marca saliência de volume maior em todo trecho destacado.

O orador grita de “somos” até “dizer”, a velocidade também sofre aceleração, adquirindo função pragmática ao sinalizar um argumento mais importante logo adiante. O ato de curvar-se ganha mais intensidade quando sobre a palavra incide a saliência tônica que produz uma mudança significativa na curva melódica e na duração, o que pode ser visto na figura 11 logo abaixo. O item lexical “curvar-se” revela, ainda, o traço semântico de obediência e submissão.

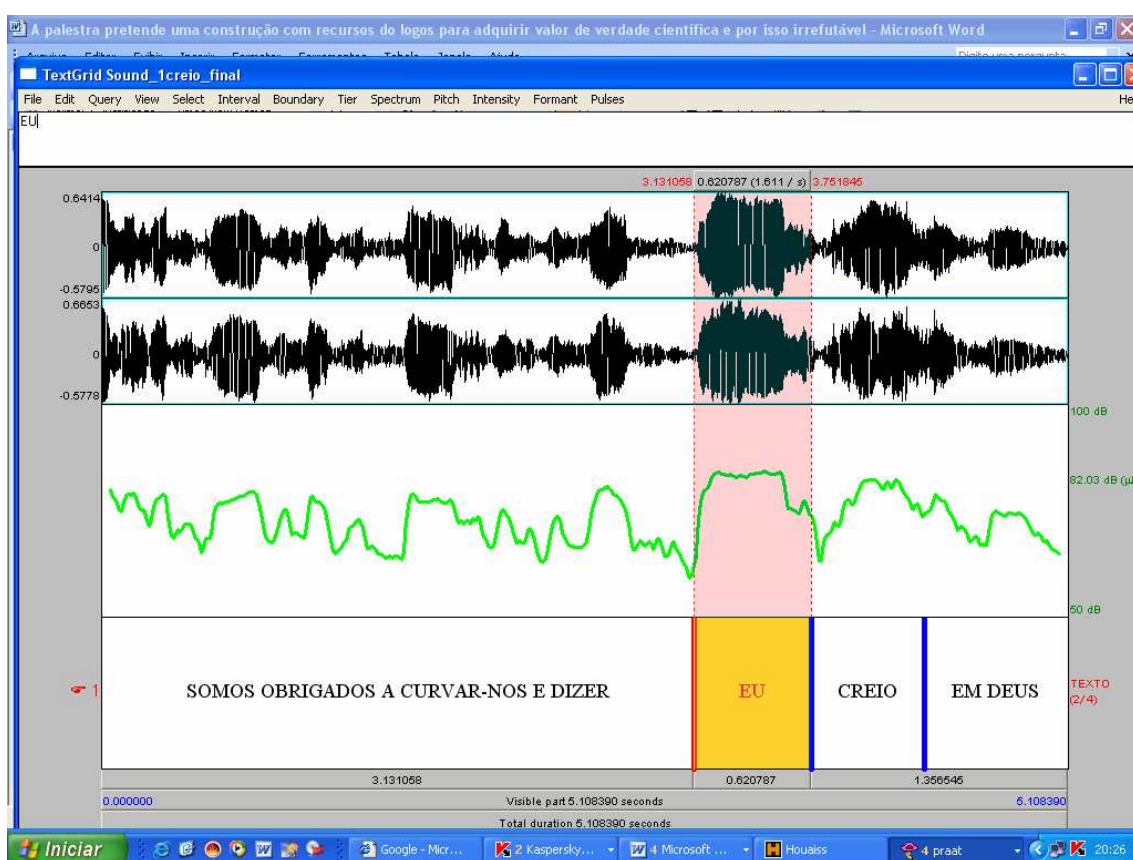


Figura 11 — Submissão

“Eu creio em Deus” é pronunciado de modo bastante enfático. A palavra “eu” tem um volume mais alto do enunciado (83.71 dB) e também a mais longa em duração e intensidade, como se verifica nas linhas verdes que demarcam a intensidade. É um grito com o qual o orador inflama as paixões e explicita a sua posição de persuadido, assinala seu testemunho de fé. A paixão da confiança suscitada nesse momento acena como a “proximidade dos meios de salvação” (ARISTÓTELES, 2000, p. 35) dos quais o orador já se

encontra mais próximo devido a sua crença. Já a palavra “creio”, além de apresentar acréscimo de volume, revela uma tessitura em nível mais agudo que manifesta exaltação, o arrebatamento diante do poder tão absoluto que é capaz de criar: “a vida”, “as condições para o planeta existir”, “o instinto dos animais”, “genes e crono/cromossomas...”, “a inteligência”, “o equilíbrio”, “o ecossistema” e a “imaginação”.

Analisando a palestra, percebe-se que o orador estabelece um padrão: o uso de uma figura de presença que se seguirá em toda a primeira parte: a repetição. O vocábulo “Deus” é dito com significativo movimento do contorno melódico no sentido ascendente ou descendente. Também os elementos volume e velocidade sofrem relevantes mudanças de redução/aumento e aceleração/desaceleração, respectivamente, em toda a palestra. A entoação carrega um significado de apelo ou persuasão (creia comigo). Por intermédio da oração “eu creio em Deus” e “mas eu creio em Deus” é que o orador introduz as razões que vão articulando a progressão discursiva da palestra e, atrelada a essa frase, existe regularmente uma conjunção conclusiva (por isso, então). O orador, ao terminar de explicar as causas que fundamentam sua crença, introduz uma nova razão que faz o texto caminhar. Com o paralelismo, ou seja, a repetição das mesmas idéias com palavras ligeiramente alteradas e de frases que possuem o mesmo esquema gramatical, efetiva-se a figura argumentativa de presença na palestra.

Outra forma engendrada para a comunhão, para fazer o auditório participar ativamente de sua exposição via *pathos* é a ironia que aciona o *delectare*. A ironia visa o *ethos* do outro e, segundo MEYER (1993) é uma boa técnica argumentativa que evita afrontar diretamente a identidade do outro, como podemos ver no excerto seguinte:

“...madame era magra era rica era bonita mas não era lá:::...”(53:16).

Nesse trecho, o orador se vale da prosódia para intensificar a ironia, figura que usa para se expressar, ao mesmo tempo, de modo livre e codificado (REBOUL, 2004, p. 132.). O orador produz o efeito irônico através do alongamento do monossílabo “lá” para externar um aumento do sentido negativo de uma qualidade, que está sintaticamente em elipse. Observando a figura 12, nota-se que a palavra “lá”, na parte em amarelo, sofreu um alongamento, quando comparada às outras do enunciado. O monossílabo em questão é pronunciado com velocidade de fala lenta, pois a duração é mais alongada, assim como o volume vai decrescendo a partir da produção de “mas não era”.

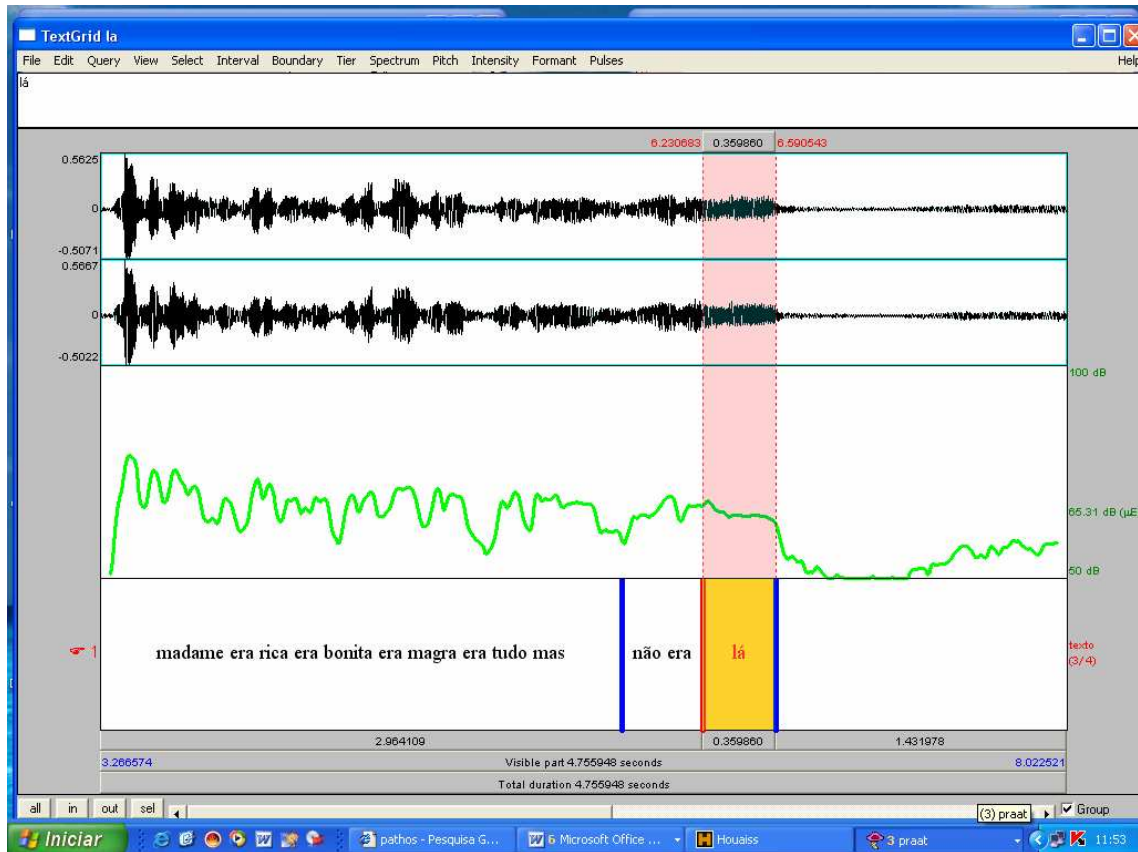


Figura 12 — Ironia

A duração alongada adquire função semântica de indicar o aumento do sentido negativo da qualidade da personagem feminina na narrativa, que, se for interpretado dentro contexto discursivo significa “muito inteligente”. Ao realizar a redução do volume na sílaba final da sentença, o orador chama uma atenção maior sobre o que está sendo dito, revelando a intenção de persuadir por meio do ridículo.

Ao não lexicalizar “muito inteligente”, o orador consegue a respectiva nuance de sentido para o auditório ao alongar e enfatizar o “lá”. Por meio da prosódia, constrói um sentido de ausência de inteligência da personagem feminina da narrativa com a qualidade de voz que se inicia mais rápida e se interrompe de repente. As qualidades positivas (jovem, magra, rica e bonita) são colocadas no início da sentença e contrastam com o “lá” que adquire a função de advérbio de intensidade no nível semântico com valor de “muito”. O efeito de sentido que carrega uma carga irônica e até mesmo cômica é conseguido por meio do elemento prosódico da duração e também através da diminuição da velocidade. Ao diminuir a velocidade da fala, alongando a palavra o orador introduz o argumento da contradição e incompatibilidade: o ridículo. Esse ressalta a incompatibilidade através da ironia, uma figura

retórica com a função de condensar o argumento pelo riso. Com essa estratégia o orador traz “o odioso desenvenenado, que não provoca escândalo, porém riso” (REBOUL, 2004, p. 170).

A estratégia usada para engendrar a graça à sentença é valer-se de uma figura de comunhão que retoma visões cristalizadas baseadas em estereótipos da sociedade ocidental, a qual prega que beleza e inteligência são atributos separados para o indivíduo, principalmente aquele do sexo feminino. O orador usa a ironia para realizar a comunhão com o auditório, assim os move pela emoção. Convém ressaltar que o riso é uma emoção muito significativa. Com essa figura, a ironia, o orador simultaneamente reforça elementos do patético e ético em seu auditório e, segundo Reboul (2004), tal estratégia consegue pôr a seu lado quem ri. E, ao mesmo tempo, o orador consegue ressaltar a incompatibilidade da junção de dois atributos (beleza física/capacidade intelectual) pelo uso do argumento do ridículo.

Por se tratar de ponto descortês, o orador evita lexicalizar a idéia de ironia o faz mediante o uso da prosódia e o efeito final é uma ironia que não carrega sutileza, ao contrário, é uma ironia pesada, esperada e que REBOUL (2004, p.132) classifica como aquela que “sucumbe ao peso do sentido”. Apesar do teor descortês, a ironia não provoca conflito devido à qualidade de voz empregada que suaviza os conceitos negativos por meio do riso. A qualidade de voz risonha e os elementos prosódicos volume e velocidade criam um efeito de relaxamento e comicidade para um assunto bastante denso. Como ocorre no trecho abaixo:

“... oportunamente proferindo essa conferência numa cidade... ao terminar veio uma moça... meio mais ou menos madura e me perguntou... irmão Divaldo é mesmo que o universo vai mesmo se acabar?... eu disse o universo eu não sei mas o nosso sistema sim... vai chegar um dia... em que ele vai se acabar... QUANDO?... dentro de 15 bilhões de anos...ela disse.. Ai meu Deus o que será de MIM que ainda não me casei?((risos))... (35:09)”

Observa-se pela figura 13, que segue abaixo que há picos de elevação de volume (5 momentos), iniciando-se com os vocábulos: “terminar”, “veio”, “quando”, “será”, “mim” e “casei”.

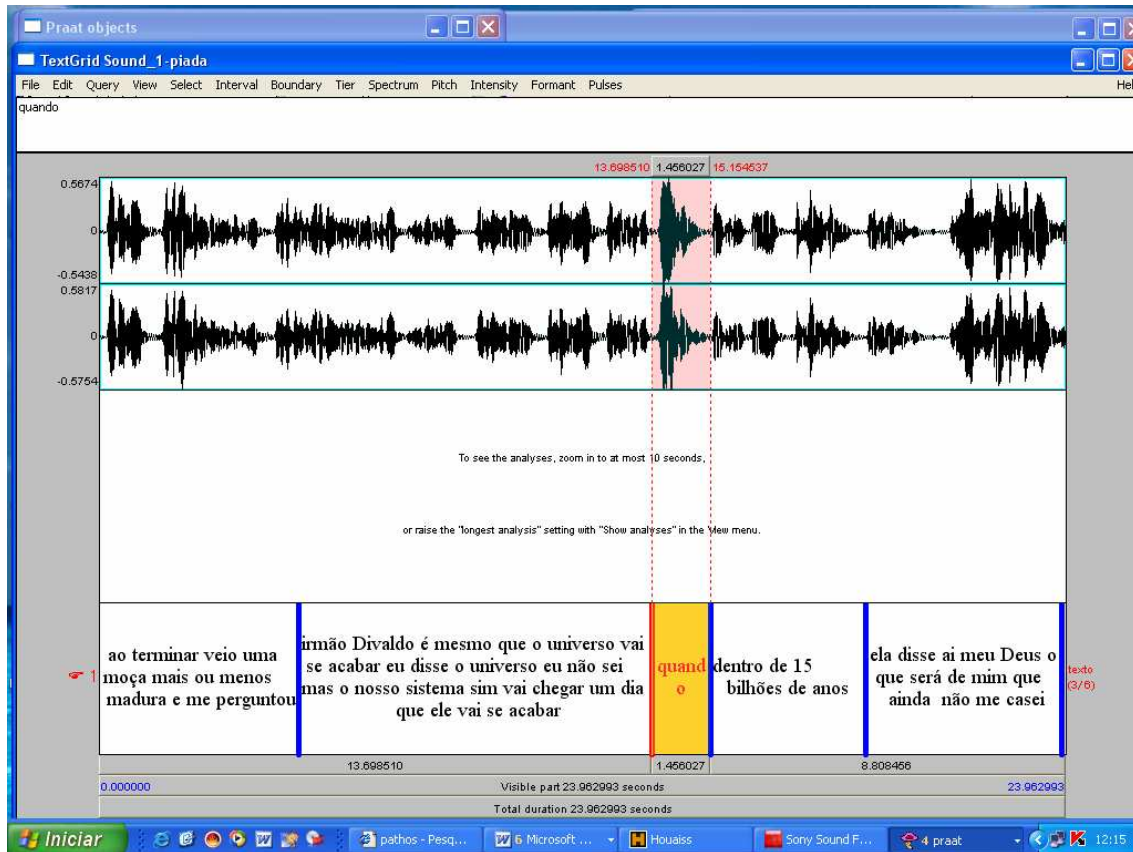


Figura 13 — O Feminino

Uma incidência discursiva observável na palestra é a caracterização do feminino *versus* masculino. O feminino é basicamente atrelado a argumentos quase lógicos que fazem apelo ao princípio de identidade. O orador recorre à figura da ironia e sua menção é feita com decréscimo do volume e qualidade de voz chorosa, emotiva, que leva o auditório a construir uma imagem de falta de inteligência ou, pelo menos, de um grau de futilidade muito grande. A velocidade de fala lenta e a qualidade de voz chorosa e assustada produzem o riso ao externar alguém incapaz de perceber a grandiosidade dos valores numéricos mencionados (15 bilhões de anos) e só se ater a fatos pessoais que, em contraste com as informações dadas pelo orador, se tornam insignificantes. Isso é um argumento de identidade que aliada à figura da ironia expressada prosodicamente produz a emoção do riso no auditório através da jocosidade.

O jocoso reside na qualidade de voz sofrida que orador emprega para dar voz à personagem feminina, mostrando-a como uma criatura fútil e preocupada com o casamento mesmo em face da destruição do universo. Tais elementos revelam que há uma preocupação com um fato menor se comparados à seriedade da situação que o orador expõe. O palestrante espírita, para realizar o contraste da oposição entre os conceitos inteligência/futilidade, faz

uso da velocidade de fala e muda a qualidade de voz. Quando pretende a inteligência, seriedade, fala com qualidade de voz normal que é reservada à entonação masculina. No entanto, quando pretende passar a idéia de futilidade, própria do feminino, empresta à personagem uma qualidade de voz chorosa, com volume mais alto e sílabas mais alongadas. Os valores semânticos e pragmáticos que a ironia e os comentários jocosos produzem, muitas vezes, só podem ser expressos através dos elementos prosódicos.

A graça e a ironia em retórica são bastante relevantes, uma vez que o humor é algo que desarma e que, além disso, “coloca o ironista bem acima daquilo que ele denuncia ou critica” (REBOUL, 2004, p.133) e ainda, para o autor, é uma forma de controle que indica fleuma no momento em que todos perdem o a cabeça: “retórica superior”. No humor, abandona-se a seriedade e abdica-se da importância, tal processo exige calma e domínio de si. Devido ao exposto é possível dizer que o jocoso é uma forma de excitar a paixão da calma ao mesmo tempo em que promove a comunhão entre os indivíduos, neste caso, o auditório.

No mesmo trecho acima emerge uma outra figura que evoca a presença na palestra espírita. O uso inusitado na pronúncia das referências numéricas cria uma sonoridade única, onomatopáica. E consoante Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 198):

a onomatopéia é percebida como figura quando, há para evocar um ruído real, quer a criação de uma palavra, quer o uso inusitado de palavras existentes, pouco importando aliás, que o som reproduza exatamente ou não o ruído que se quer tornar presente; apenas a intenção de imitação parece contar

Um exame mais minucioso permite verificar que durante toda a palestra espírita analisada, as palavras “bilhões”, “milhões”, “bilhão” “milhão” e “mil” apresentam um volume intensificado que incide sobre as sílabas tônicas para reforçar o valor numérico dos fatos narrados. De acordo com os estudos de Bollela (2006, p. 122) “o volume é um elemento que acompanha as marcas fonéticas da saliência”.

Neste caso, o volume marca a saliência das sílabas tônicas e carrega uma atitude do falante em mostrar que o fato de crer tem respaldo em dados científicos quantitativos. A incidência da tônica nos ditongos nasais **ÕES** e **ÃO** chamam a atenção do ouvinte para a grandiosidade da obra de Deus, assemelhando-se a uma grande explosão. Quando usa o argumento quase-lógico da divisão, a questão numérica adquire forte contorno apelativo.

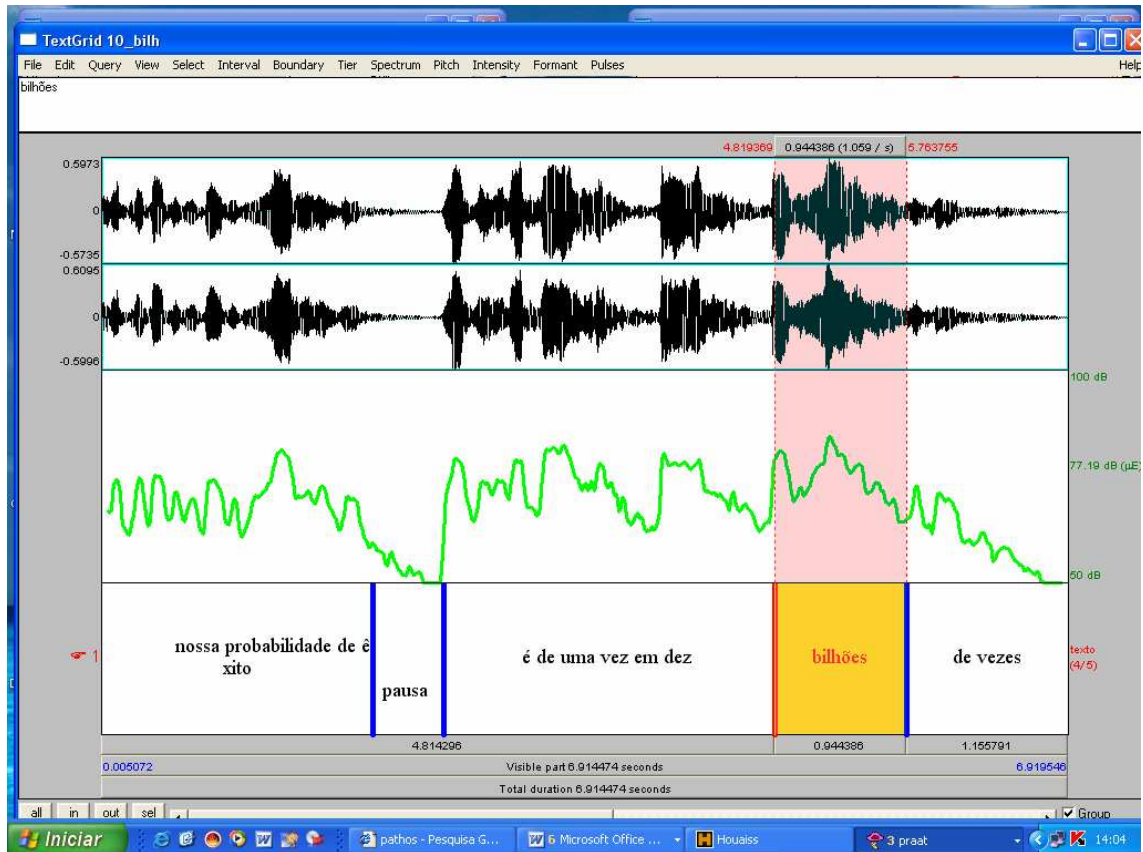


Figura 14 — Onomatopéia

Na figura 14 apresentada acima, pode-se ver que a palavra bilhões (trecho em amarelo), é alongada se comparada às demais da sentença. O traço da intensidade (verde), mostra que o volume tem o pico mais elevado na palavra bilhões. O orador pronuncia a sílaba final com som mais labiodental que palatoalveolar e a duração do ditongo nasal é mais alongada.

Verifica-se nesta análise que, na palestra espírita, o orador usa variadas figuras retóricas no intuito de instruir, convencer e comover o auditório. No entanto, o momento da efetiva interlocução exige estratégias discursivas que promovam a presença e a comunhão entre o orador e seu auditório. Sem os elementos prosódicos não é possível trazer para o discurso fatos de linguagem só expressos por meio de fenômenos lingüísticos que se encontram além do nível segmental.

A prosódia dá às figuras usadas pelo orador em seus argumentos éticos e patéticos um significado interpretativo que “fale” de modo mais intenso ao auditório. Sendo a palestra um discurso que se concretiza na oralidade, mas que mantém uma estreita relação com a escrita, a prosódia é o que vivifica a palestra. Os elementos prosódicos dão

gestualidade, emocionalidade a um discurso bastante monocórdico e moroso que busca ser racional; porém, sendo o discurso religioso pautado no crer, sentir, emocionar, a prosódia demonstra não só o explícito mais também o implícito, o “querer dizer”.

Uma incidência lingüística interessante na palestra espírita é a organização da narrativa que simula uma conversação natural, mas que está inserida em um monólogo. É exatamente nesta parte que os argumentos patéticos têm uma presença muito intensa. A prosódia é fundamental para a construção do discurso que aliado a figuras, como hipotipose e ironia, mantém a tensividade discursiva. É por meio da prosódia que o orador externa a emoção que quer fazer o auditório sentir, as paixões que busca suscitar. É importante salientar que Divaldo Franco não se movimenta ou faz gestos largos.¹⁵ É a carga prosódica empregada pelo palestrante que se encarrega de estimular os argumentos patéticos e éticos.

¹⁵ O vídeo da palestra em análise não foi considerado como escopo desta pesquisa; porém, convém destacar que a prosódia supre a ausência de gestualidade encontrada no mesmo.

CONCLUSÃO

A observação das condições de ocorrência dos elementos prosódicos e em especial, o volume e a velocidade dentro da palestra espírita dos kardecistas, um discurso cuja tessitura é oral, instigaram a curiosidade acerca da função que estes desempenhariam. A escolha mais acertada foi eleger a Prosódia como aparato de investigação para analisar as implicações semânticas do uso conjunto dos elementos prosódicos supracitados e das figuras retóricas na eficácia da persuasão na palestra espírita kardecista. À primeira vista, cogitou-se analisar apenas o volume e a velocidade por serem esses os mais evidentes no *corpus* selecionado. No entanto, no decorrer da análise verificou-se que outros elementos prosódicos atuavam concomitantemente aos elementos já mencionados, a saber: tessitura, entoação, duração, acento frasal e ritmo. Assim, surgiu a necessidade de mostrar um pouco dessa mistura, mas mantendo maior destaque para o volume e velocidade como os elementos prosódicos principais da palestra, e dos quais o orador se vale com mais intensidade para buscar a adesão.

Na busca constante pelo aprendizado, o espírita kardecista encontra na palestra uma fonte de ensinamentos que são passados no contato com o outro. A palestra doutrinária anula a sensação de solidão dos que acreditam que a evolução moral é um processo individual. E o adepto, por meio desse recurso, a palestra, procura reforçar as suas crenças e sedimentar o que já se acredita. O orador espírita promove, por meio da palestra, o aprendizado conjunto. As técnicas persuasivas procuram solidificar a sensação de presença, de comunhão, que faz esse crente sentir-se parte de uma doutrina, de um grupo.

Divaldo Franco, mesmo quando expõe argumentos de cunho científico, vale-se do *pathos* e do *ethos* para incitar a emoção porque a palestra, como todos os discursos religiosos, se pauta pelo fazer crer, e a crença não encontra respaldo na razão. Assim, o que faz o orador espírita é pontificar os valores já acordados, em um auditório praticamente convertido. O grau argumentativo diminui. As provas mais enfáticas do *corpus* são psicológicas, pois o crer não se liga a razão e o apelo maior se faz pela emoção.

Fato observado no início da palestra é que o orador, em sua explanação oral, reforça mais construções patéticas e éticas do que lógicas. Demonstra prosodicamente que, em seu discurso, a retórica e a passionalidade estão estritamente associadas. É através da pronúncia, da prosódia, que Divaldo Franco insere o patético na palestra. Seu grande

instrumento é a voz. As variações prosódicas da fala permitem ao orado, dentro de um discurso que pretende ser científico, recorrer á emoção do auditório.

Os aspectos prosódicos indicam também que o palestrante espírita demonstra preparo vocal mantendo a fala em volume baixo, velocidade lenta e pausada. O que reforça a idéia de equilíbrio e faz emergir a calma - essa a paixão essencial para que o orador espírita kardecista seja ouvido. Outro elemento ainda observado é a impostação da voz que contribui para a formação de uma imagem do orador fundada na erudição, caridade, amor, paciência, com isso, solidificando para o auditório o seu *ethos*.

O orador espírita busca persuadir esse auditório particular valendo-se da imagem que cria de si, enfocando suas virtudes para o adepto da crença que tem como lema perfeição moral nas bases da fraternidade cristã. Por meio do *ethos* criado, o orador se coloca como possuidor de sabedoria e de argumentos consistentes que se fundam na sua prática doutrinária, em sua capacidade intelectual e na autoridade conferida pelos anos de prática dos preceitos kardecistas.

Divaldo Franco realiza uma palestra na qual a retórica e a passionalidade estão em estreita relação (MEYER, 1993, p.147) e as imagens originadas pelo seu discurso são percebidas por meio das construções éticas e patéticas com as quais ele pretende convencer pela razão ou pela emoção. A prosódia torna-se um elemento argumentativo de suma importância para acentuar o aspecto emocional e argumentativo na palestra dos espíritas kardecistas. Os elementos prosódicos presentes no *corpus*, em especial, a velocidade, um elemento prosódico da variação da duração e o volume, um elemento prosódico da intensidade sonora, são de suma importância para que as emoções se concretizem na fala, do orador, e conseqüentemente, para que estas encontrem ressonância no auditório. O silêncio que o auditório manifesta pode ser tomado como assentimento, uma resposta dialógica gerada pela paixão da calma.

Divaldo Franco apresenta uma palestra que se divide em duas partes. Na primeira, ele expõe as sete razões que devem ser consideradas como provas da presença de Deus e, na segunda, narra o fato que levou à construção da universidade de Stanford. Naquela, elabora, com recursos dos elementos prosódicos e de uma argumentação ancorada na retórica das figuras, uma discursividade que, para se fazer crível, apóia-se em sua construção ético-científica para conduzir o auditório à adesão. Nesta, o patético, as paixões se fazem presentes de modo mais contundente, procurando suscitar as emoções. Em outras palavras, a explanação oral gira em torno de construções patéticas do orador.

A palavra “creio, que aparece muito mais intensamente no primeiro momento da palestra analisada, recebe maior variação no tocante ao volume. É a parte da mensagem mais importante, pois solidifica as premissas perviamente acordadas entre o auditório particular e o orador: a certeza da existência de Deus. Crer é um verbo, uma palavra indicativa de ação que dá um caráter mais pontual ao enunciado, por indicar a aceitação do orador e, com isso, pode evocar no auditório a mesma ação performática de crer. A palavra produz um efeito de sentido que marca um ponto essencial no discurso. A paixão surgida, então, não é produto de um sentimento irrefletido, é fruto de uma análise criteriosa uma vez que “as paixões têm uma função intelectual epistêmica; operam como imagens mentais: informam-me sobre mim e sobre o outro tal como ele age sobre mim (prazer/sofrimento)” (MEYER, 2000, p.XLII). A construção discursiva se assenta em bases de comunhão que cresce por meio da figura da comunicação oratória, por intermédio da qual o orador parece confundir-se com o seu auditório.

A partir da análise da articulação dos elementos prosódicos aliados a argumentação, pôde-se perceber que apesar do cunho pretensamente científico, na verdade, a argumentação tende mais para o lado emocional que para o racional, sendo o último expresso continuamente no campo semântico. Na palestra espírita a prosódia, em especial a pausa e a velocidade se interligam em um plano de intenções discursivas do orador que lhe permitem reforçar a crença de um auditório particular enfatizando o sentimento de presença e de comunhão por meio das figuras. A forma de dizer incomum encontrada nas figuras serve para realçar as entoações vocais criando um efeito de proximidade e ligação entre o homem e sua crença.

A prosódia corrobora a persuasão na palestra espírita porque é pela voz que o orador conduz o auditório e produz as emoções que quer ressaltar. O orador modula a voz para, através dela, levar o outro a sentir. É a prosódia que comanda as emoções que deverão ser sentidas ante os fatos expressos pelas figuras. Por intermédios dos elementos prosódicos é que o palestrante atenua o aspecto moroso e monocórdico que predomina em quase toda a palestra.

O que o orador busca na palestra espírita kardecista é mais reforçar os valores compartilhados e, para isso, usa recursos da qualidade de voz, volume e velocidade para a sedimentação do crer. Na palestra analisada, a emoção é que leva ao fazer-crer e não a razão. Divaldo Franco convence mais pela paixão do que pela razão. O que diz é a razão, mas como diz é a paixão, a emoção. Aí reside sua força persuasiva, o orador trabalha com a força epistêmica da paixão.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 9. ed. São Paulo: Ateliê, 2006.
- ARISTÓTELES. **A retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção Clássicos).
- _____. **Retórica**. Tradução de Marcelo Silvano Madeira. São Paulo: Riddel, 2007.
- BOLLELA, M. F. F. P.O processo fonológico da assimilação na língua portuguesa. **Multiciência**, São Carlos: Centro Universitário Central Paulista, v. 7. p. 150-154, anual, 2006.
- _____. A prosódia como instrumento de persuasão. In: NASCIMENTO, E. M. F. S. *et al.* (Orgs.). **Práticas enunciativas em diferentes linguagens**. Franca: UNIFRAN, 2006. (Coleção Mestrado, 1).
- CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Cadernos de estudos lingüísticos**, Campinas, n. 23, p. 137-151, jul./dez. 1992.
- _____. **Acento em português**. Campinas: Edição do autor, 1999. (Coleção Espiral, Série Lingüística, v. 4).
- _____. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002. (Coleção Idéias sobre Linguagem).
- _____. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CEGALLA, D. P. **Nova minigramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.2004.
- CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2005. (Série Princípios, 17)
- DAMAZO, A. C. **Análise de assunto de conto espírita por meio de percurso figurativo e do percurso temático**. 2006. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília.
- DIONÍSIO, A. P. **Análise da conversação**. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à lingüística 2: domínios e fronteiras**. (Orgs.). 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p.69-99.
- FRANCO, D. P. **Provas científicas da existência de Deus**. Manaus: Videolar.S.A. (78min18s).

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KARDEC, A. **O evangelho segundo o espiritismo**. 275. ed. São Paulo: IDE, 2002.

LEWGOY, B. **Os espíritas e as letras – um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista**. São Paulo: FFHL/USP, 2000, 360 p. (tese de doutorado em antropologia social).

_____. **Etnografia da leitura num grupo de estudos espírita**. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, a. 10. n. 22, p. 255-282, jul./ dez.2004.

_____. **Incluídos e letrados – reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual**. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Orgs.). **As religiões do Brasil: rupturas e continuidades**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Análise da conversação**. São Paulo: Àtica, 2003. (Série Princípios).

MASSINI-CAGLIARI, G. **Acento e ritmo**. São Paulo: Contexto, 1992. (Coleção Repensando a língua portuguesa).

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à lingüística 1: domínios e fronteiras**. (Orgs.). 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p.106-141.

MATEUS, M. H. M. **Factos prosódicos nas gramáticas portuguesas**. Lisboa 1996 disponível em <<http://www.itec.pt/handler.php>> acesso em 10/07/2007.

MEYER, M. **Questões de retórica: linguagem, razão e sedução**. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. Prefácio. In: Aristóteles. **A retórica das Paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção Clássicos).

MOTA JR, E. F. **Direito autoral da obra psicografada**. 1999. 141 f. Dissertação (Mestrado em Direito) Faculdade de Direito, UNESP - Universidade Estadual Paulista, Franca-SP.

NASCIMENTO, J. V. **O discurso religioso católico: Um estudo lingüístico do rito matrimonial**. São Paulo: EDUC, 1993.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Pontes, 1987.

PIETRUKOWICZ, M. C. L. C., **Apoio social e religião: uma Forma de enfrentamento dos problemas de saúde**. 2001. 118 f. Dissertação (Mestrado em saúde) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PRETI, D. **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2003. p. 13-14.

REBOUL, O. Introdução à Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCARPA, E. M. (Org.). **Estudos de prosódia**. Campinas: Unicamp, 1999.

STOLL, S. J. **Entre dois mundos: o espiritismo da França e no Brasil**. 1999. Tese (doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

TIMPONI, M. **A psicografia ante os tribunais**. 5. ed. Rio de Janeiro: FE B, 1978.

TRINGALI, D. **Introdução a retórica**: A retórica como crítica literária: São Paulo, 1988

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BISOL, L. Constituintes Prosódicos. In: BISOL, **Introdução a estudos do português brasileiro**. (Org.). Porto Alegre: EDPUCRS, 1996.p. 247–261.

BOLLELA, M. F. F. P. **Uma proposta de ensino da pronúncia da língua inglesa com ênfase nos processos rítmicos de redução vocálica**. Araraquara, 2002. 380 p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FÁVERO, L. L; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FERREIRA NETTO, W. **Introdução à fonologia da língua portuguesa**. São Paulo: Hedra, 2001.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

ANEXO I — Normas de Transcrição

A transcrição do evento comunicativo foi registrada no sistema ortográfico padrão, seguindo rigorosamente o modo de enunciação. Para normalizar o estudo e proporcionar maior clareza para a leitura e análise da amostra selecionada, optou-se pelas normas desenvolvidas pelos estudiosos do Projeto NURC/SP (Norma Urbana Culta de São Paulo), da Universidade de São Paulo (USP), cujos sinais de transcrição constam no Quadro 1, a seguir.

QUADRO 1: NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras e segmentos		Do nível de renda...) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	Ao emprestarem os... éh :: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição, desvio temático	----	... a demanda de moeda - - vamos dar essa notação - - demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	A. na casa da sua irmã B. sexta feira? A. fizeram lá... B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ “	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...

ANEXO II — Transcrição

PALESTRA DE DIVALDO PEREIRA FRANCO – PROVAS CIENTÍFICAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS.

Senhoras ...Senhores... jovens...queridos irmãos no ideal espírita...abençoa-nos Jesus...o amigo... incondicional das nossas vidas... no dia 23 de Novembro de 1793... na catedral de Notre Dame em Paris... o orador Gaspar Chaumetère.... levantou-se no púlpito e diante da nave da igreja gótica ... totalmente repleta... proferiu o discurso... dando idéia do direcionamento da Revolução Francesa...após as palavras iniciais... Pierre Gaspar Chaumetère asseverou peremptório... Deus morreu... a França... que se libertou dos Bourbouns não tem necessidade de Deus..... a partir deste momento... nosso Deus é a razão...dispensamos qualquer expressão de Deus e devemos combater as religiões... a massa que se acotovelava no grande santuário parisiense... algo aturdida... Acompanhou de imediato... uma procissão que foi improvisada e que no andor carregava a jovem... bailarina Candeio... do teatro de ópera... vestida de branco... com o barrete frígio representando a razão... a partir daquele momento... os revolucionários franceses...decretaram a morte de Deus... asseveravam que a humanidade não tem necessidade de qualquer uma ... realidade espiritual... especialmente da própria divindade... logo depois... no ardor dessa onda de negativismo espiritualista... no ano de 1802...Napoleão Bonaparte... para poder assentar seus arraiais em Paris...firmou a Segunda Concordata entre o governo da França e o vaticano trazendo Deus de volta a o seu país... através desse documento... o célebre corso desejava fortalecer sua posição... e para tanto... recorreu ao poder teocrático da religião... para trazer... a divindade de volta ao solo francês... e Deus... que havia sido exilado... através do debate de um orador arrebatado... era trazido de volta... por meio de um decreto imperial...no dia 2 de Dezembro de 1804... naquela mesma catedral... Napoleão Bonaparte era consagrado... como... o novo primeiro imperador da França... enquanto um coro de duzentas vozes cantavam a música que foi elaboRADA especialmente para aquele momento... pompa e circunstância... o papa Pio VII ... que fora convocado especialmente para a solenidade... levantou-se... ergueu a almofada de veludo que tinha coroa imperial... e Napoleão em um gesto de audácia::: acercou-se do papa quebrou o protocolo e... auto coroou-se... para demonstrar sua animosidade ao papa reinante... ato contínuo ele coroou Josefina como imperatriz... mas merece recordamos... que dois meses

antes apenas... no dia 3 de Outubro daquele referido 1804... na cidade de Lion... próximo a Paris 400km... nascia... Hipolite de Lion Denizard Rivail... que a humanidade conhecerá mais tarde com o pseudônimo de Allan kardec...Deus... daquele referido 1804... através de Napoleão I... como supremo governante da França... no entanto... no ano de 1815 ... uma reação de natureza clerical... para poder impor Deus aos seus adversários...matou...15 mil protestantes... que eram vítimas de um certo Trestelon e a carnificina foi tão cruel... que as águas do rio Loaré... ficaram poluídas pelo número volumoso de cadáveres... logo depois... a cultura francesa e européia... entrava num período de modorra... e apesar do século dezenove... ser considerado... o século das luzes... o materialismo passou a tomar conta::: das mentes humanas... a partir de 1859... com as experiências notáveis de Charles Darwin... e a sua descoberta teorizada do processo da evolução... da seleção natural... da diferença das espécies... nascia uma doutrina que demonstrava...o flagrante erro bíblico... a respeito da criação... e o materialismo tomou conta da Europa... através de homens e mulheres notáveis... que na intimidade de seus laboratórios ... recentemente libertados do tacho dogmático... e fora dos velhos porões medievais... gritavam da desnecessidade a respeito de Deus... entre *otros* ... o pensamento do grande alemão... Friedrich Nietzsche... que havia uma/escrito obra revolucionária... ELE... colocava na BOca ...da personagem principal... uma grande ironia a respeito de Deus... é verdade que Deus morreu?... pergunta o LOUco na praça pública... do célebre assim falava Zaratustra... se ele MORREU quem cuidará da acender as estrelas á noite... dar alimento aos pássaros e aos peixes no mar... e uma grande tristeza se abateu sobre a massa... e o LOUco continuou dizendo...agora que Deus MORREU...para que as igrejas ... para que as catedrais... elas serão transformadas em mausoléus::: para guardarem a memória de Deus... e Nietzsche... ao escrever essa obra revolucionária negando a realidade de Deus...já colocava na BOca do *Loco* ... o tormento esquizofrênico... que logo mais iria matá-LO... no mesa de Agosto do ano seguinte... 1900... mas ao lado dele Schopenhauer também alemão... também pregava a desnecessidade de Deus... e os mais eminentes pesquisadores na área da CIÊNCIA::: nas grandes universidades européias::: diziam a alma... a alma não existe... a alma é uma sudorese cerebral...da mesma FORMA que o fígado produz a bÍlis... e os rins produzem a urina... e o cérebro produz a alma... na HOra em que o cérebro deixa de funcionar... a Alma desaparece e alguns intelectuais anátomo patologistas... com Florence de Vier... e outro ...declaravam zombeteiramente... nos temos dissecado milhAres de cadáveres e NUNca vimos a alma ... o materialismo::: tomou conta da cultura do fim do século dezenove::: e apresentou-se sob três aspectos::: o materialismo dialético... o materialismo histórico...e o materialsimo mecanicista... quando irrompe ::: o século vinte e

quando vem ... a terrível hecatombe de 1914 e 1918... o materialismo ceifava as vidas::: que depois de estioladas... deixaram classificada::: a era do terror... fazendo que as pessoas logo depois se voltassem a procura de Deus... quando... aconteceu a Segunda Guerra Mundial... E A TERMINAR ESSA HECATOMBE cujas cicatrizes ainda não estão concluídas ... nos subterrâneos de Paris... nos metrôs de Londres... nas cidades dizimadas... apareceram filosofias esdrúxulas... como o Nadaísmo::: patrocinado por Jean Paul Sartre... Madame de Beauvoir ... e pelo cinismo da juventude que não tinha Deus...e que dizia para que Deus?... nos vimos a guerra::: aonde estavam os religiosos?... nos vimos Pais entregarem filhas por uma barra de chocolate... nós vimos pessoas descERem aos subterrâneos do metrô caçando lagartixas e ratos para poder comer... para que uma vida digna?... de repente vem a BOMBa::: e tudo desaparece...e novamente uma onda de caos... tomou conta:::daquele período do século vinte...negando Deus::: e demonstrando que DEUS era uma vã utopia:::... foi quando... religiosos holandeses ... escrevendo a respeito da vida de Jesus... publicaram o célebre catecismo...o qual... teólogos da Holanda diziam... nós somos cristãos... mas não acreditamos em Deus... NÓS TEMOS a prova histÓrica da presença de Jesus... mas DEUS deve ser uma utopia:::uma personalidade mítica:::foi nesse período dos anos 60:::... quando os hippies... abandonaram a civilização na busca da depravação... rotulada de amor... e fugiram do chamado contexto... para usar cocaína e ópio... no Afeganistão... e em outros países da Ásia e do Tibet...e otros onde::: o comércio de drogas era lícito... Deus... pareceu desaparecer das páginas da história... foi nesse momento... QUE Apareceu uma... obra extraordinária::: escrita::: por um professor de história natural dos Estados Unidos:::... o doutor Cressey Morrisson... EXAMINANDO essa onda de materialismo::: Ele que havia sido diretor do museu de história natural de Nova Iorque... por quarenta anos... ESCREVe na sua obra::: EU CREIO em DEUS... já que está na moda::: a negação de Deus...caracteriza:::ndo o ser intelectual aquele que discorda de Deus eu tenho orgulho em afirmar::: EU CREIO em Deus e tenho sete razões::: que me levam::: a crer em Deus...por exemplo... primeiro... se qualquer um de nós... pegarmos 10 moedas... metálicas de 1 real... e as enumerarmos de 1 até 10... e colocarmos em nosso bolso...vamos tentar uma experiência... tentEmos retirar a moeda número 1... a nossa probabilidade de êxito... é de 1 vez em 10 tentativas... porque são dez moedas... imaginemos que retiramos a moeda número 1 e devolvemos...Vamos tentar retirar a moeda número 2... a nossa probabilidade de êxito ... é de 1 vez em 100 Vezes... se nós devolvERmos a moeda número 2... e tentarmos retirar a número 3 imediatamente... a nossa probabilidade de êxito...é de 1 vez... EM MIL... e se devolvermos a moeda número 3... e formos retirando até a número 10... a nossa probabilidade de êxito é de uma vez em 10

BILHÕES de vezes... logo... uma coisa tão simples que os senhores podem tentar... QUANdo eu olho a Terra... e vejo a beleza do universo...eu creio em Deus...porque... se por exemplo... a atmosfera da Terra...mede 60km não é por acaso... SE FOSSE por exemplo:: 40km... a Vida na Terra seria impossível... porque os meteoros meteoritos... que diariamente caem na Terra e são ralados pela atmosfera... tomariam e destruiriam tudo que existe...porque eles caem diariamente aos milhares... e GRAÇas a essa atmosfera de 60km... ELES VÃO RAlados e terminam como pequeninas pedras insignificantes... logo... alguém pensou...a velocidade da Terra:: é de 1600km por hora em volta do seu eixo central... graças a isso::... nós temos 12 horas de luz... 12 horas de trevas...mas imaginemos:: se por acaso... se por acaso essa velocidade fosse de apenas 160km por hora ... os dias mederiam .120 horas e as noites 120 horas... e a vida seria impossível... porque DURANTE as 120 horas de calor Tudo morreria... e aquilo que sobrevivesse... durante o frio de uma noite de 120 horas tudo morreria logo alguém pensou... se a crOsta da Terra :: fosse fosse mais Alta apenas 3 metros... a vida na Terra seria totalmente impossível... porque faltaria oxigênio suficiente... para manter a nossa existência... se fundo do mar ... fosse mais fundo apenas 3 metros... TODO oxigênio que está na atmosfERA iria para a intimidade das águas e nós:: os animais da superfície NÃO poderíamos viver... se por acaso... a lua estivesse apenas 70mil:: quilômetros de nós... a vida seria impossível... porque o magnetismo da lua ::é o responsável pelas marés...e estando tão perto da Terra... as marés seriam tão altas...que diariamente lavariam Terra:: duas vezes... produzindo erosão e destruição... o sol... está distante de nós 150 MILHÕES de km... mas não é por acaso...imaginemos... que ele estivesse a apenas 10 milhões ... a vida seria impossível...por causa das altas temperaturas... e dos raios infra-vermelhos...ultra-violetas... MAS imaginemos que ele estivesse a 200milhões de km:: a vida seria impossível porque a Terra estaria coberta por uma espessa camada de gelo... Logo alguém pensou... NÃO foi por acaso... Somente esses pequenos dados... DEMonstram que:: para que a vida na Terra fosse factível::ALGUÉM PROGRAMA:: para que pudéssemos viver::conforme nós vivemos... ENTÃO EU CREIO EM DEUS...que CRIOU as condições:: apenas para:: o nosso planeta existir... mas eu creio em Deus por uma segunda razão... que se chama vida... se eu perguntar aqui aos senhores o que é a vida::... cada um me dará uma definição::...diferente... ninguém dará a mesma definição...SE a pessoa for biólogo... dirá que a vida é resultado desse automatismo celular ... a fatalidade biológica...se for filósofo... dirá que a vida:: é esse passeio encantado no país da fantasia ... se for poeta:: escritor... agricultor... analfabeto...cada um tem da vida ... uma definição mais compatível consigo mesmo... e até HOJE ninguém conseguiu definir a vida... de uma maneira global... porque a vida escapa... a vida é resultado

da união de dois fatores... um protoplasma... permite que ele se biparta... é o fenômeno da cissiparidade celular) e Ele vai se multiplicando até construir a vida ...mas a vida::: é um químico maravilhoso... uma PlAnta introduz uma raiz em um adubo apodrecido e transforma em perfume da flor... em um fruto saboroso::: agradável... nos é momento de exuberância... a vida é um grande escultor... basta que nos OLHEmos as folhas de quaisquer plantas... os::: mais importantes biólogos... têm comparado as folhas das árvores.... e NUNCA descobriram DUAS folhas absolutamente iguais... PORque a VIDA é caprichosa::: MAS a vida esse extraordinário engenheiro que TRAnsforma água e húmus em açúcar e madeira por isso... eu creio em Deus... ((bate palmas)) por CAUSA do milagre da vida mas eu creio em Deus por uma terceira razão que se chama instinto dos animais... todos nós falamos sobre o instinto... mas ninguém sabe onde ele se localiza... nós dize/mos eu tirei a mão por instinto eu reagi por instinto:::...é só uma palavra:::... MAS esse mecanismo...nos ainda não sabemos... nós não sabemos por exemplo:::porque o salmão... quando chega a época da desova... Ele abandona TODas as águas dos rios em que estão... e nadando contra a correnteza... Eles VÃO desovar nos lugares em que nasceram... se pegarmos um salmão e o colocarmos no afluente do mesmo RIO...que é diferente esse afluente...Ele sabe que está errado... Ele retém a desova::: e continua nadando até encontrar águas típicas do lugar onde ele nasceu...para depois ele morrer... quem ensinou ao salmão?... bem o instinto.. a VESpa ... a Vespa quando vai desovar... ela sabe uma porção de coisas... ela sbe que todos os insetos já nascem adultos... e que tOdo inseto nasce com fome... parece até brasileiro do nordeste... ENTÃO A VESPA sabe... que os seus descendentes... só podem comer CARne... CARne viva... se comerem carne morta eles morrem... a vespa... faz um buraco no chão... desce... abre uma câmara... subterrânea... pega um Barro.. um pouco de argila... um grão.. tapa o buraco... VOA... e vai procurar uma larva... ou um gafanhoto...ela dÀ uma picada no gafanhoto... ele fica imóvel... ninguém conseguiu... dAR uma picada igual no gafanhoto sem matar... Ela caRREga o gafanhoto...Abre o buraco... LEva-o até acâmara... deSOva... na parte secundária do gafanhoto... na extremidade do abdome...voa... tapa o buraco... e MORRe... os seus filhos quando nascem... começam a comer o gafanhoto...do abdome até a cabeça... QUANdo o gafanhoto morre eles estão em condição de voar e::: cuidar da própria vida ...quem ensinou...a vespa... esse mecanismo?... se ele errar todas as vespas morrerão...as enguias... QUANDO as enguias VÃO reproduzir-se... todas elas no mundo inteiro.... abandOnam as águas dos mares e dos oceanos... nAdam na direção das águas das Bermuda... que SÃO a parte mais abissal dos oceanos do mundo... chegando ALI ela se reproduzem e morrem... os seus descendentes... VOLTam para os mesmos lugares...de onde vieram seus pais... as enguis européias:::...porque

estão muito longe das Bermudas... tem a sua reprodução atrasada um ano... para terem tempo de nadar... e chegam naquele lugar na mesma Hora em que chegam as suas irmãs americanas... e nunca se encontrou... enguias americanas em águas europeias... ou enguias europeias em águas americanas...porquê?... por causa do instinto...o João de barro...QUANDO chega a primavera ... ele trepa no galho mais alto da floresta... e coloca o bloco na direção do vento... então ele descobre... em que direção faz soprar o vento do futuro inverno...constrói sua casa... com a porta no sentido oposto... para que o vento não entre para matar seus descendentes...e não erra nunca...porque se ele errar... a prole morre...o que mata de inveja o serviço de meteorologia que não acerta nunca... por essa razão... o instinto dos animais... diz o doutor Cressey Morrison eu CREIO em DEUS... mas eu creio em Deus por um quarto fator...que se chama genes e crono/cromossomas... todos nós... somos resultados de genes e cromossomas... se por acaso:::reduzisse a população da Terra... 5 BILHÕES 700 milhões de pessoas... A condição de genes e cromossomas toda a humanidade caberia no dedal de costureiras... e não encheria o dedal... ali nós temos a humanidade inteira... a cor do cabelo dos olhos a cárie dentária... o caráter a personalidade as emoções... graças a essas descobertas eu CREIO em Deus...mas eu creio em Deus por uma quinta razão que se chama...a inteligência...porque o instinto... é semelhante a uma nota monótona que se repete sempre a mesma sempre igual...o primeiro João de Barros agiu assim... e o derradeiro vai agir assim... MAS a inteligência... são sete notas musicais...é essa capacidade de CONCEBER... essa capacidade de descrever... é toda a sinfonia da natureza... por isso eu creio em Deus... creio em Deus por uma sexta razão... o equilíbrio... que existe.. no ecossistema...nós sabemos... já o dissemos...que todo inseto nasce adulto... os insetos respiram através de tubos... a medida que eles crescem ... os tubos não crescem... então eles morrem por falta de ar... é o que acontece com a cigarra... Ela não morre de CANTAR::: a cigarra primeiro não canta... ela atrita as patas e produz...ESSE agradável ruído que ninguém agüenta... através das patas... MAS a medida que ela vai crescendo...os tubos não dão o ar necessário...ela morre... mas não é por acaso... a ciência já descobriu...750 mil famílias de insetos na Terra...já imaginaram se:::eles crescessem e os tubos crescessem na saída daqui não poderíamos porque as formigas todas estariam com corpo de elefante e as pulgas com corpos enormes de rinoceronte... então...alguém... pensou para manter o equilíbrio... Os australianos...num continente um país extraordinário... mas não podiam plantar por causa dos ventos que sopravam dos oceanos... Eles tiveram a idéia de fazer sebes... cercas vivas... cercas vegetais... importaram uma palmácea... um cactus... para servir de parede natural contra os ventos... mas eles não se lembraram... de que aquele cactus transplantado para a Austrália... não tinha

inimigos naturais... não tinha insetos... que se encarregassem de alimentar-se deles... e em breve... foi uma calamidade... porque os cactus começaram a multiplicar-se...destruíram fazendas... cidades... e em 10 anos eles ocuparam uma área maior que o império britânico na Europa... ELES jogavam herbicidas...utilizavam-se de lança chamas... da tratores... mas o vento carregava o pólen... e apareciam em todo lugar... a Austrália esteve por desaparecer do mapas... por causa do cactus...fizeram um encontro de entomologistas... de estudiosos de insetos na cidade de Sidney... e depois de debaterem por vários dias... alguém disse temos que salvar a Austrália... encontrando o inseto que... seja bom reprodutor... que se alimente só de cactus... porque aí a coisa estará resolvida... começou busca internacional... e os senhores não sabem onde foram encontrados... famosos e bons reprodutores... esfaimados...no nordeste do Brasil... ((risos)) levaram os insetos brasileiros os besouros e os jogaram nos cactus... eles começaram a comer os cactus e a se reproduzir... e os australianos ficaram apavorados...agora quando acabar os cactus o que faremo9s com os besouros((risos))...mas entrou a lei do equilíbrio e em breve::: ficaram besouros para cactus e cactus para besouros... e aí está a Austrália... por isso eu CREIO em DEUS... pelo ecossistema... mas eu CREIO em Deus por uma sétima razão... que se chama imaginação... só através da imaginação... que se pode conceber i inconcebível... só através da imaginação... é que se pode pensar em termos de finito dentro do infinito... e é a imaginação que me leva a conceber DEUS como disse o salmista Davi no canto 19 versículo1 os céus proclamam a glória de Deus e o universo fala da obra das suas mãos... é verdade...se numa noite de inverno de céu transparente... em iluminação artificial... sairmos caminhando por uma estrada... e olharmos o empírio...ficaremos deslumbrados com os astros... e diremos MEU DEUS eu vejo MILHÕES de estrelas... e nos enganamos...porque somente são visíveis a olho nu... 5.000 estrelas... quer dizer 2.500... porque as outras 2.500 estão do outro lado... quem duvidar hoje a noite pode começar a contar((risos))...mas se nós usArmos um binóculo...podemos ver 15.000... se usarmos::: o telescópio medial...poderemos ver 150.000 se usarmos o telescópio de Monte Palomar na Califórnia... poderemos ver 30 milhões... se usarmos o telescópio Hubble poderemos ver um BILHÃO... de estrelas... apenas... na nossa galáxia...e erguemos aqueles seus/ Betelgeuse... é a espiga da virgem...porque as estrelas são como as mulheres... quando jovens...brilham... são estrelas de primeira grandeza... a medida em que o tempo passa... ficam amarelas como o sol... uma estrela de quinta grandeza... e a medida que o tempo passa ficam com manchas... AVErmelhadas é uma estrela em decadência... Poderemos mostrar as estrelas de acordo com os seus brilhos... e saberemos... por exemplo que o sol... é 1 milhão e 500 mil vezes maior que a Terra... e que Betelgeuse é um miLHÃO e 500 mil vezes maior que o sol E

OLHAMOS A nossa galáxia... a via Láctea tem 200 BILHOES de estrelas:::... e o nosso universo tem... 100 miLHÕES de galáxias... através do telescópio Hubble...diariamente podemos ver as galáxias que são absorvidas pelos buracos negros... e outras galáxias que surgem:::então dizemos...EU CREIO em DEUS:::...e automaticamente sentimos uma emoção... diante deste infinito que é tão grande... que o doutor James Jeans astrofísico inglês... disse para nós os que não somos astrônomos QUEREIS ter uma idéia das distâncias... que separam as esTRELas umas das outras...tomai um avião supersônico... viajai sobre a Eurásia... pegai 3 abelhas... e atiraI-as pela janela... elas terão menos espaço para voar::: do que os astros no infinito... E iremos Entender a GRAndiosidade da criação quando olhamos o nosso sol... esse calorzinho que ainda estamos sentindo... é resultado de sua combustão interna...ele gasta... 420 miLHÕES de toneladas de massa.. por segundo... que converte em energia... o que equivale dizer... que dentro de 15 milhões de anos... o sol vai morrer... e todo o sistema... oportunamente proferindo essa conferência numa cidade... ao terminar veio uma moça... meio mais ou menos madura e me perguntou... irmão Divaldo é mesmo que o universo vai mesmo se acabar?... eu disse o universo eu não sei mas o nosso sistema sim... vai chegar um dia... em que ele vai se acabar... QUANDO?... dentro de 15 bilhões de anos...ela disse.. Ai meu Deus o que será de MIM que ainda não me casei?((risos))... nós olhando este universo grandioso... automaticamente... levamos a língua ao véu palatino... e naturalmente tragamos em seco... quando nós fazemos isto... DEUS já não está mais:::lá no universo apenas... está dentor de nós...neste movimento da língua... nós acionamos... incontáveis nervose por acaso neste momento::: sentimos sentimos o odor de uma carinha assada lá fora... de imediato começamos a::: apresentar os ácidos os sais...que vão se encarregar...da futura digestão...começam as papilas da nossa língua... que são... 5 miLHÕES a secretar a saliva::: que é encarregada de iniciar a digestão na boca... aproximamo-nos do churrasco... e quando vamos peGAR a BOCA cheia d'água... nós dizemos Meu Deus agora me lembrei que sou vegetariano... larga o churrasco pra lá...E pensamos em uma salada maravilhosa... então as nossas papilas jogam fora aquela substância e começam a trabalhar outras... porque já não servem aqueles ácidos para a digestão...E NÒS temos agora o op/organismo preparado para:::a alimentação vegetariana... mas no justo momento/ não eu vou preferir mesmo um pão com um copo de leite... aí a boca/estômago diz eu não agüento com esse rapaz joga tudo fora... e se prepara::: cantando a glória de Deus... se nós tomarmos uma picada de alfinete... destruimos milhares de capilares... outros vêm::: e tomam o lugar...mas se tomarmos um corte imediatamente vem a hemorragia... que faz o organismo?... condensa:::na ferida:::que está aberta:::uma substância especial...e compõe um coágulo tampão...para impedir que todo o

nosso sangue se esvaia:: numa providência a ciência diz que morre diariamente em nosso sangue... TRINTA MILHÕES de glóbulos vermelhos... por segundo... e nascem 30 milhões de glóbulos vermelhos por segundo... cantando a glória de Deus... o indivíduo leva a mão á cabeça e diz... agora EU CREIO:: e quando ele põe a mão na cabeça:: ele está segurando o mais notável computador que a humanidade sequer pode imaginar... por dentro deste crânio... existem no cérebro CEM BILHÕES DE NEURÔNEOS... células nervosas que nunca se repetem... que depois que foram concebidas... que nascem conosco...a medida que vão morrendo... a 100 mil por dia... são responsáveis... pelo nosso envelhecimento pela nossa memória pela nossa inteligência... pelos nossos movimentos... todos ali... codificados nas chamadas sinapses cerebrais ... ENTÃO de imediato sentimos uma emoção:: e coloco a mão no PEITO essa bomba::que é o coração... é a bomba mais resistente que a humanidade jamais viu... não existe na Terra... um equipamento elástico::igual ao coração... que começa a pulsar após a fecundação e quando pára:: encerra a vida biológica... eu tenho um amigo que está com 110 anos... há 110 anos... que o coração produz diástole e sístole... sem parar... sem descansar... sem repouso... é justo que de repente ele diga agora pra mim... chega... e pare um pouco... mas este coração ... é tão notável ele ter essa função... ele bombeia o sangue para a cabeça coração::... cabeça coração... pé... coração... com a velocidade ... de 70 metros por segundo... cantando as glórias de Deus... NÓS... DIANTE dessa maquinaria extraordinária...que lamentavelmente o tempo não nos permite prolongar... somos obrigados a curvar-nos e dizer... EU CREIO em Deus ... mas Deus ... é muito mais fascinante... como dizia São João Evangelista... no amor::...vários definiram Deus... Sócrates Platão... chamava Deus Eidos... o mundo da idéia e da energia ... Aristóteles... primu moveis ... o primeiro motor... Baruk Spinossa::o filósofo holandês naturas naturans... a natureza das naturezas... as definições em nome de Deus variam o infinito... mas foi João... Evangelista... quem teve ocasião de dizer... DEUS É AMOR ... e Jesus ... dando-nos a grandeza de Deus... propôs nos amarmo-nos... uns aos outros... como ele havia amado... estabelecendo num mandamento único a lei aos profetas... que é o amor de Deus acima de todas as coisas... e ao próximo como a si mesmo... no amor... na hora em que nós nos amarmos... Deus permanecerá no infinito do espaço... e no absurdo do cosmo... e dentro do nosso ser... para encontrá-lo... é necessário viajar NÃO PARA FORA... senão para dentro...para... sintonizar com a sua vibração...no fim do século 19... nos Estados Unidos... em San Francisco da Califórnia...em uma cidadezinha... Palo Alto onde estive... o futebol brasileiro... no passado recente... residia um casal...que estava... programado par deixar o nome na história... esse casal... era constituído por um ex senador da república... naquele momento... governador::...do estado da Califórnia... o senador

Stanford... era casado com a mulher mais bela da América... frágil... bela... jovem... Rica e Magra... o ideal de todas as mulheres... Ela quando passava... provocava a ira... a inveja... a sua carruagem... recoberta de ouro e pedras preciosas... quando corria pelas ruas de San Francisco e ela acena com um lenço... de linho branco belga... bordado... a inveja... ia atrás... para completar a felicidade de madame Stanford...que morava em uma grande mansão... em uma colina em Pallo Alto... tinha um filho... na época desses acontecimentos que contava com mais ou menos 11 anos... chamado Leland... Leland... era frágil... possuía dois olhos verdes... os cabelos eram levemente... alourados... ele era terno e doce... amava os pais... na razão direta em que os pais não tinham tempo para cuidar dele... madame dizia as amigas meu filho tem tudo... ele tem três babás... uma francesa... uma inglesa.. uma alemã... eu dei metade da mansão para ele... ele só não tinha mãe porque a mãe não tinha tempo para ele mas isso não é importante...muitas mães hoje fazem a mesma coisa...DÃO COISAS para não se darem... porque elas querem gozar eles os pais ... e os filhos eles dão coisas dão presentes dão::bicicleta moto automóvel e preparam-nos ... para serem assassinos viciados... porque como não tem família... os pais trabalham para dar coisas... mas não se dão... porque isto é muito mais caro... LELand tinha tudo... mas assim mesmo ele amava os pais... madame se acreditava uma mãe maravilhosa... e dizia as amigas eu sou cumpridora dos deveres... uma vez por semana... eu dedico a tarde para ficar com meu filho...uma vez por semana... QUANdo Leland acordava de manhã mamãe estava dormindo por causa das festas... quando mamãe acordava Leland estava estudando... quando Leland ia fazer a refeição mamãe estava no cabeleleiro na manicure... quando mamãe estava... preparando-se para a festa... era a hora que ele tinha de recreio... Mas era a primeira dama do estado... tinha muito o que fazer... mas assim mesmo eles se amavam... madame... muitas vezes quando estava com Leland... aqueles dois olhos de esmeraldas... Ela dizia meu filho... os seus olhos são tão lindos::... que se eu pudesse eu os arrancava... para fazer um pedantirf... e colocava no meu pescoço... Leland sorria... pálido... frágil... adorável... há um ditado que afirma... não há felicidade que sempre dure... nem desgraça que um dia não se acabe... A Felicidade de madame... em determinado foi interrompida::... porque madame tinha uma tia... uma dessas velhas pobres que tem coragem de nascer em família rica... ((risos)) e que morava numa rua modesta... de São Francisco... e quando a velha morreu.. morreu na primavera... quando podia ter morrido no inverno e não chamava a atenção... MAS ELA MORREU na primavera e o cronista social da cidade descobriu... colocou na primeira página do jornal... madame Stanford... está de luto... porque morreu a sua tia... que era uma lady inglesa... que morava num bairro pobre... só para ver como pobre vive ((risos))... quando madame ficou revoltada... aquela infeliz tinha que

morrer na abertura da ópera?... agora tenho que... cuidar do luto... uma semana de luto dentro de casa... na manhã seguinte ela foi dizer ao marido... meu bem o que é que eu faço?... como é que eu vou ficar uma semana inteira dentro de casa?... porque há muita gente que não agüenta nem três dias... eu tenho uma amiga em salvador... quando ela perde o emprego... ela enrola uma caixa de sapato em papel de presente bota embaixo do braço... vai para a cidade entra numa loja entra noutra... depois volta... pra dar a impressão que ela foi fazer compras... a caixa de presente que ela leva... madame pergunta o que é que eu vou fazer?... E ELE que a amava:::era mais velho do que ela... disse meu bem porque é que você não vai brincar com nosso filho... porque há muita gente que tem filho de brincadeira... o homem:::... carregava na carteira a fotografia... olha aqui o herDEIRO... se é rapaz... olha aqui a garota:::ça... se é menina a mãe coloca um berloquezinho de ouro tem um filho dois três... só até aí... e aí ela fica contente... mas ainda não se deram conta com exceções... da magnitude de ser pai... de ser mãe... quando ele lembrou do filho... mas é verdade... vou brincar com Leland saiu a correr... foi para a ala esquerda da casa mansão... e quando empurrou a porta:::o filho estava no clavicórdio... tocando uma balada... era uma balada triste... madame entrou suavemente... ela amava o filho... ao seu modo... sentou-se no tapete espesso... colocou a cabeça na perna magra do menino... e olhou de baixo para cima... os olhos ver:::des nublaram-se de lágrimas... ele continuou tocando... ela emocionada disse toque mais:::... QUAndo ele parou ela perguntou meu filho:::que linda balada... ele disse é uma balada francesa da Normandia... que a minha babá me ensinou...E Você sabe cantá-la? O sim mãezinha... então cante-a para mim... a voz de um rouxinol magoado... começou a ecoar daquelas paredes ricas... ELE CANTOU... quando terminou madame chorava... e ela perguntou... meu filho o que significa esta história?... é uma história triste mamãe... é a história de uma criança... que morava na praia da Normandia filha de pescadores... diariamente:::... o pai:::e a mãe:::... levavam-no ... até um rochedo... o pai pegava o barco para ir pescar... a mãe dava adeus com o filho... e a tarde vinham buscar o pescador... todos os dias... até um dia... que o pescador não voltou... e a mãe ficou ali com o filho... Até a manhã seguinte... e ele não voltou... até o cair da tarde... e ele não retornou... até o outro dia... então ela disse meu filho... as sereias do mar roubaram-me teu pai... espera por mim... eu vou buscá-lo... e entrou no mar... e nunca mais voltou... oh Leland... que história triste meu filho... porque tu gostas desta história?... porque aquele menino da praia... se parece muito comigo... contigo?... sim mamãe... mas tu tens teu pai... é verdade... no mar dos negócios e da governância... mas tu tens a mim... mamãe vai... pelo mesmo mar... atrás de papai... eu fico sempre aqui esperando... que as ondas do mar da vida me devolvam... um ou outro... OH Leland... perdoa-nos... ((suspiro)) a partir de agora nós vamos brincar e sorrir...

vem comigo... e Leland... começou... a viver porque agora tinha sol... semelhante a uma planta bafejada pelo Heliotropismo... depois de quatro dias... ele perguntou mamãe... porque vida está tão diferente... você está dentro de casa... porque é que agora você passa o dia inteiro comigo?... porque estou de luto meu filho... e o que é luto mamãe?... é uma::((estalo de língua)) é um ritual social social quando morre alguém da família... a gente fica não deve se apresentar na sociedade... nas festas... mamãe... e morreu alguém da nossa família... morreu Leland... uma tia minha... E quantos dias vai durar o luto?... uma semana Leland... Mamãe e quantos tias você ainda tem?... ((risos)) não Leland... não é exatamente assim... então a vida naquela semana... foi diferente... no sábado... uma amiga de madame sabendo que ela estava triste e deprimida... porque não estava na rua... foi a ela e disse querida descobri uma coisa... Eu descobri que aqui... Em São Francisco existe um orfanato... e me veio a idéia... para você visitar o orfanato... você manda preparar... doces guloseimas... e amanhã vai na sua carruagem... com dois pagéns de libré... fazer a caridade aos órfãos... e eu vou avisar o jornal porque caridade é assim... tem que ser publicada pelo jornal... eu vou levar os jornalistas... e você sai... desta mansão... madame achou uma maravilha... deu ordens na cozinha... e no dia seguinte as nove da manhã... ela se vestiu de grife... desceu a escadaria de mármore... e entrou na carruagem que estava cheia de bandeja de prata... com doces guloseimas... e dois... funcionários de libré... bem vestidos... na hora que ela ia fechando a porta... Leland apareceu lá... na estrada do palácio... todo vestido de azul... como uma tela de Gainsborough... nunca havia passeado com mamãe na carruagem... mamãe agora que já o amava... olhou para ele e perguntou Leland:::tu queres vir comigo? Leland entrou correndo bateu a porta da carruagem... aonde vamos mamãe?... a um orfanato... mamãe... a carruagem partiu... que é orfanato... ora Leland tu não sabes?... não mamãe eu nunca ouvi essa palavra... orfanato:::... orfanato é um lugar onde tem órfãos... mamãe e o que são órfãos?... órfãos... tu não sabes?... não mamãe mas essas professoras de hoje não ensinam mais nada a ninguém... or/órfãos... como direi?... madame era magra era rica era bonita mas não era lá:::((risos)) órfãos... já sei... são esses moleques de ruas... são esses a ralé... são esses meninos que não tem pais e que não tem mães mamãe... e existem crianças que não tem mães? Existem Leland... mas não é o papai o governador da cidade?... porque que isso acontece?... política Leland... não nos envolvemos em política... e ademais é problema de Deus... não temos nada com isso mas mamãe... cala-te Leland... vamos ao orfanato... quando chegaram no orfanato... os órfãos apareceram à porta... e eles são iguais no mundo inteiro em todas as épocas... magros malcuidados mal penteados rasgados sujos... os dentes à mostra... os olhos desvairados... agressivos... esquecidos... quando Leland viu disse mamãe... os órfãos... são meninos e

meninas... como é seu nome...Tom... você... John... você... Mary... mamãe ele pegou uma bandeja... coma Tom... coma John... coma Mary e como os órfãos comem... ((risos)) comem com os olhos com a boca e com as mãos colocando no bolso... como eles comem... e Leland diz assim... mamãe veja Eles não tem comida e tem fome... e LÁ em casa tem tanta comida e eu não tenho fome... são os paradoxos... quando madame viu que ele estava envolvido com aquela ralé ela disse Leland... não te quero misturado com este povo... é a ralé da cidade não mamãe... são crianças não é Tom?... Leland... eu já fiz a minha caridade a caridade para esta gente é assim... tirou várias fotografias... estavam muito bonitas... posava fazendo a distribuição...agora voltemos... ele saiu assim correndo... EU VOU VOLTAR... os órfãos deram adeus... ele entrou na carruagem acenou pelo vidro... voltou-se para a mãe e perguntou mamãe... quando é que nós vamos voltar aqui... nunca mais... mamãe... nunca mais... não Leland... eu não te quero misturado com... os órfãos... tu és filho do senador... o governador da Califórnia é teu pai... é um dos homens mais ricos da América... eu não te quero misturado com esta gente... mamãe... você não sentiu um certo odor... que vinha de lá de dentro?... Leland eu senti muita coisa ruim... pois é mamãe... você se lembra que no natal meu padrinho me deu mil dólares... lembro é claro... coloquei... numa caderneta de poupança... no banco de seu pai... naquele tempo já tinha... caderneta... de poupança... já tinha na América... eu coloquei lá pra render nada Leland... então sabe mamãe... estou pensando em doar meus mil dólares para os órfãos não senhor... aquele dinheiro é teu... que teu padrinho te deu... mamãe o que são mil dólares para nós... você está usando agora um colar de pérolas da Índia que custou seiscentos mil e você tem vários não é pelo dinheiro... e que nós não vamos mais falar sobre órfãos... quando chegaram em casa... Leland correu para sua ala mamãe venha cá... de que lado está o orfanato?... alí Leland... ah mamãe então... é lá... que estão... os meus irmõzinhos os órfãos... Leland... tu és filho único meu filho... tu não tens irmãos... ah mamãe eu tenho que voltar ao orfanato... não iremos... no dia seguinte pela manhã... quando é que iremos voltar ao orfanato?... já te disse que nunca mais... no 3º dia... ele amanheceu febril... delirando... mãezinha leve-me ao orfanato... prefiro... qualquer coisa... a isso... Arrependo-me de ter te levado lá... chamado o médico... ele percebeu que era uma somatização... era uma febre... resultado de sua ansiedade... a única cura seria levá-lo ao orfanato ou tirá-lo dos Estado Unidos... prefiro a 2ª hipótese... faremos uma viagem a Europa... madame mandou preparar o seu iate de luxo... e logo depois anunciou que ia fazer um cruzeiro à Europa... levando o filho... Leland foi...ela na última hora preferiu pegar um grande paquete transatlântico... o marido e o povo... foram até o porto dar adeus... a medida que o navio desaparecia... Leland perguntava mamãe... de que lado está São Francisco ali... Leland... então é lá:::... que

estão:::... os órfãos... é Leland... chegaram a Barcelona... seu primeiro porto... mamãe:::... de que lado está a América?... Daquele lado meu filho... então deve estar... a oeste... São Francisco... e o orfanato... os meus irmãozinhos..... madame desvairava... viajou a Madrid... depois foi a Paris Londres Haia... desceu a Itália e em todo lugar... Leland perguntava... mamãe... aonde está San Francisco? É lá que estão meus irmãos órfãos... mas quando madame chegou a Roma... com seu filho no mês de agosto verão Europeu... as noites longas:::... Leland contraiu uma pandemia... a febre amarela... não havia cura na época... em um hotel de luxo na via Habia antiga... em todo o andar cercado de empregados... o menino começou a delirar na febre e madame ficou apavorada... chamou os melhores médicos da Itália... e eles disseram Senhora... não há cura... a febre amarela é um ciclo... e no término mata... madame não podia aceitar isso... ninguém pode curar meu filho na Europa... talvez ... o médico da rainha Vitória... mandem buscá-lo... se for necessário tragam a rainha... eu posso comprar a Inglaterra... mas salvem meu filho... uma carruagem saiu de Roma... e naquela noite de calor... madame... médicos... para-médicos... enfermeiros estavam... na imensa suíte... e Leland... pálido... o olhar esgazeado numa cama... coberta de cetim azul... de repente disse mamãe... leve-me a janela... madame carregou seu tesouro... uma enfermeira abriu... a cremaleira e as portas imensas... chegaram a sacada... a noite quente leland perguntou mamãe de que lado está São Francisco?... ali meu filho... fica bom Leland... para eu te levar... a casa dos teus irmãozinhos os órfãos... fica bom... mamãe eu estou tão cansado... madame trouxe e colocou seu tesouro sobre a cama... derepen:::te... ele aumentou.. o volume dos olhos e disse mamãe... ouça... a música mamãe... não meu filho... não tem música... é um delírio... mamãe... os órfãos estão chegando... Tom... John... Mary não Leland... é um delírio... mamãe... eles estão me chamando... eu já vou mamãe... mas antes de eu ir... meu filho não te vá... madame ajoelhou-se... segurou-lhe as mãos... não te vá mamãe antes de eu ir... eu quero lhe fazer um pedido mamãe... tudo que queiras... mamãe quando eu for... você será... uma mãe que não tem filhos não é?... é meu filho... mas você não irá o médico da rainha chegará daqui a pouco... mamãe... eu quero lhe pedir... que depois que eu me for... e você se tornar uma mãe que não tem filhos... que você se transforme... na mãe dos filhos que não tem mães... você me promete... prometo meu filho... mas não se vá... mamãe os órfãos estão sorrindo... eles cantam... até logo mamãe... a cabeça pendeu... os olhos verdes... ficaram abertos o médico correu... desceu-lhes as pálpebras madame deu um grito... e tombou inanimada... quando ela despertou... vestiu o seu filho... mandou embalsamá-lo... pediu permissão das autoridade para trazê-lo para a América... colocou-o no caixão de mogno... e tampo de cristal... e menos de 3 semanas depois... ela chegava a São Francisco... não era a mesma mulher... a DOR envelhecê-

ra-a... ela ficara curvada... a cidade inteira foi para o porto... o senador governador... levou... a orquestra sinfônica de São Francisco... e quando a guarda militar desceu aquele caixão... com o rosto de Leland... por debaixo do tampo de cristal... a cidade se comoveu... madame beijou o marido e disse ponham-no na carruagem.. e agora vamos ao orfanato... foi tocando... a marcha fúnebre de Chopin... quando chegaram ao orfanato... madame abriu as portas da carruagem... o caixão estava de pé... e parecendo louca ela começou a dizer meu filho... aí está os órfãos... perdoa-me Leland... por Deus... perdoa-me meu filho... aí estão os teus irmãozinhos os órfãos... levou o esquife para Pallo Alto... e no cimo do monte... ela plantou o corpo do filho amado... colocou uma lápide... de mármore branco de Carrara... onde escreveu... aqui dormem... os olhos verdes de meu filho... plantou uma trepadeira vermelha... para que na primavera o vento arrancasse pétalas de sangue... naquele ano... madame deu... 20 mil dólares ao orfanato... no ano seguinte... madame construiu... dois orfanatos... no imediato... o senador morreu... 20 anos depois... madame morava numa casa pobre numa ruela de São Francisco...e um jornalista brasileiro Felício Terra foi visitá-la... a veneranda velhinha... a ex rainha da moda americana...a cabeleira alva... um pouco rechonchuda... recebeu o jornalista com muito afeto e disse perdoe-me... mas eu não tenho cadeira para a visita sentar ... tudo que eu tinha... eu dei para meus filhos órfãos... toda a minha fortuna... tapeçarias quadros cristais jóias pratarias... porque eu descobri...que os órfãos... necessitam de mães... e de pães... mas também de educação... E ERGUI a universidade Stanford... EM Homenagem ao meu filho... é hoje uma das dez maiores universidades do mundo... foi alí... em 1908... que se conseguiu pela primeira vez... a fissão nuclear... em homenagem ao meu filho... então Felício Terra perguntou madame... e aqueles mil dólares... a senhora deu?... não... não eram meus... eram de meu filho... eu mandei fazer uma fundação... para educar qualquer criança órfã... de olhos verdes... em homenagem a meu filho... Deus é amor... e a doutrina espírita...emergindo... do grande silêncio da história... vem dizer que fora da caridade não há salvação... porque caridade é o amor na sua mais elevada expressão...porque o amor é a alma da vida... assim como a vida é a alma do amor...neste momento grave... a certeza de que nós continuaremos além do túmulo... que a morte não nos aniquila... que somos construtores da nossa vida através dos nossos atos graças a reencarnação...aquele homem que nasceu dois anos antes de Napoleão consagrar-se imperador dos franceses Allan Kardec... trouxe-nos... Jesus descrucificado... o consolador que ele prometera... para que pudéssemos enfrentar esta grande noite... que se abate sobre a humanidade... com ternura... com compaixão... com caridade... e... estes são dias muito graves... que nos pedem reflexão e prece... meditação e paz interior...não nos deixemos perturbar... nem afligir... não nos contaminemos com o ódio nem

de um lado... nem do outro... respeitemos a todos... e agradeçamos a Deus... a infinita honra de estarmos na Terra... neste momento... em que a grande noite vai dar lugar... a madrugada da era nova ...dizendo meu Deus...como eu gostaria de dizer-te que eu amo a vida... que para mim é bela e consentida... muito obrigado senhor pelo que me deste pelo que me dás... obrigado pelo ar pelo pão pela paz... muito obrigado pela beleza que meus olhos vêem no altar da natureza...olhos que fitam o céu... a Terra e o mar... que acompanham a ave ligeira que corre fagueira pelo céu de anil... e se detém na terra verde salpicada de cores em tonalidades mil... muito obrigado porque eu posso ver o meu amor... mas diante da minha visão... eu enxergo os cegos... que andam na escuridão tropeçam na multidão que vivem na solidão... por eles eu oro... e a ti eu imploro comiseração...porque eu sei que depois desta vida... nas outras vidas eles também enxergarão... obrigado pelos ouvidos meus... que me foram dados por Deus... ouvidos que ouvem... o tamborilar da chuva no telheiro... a melodia dos ventos no salgueiro... a música do povo que desce do morro na praça a cantar... a melodia dos imortais... que a gente ouve uma vez e não esquece nunca mais... a voz melodiosa canórica melancólica do boiadeiro e a dor que geme que chora no coração do mundo inteiro... pela minha faculdade de ouvir... pelos surdos eu te quero pedir... porque eu sei... que depois desta dor no teu reino de amor... eles voltarão a ouvir... muito obrigado pela minha voz... e pela sua voz... pela voz que ama que canta que ensina que alfabetiza que ilumina que legisla... que trauteia uma canção... e que teu nome profere com sentida emoção... diante da minha melodia... eu quero rogar pelos que sofrem de afasia... eles não cantam de noite... não falam de dia... oro por eles... porque eu sei que depois desta prova na vida nova... cantarão... obrigado... pelas minhas mãos... mãos que curam... mãos que semeiam mãos que agasalham... mãos de ternura... mãos que libertam da amargura... mãos que apertam mãos... mãos de solidariedade de caridade mãos dos adeuses... mãos... de cirurgias... de psicografias... de poesias... mãos... de sinfonias... pelas mãos que atendem a velhice a dor e o desamor... pelas mãos que embalam no seio o corpo de um filho alheio sem receio... e pelos pés... que me levam andar... sem reclamar... muito obrigado senhor porque eu posso caminhar... diante do meu corpo perfeito... eu te quero louvar... porque eu vejo na Terra aleijados amputados marcados infelizes paralisados e eu posso bailar:::... eu oro por eles porque eu sei que depois desta expiação na outra reencarnação eles também bailarão... muito obrigado por fim... pelo meu lar... é tão maravilhoso ter um lar... mas não é importante se este lar é uma mansão uma tapera um ninho de grabato doce se está numa favela... um bangalô seja lá o que for... mas que dentro dele exista a figura do amor ... o amor de mãe ou de pai de mulher de marido de filho de irmão a presença de um amigo alguém que nos dê a mão... pelo menos a companhia de um cão...

porque é muito triste viver na solidão... mas se eu... a ninguém tiver para me amar... nem um teto para me agasalhar ... nem uma cama para repousar... nem aí reclamarei... nem maldirei... pelo contrário eu cantarei... obrigado senhor porque eu nasci... obrigado porque eu creio em ti... pelo teu amor obrigado senhor... pela sua atenção... muito obrigado senhores...(aplausos))